



PROFHISTÓRIA

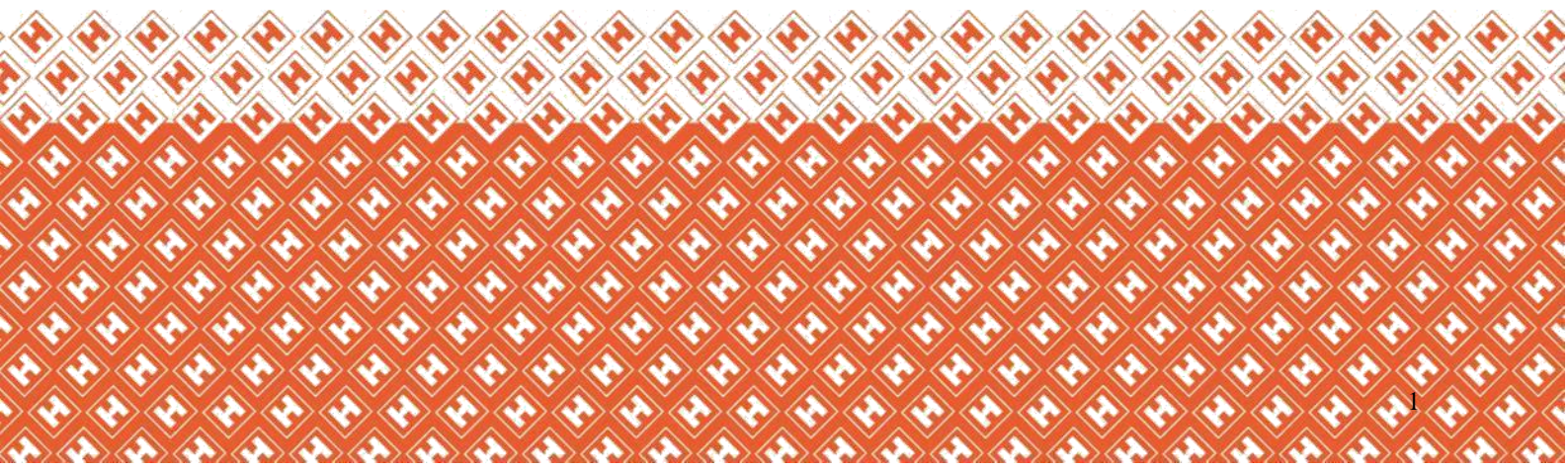
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

BRUNO DE MORAIS MARTINS FERREIRA

Os usos da memória na escola: Construção de narrativas a partir da experiência com os alunos de uma escola municipal na zona oeste do Rio de Janeiro.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Setembro / 2018





UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

**OS USOS DA MEMÓRIA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS A
PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL NA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO**

BRUNO DE MORAIS MARTINS FERREIRA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

**OS USOS DA MEMÓRIA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS A
PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL NA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO**

BRUNO DE MORAIS MARTINS FERREIRA

Orientador: Prof. Dr. Arthur Gomes Valle

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Mestrado Profissional em Ensino de História, área de concentração Ensino de História.

Seropédica, RJ

Setembro de 2018

Ficha catalográfica

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F886u Ferreira, Bruno de Moraes Martins , 28/04/1983-
Os usos da memória na escola: Construção de
narrativas a partir da experiência com os alunos de
uma escola municipal na zona oeste do Rio de Janeiro.
/ Bruno de Moraes Martins Ferreira. - Rio de
Janeiro, 2018.
111 f.

Orientador: Arthur Gomes Valle.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História
UFRRJ, 2018.

1. Ensino de História. 2. Saberes e práticas no
espaço escolar. 3. Cotidiano escolar e saberes
históricos. 4. Cidadania e identidade social. 5.
protagonismo estudantil. I. Valle, Arthur Gomes, 1975
, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História UFRRJ
III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFHISTÓRIA

BRUNO DE MORAIS MARTINS FERREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História - Mestrado Profissional, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Dissertação aprovada em 23/10/2018

BANCA EXAMINADORA



PROF. DR. ARTHUR GOMES VALLE (UFRRJ)

PRESIDENTE - ORIENTADOR



PROFa. DRa. PATRICIA BASTOS DE AZEVEDO (UFRRJ)

MEMBRO INTERNO



PROFa. DRa. WARLEY DA COSTA (UFRJ)

MEMBRO EXTERNO

À Renata Moreira, que teimou, insistiu, brigou, mas também deu colo, ânimo, força, coragem e uma dose inestimável de paciência e amor.

AGRADECIMENTOS

A palavra gratidão tem sido utilizada em larga escala nos últimos tempos. Tempos em que as pessoas necessitam que seja dito a elas o quanto devem ser gratas pelas coisas que acontecem em suas vidas. O ritmo da rotina e dos acontecimentos dos nossos dias nos faz esquecer de sermos gratos pela vida que nos foi dada, e fazer dela uma passagem iluminada de obras e realizações que dê sentido a ela, que tenha valido a pena ter vivido e ,que nossas ações durante ela, possam ter deixado um legado de bondade e amor. Por isso, é preciso agradecer pelas pessoas que estiveram comigo e por tudo o quanto fizeram para que esse momento fosse possível.

Agradeço a Deus. Sim, Deus. Ele está comigo desde que fui privilegiado com minha existência nesse mundo e me foi apresentado por minha mãe que, desde sempre, me ensinou que nada que acontece em nossas vidas não tenha a interferência de Deus. Eu tive provas disso. Portanto, Deus, obrigado por tudo.

Agradeço à minha mãe Eliane, nordestina, mulher, mãe, viúva, que fez tudo quanto pôde para que eu tivesse todas as condições para agarrar as oportunidades que a vida me ofereceu e, acima de tudo, me criou com liberdade, algo que não tem preço e que considero, depois do seu amor, o maior de todos os presentes. Obrigado aos meus irmãos, Fábio e Luciana, que por uma vida inteira terei a gratidão e amor por eles e por tudo o que pude aprender para a vida, fosse pelo exemplo, fosse pelos conselhos.

Obrigado à historiadora Renata Moreira, pelo enorme amor e principalmente, paciência durante a escrita dessa dissertação. Foram muitas noites sem dormir, noites de choro, angústia e dor, vontade de desistir, de fugir, mas que você jamais demonstrou qualquer sinal de que desistiria de me apoiar e me empurrar rumo a esse momento. Eu te amo. Agradeço pelo amor, carinho e admiração da Rosana, do Élcio, da Anna Karla e de toda a família Moreira e Almeida. Família que ganhei de presente e que me adotou como um dos seus através de um amor que pude aprender como é.

Meus agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Arthur Gomes Valle, pelo belo trabalho de mestre, com sabedoria, paciência e compreensão, inclusive nos momentos mais difíceis. Obrigado meu caro, pela parcimônia com que me orientastes. Obrigado também às

professoras Patrícia Bastos e Warley Costa por terem aceitado o convite para compor minha banca examinadora. Suas contribuições, sugestões e alertas foram tomados com atenção e carinho, para que esse trabalho fosse realizado dentro do propósito que mais me atraiu quando escolhi o ProfHistória, a aplicação do conhecimento acadêmico à prática docente, na forma do produto desse mestrado, que contribuirá para trazer uma melhor prática do ensino de história no meio escolar.

Meus agradecimentos à UFRRJ, pela infraestrutura necessária para a realização dos meus estudos e pesquisa dessa dissertação. Obrigado à CAPES pela bolsa de estudos, possibilitando que eu adquirisse os livros e materiais necessários para a realização da minha pesquisa e também a participação de congressos ao longo do curso de mestrado.

Obrigado a todos, por tudo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

RESUMO

Essa dissertação de mestrado trata da proposição de uma oficina de construção de narrativas pessoais de alunos dos anos finais do ensino fundamental (do sétimo ao nono ano) na Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva, localizada em Campo Grande, zona oeste do município do Rio de Janeiro. A importância da construção dessas narrativas de memórias dos alunos se dá na medida em que, na realização da oficina, os alunos serão protagonistas na construção do conhecimento histórico, tanto local quanto escolar. O arquivamento de si mesmo representa um passo importante na consolidação da identidade desses alunos com relação à localidade onde vivem, podendo contribuir para a noção de pertencimento com a escola. Para tanto, discutimos conceitos sobre currículo de História e a disciplina escolar História. Para a realização da oficina, utilizamos o momento das disciplinas eletivas que compõe o programa do Ginásio Carioca, nas quais são trabalhadas atividades com múltiplos temas, para além do currículo escolar prescrito pela secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro e dos PCN's. Ao fim da realização da oficina de construção de narrativas de memória, fez-se um levantamento qualitativo e quantitativo do material produzido, que sofreu diferentes classificações na sua análise. Acreditamos que os alunos, enquanto componentes da comunidade escolar, e que também fazem parte da comunidade do bairro que a envolve, podem ser responsáveis pelos registros da memória local de onde residem e, ao mesmo tempo, construir saberes históricos a partir de suas vivências, que também são parte da memória da escola. A materialização dessa produção de memória e conhecimento histórico local resultou na produção de um acervo de memória dos “alunos fundadores” da escola que ficará disponível para os futuros alunos, professores e demais membros da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de História – Saberes e Práticas no Espaço Escolar – Cotidiano Escolar e Saberes Históricos – Cidadania e Identidade Social – Protagonismo Estudantil – Registros de Memória

ABSTRACT

This master's dissertation revolves around a workshop in which students offered personal narratives about their final years in Ensino Fundamental (Primary School), from seventh through ninth grades, in Medalhista Mayra Aguiar da Silva Municipal School, west zone of Rio de Janeiro city. Once the students are the leading figures in producing school and local historical knowledge we are able to understand the importance of this workshop of narrative building. Filing themselves represents an important step towards these students' identity consolidation where they live - since many of them haven't lived in this community for quite some time - besides creating the sense of belonging towards the school and the awareness of school history. To do so, it was necessary to discuss concepts about History curriculum and History as a school subject. In order to accomplish this workshop, we used the elective discipline period, that is a part of Ginásio Carioca program, in which activities of different aspects are carried out beyond the school curriculum, dictated by Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro Department of Education) and PNC's. At the end of this workshop of narrative of memories, it was done a qualitative and quantitative data collection of the material, different classifications for analyzing students' depositions, as members of school community that are also a part of the area around it. These students can be an active part in recording local memory and, at the same time, in building historical knowledge - using their own life experience - that is also part of the school memory. An archive of these first student's memories will be available to future students, teachers and members of the community as the embodiment of this workshop of memory and local knowledge production.

KEY WORDS

Teaching of History – Knowledge and Experience in School Environment – School Life and Historical Knowledge – Citizenship and Social Identity – Student's Empowerment – Memory Record

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: O ENSINO DE HISTÓRIA E A DISCIPLINA ESCOLAR HISTÓRIA COMO OBJETO DO SABER ACADÊMICO ESCOLAR.....	16
1.1 O professor de história como produtor de conhecimento.	16
1.2 As narrativas dos alunos como fonte de pesquisa histórica	17
1.3 A história repensada e a história reconfigurada	21
1.4 A historiografia escolar e a produção de conhecimento.	24
1.5 A transposição didática e o ensino de história	27
1.6 Sobre o que é disciplina escolar	30
CAPÍTULO II: A OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOS ALUNOS FUNDADORES DA ESCOLA	32
2.1 A seleção de conteúdos e a construção da noção de tempo histórico.	33
2.2 O discurso como objeto de pesquisa e conhecimento histórico.	34
2.3 A inspiração para a realização da oficina	36
2.4 Ginásio Carioca, Projeto de Vida e os PCN's.	37
2.5 Protagonismo estudantil a partir da história local.	39
2.6 A oficina de construção de narrativas de memória	43
CAPÍTULO III: CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS RELATOS DE MEMÓRIA CONSTRUÍDOS DURANTE A OFICINA.....	50
3.1 Análise do conteúdo dos relatos.....	51
3.2 Critérios para a classificação dos relatos de memória.....	53
3.3 Milícia, violência e a heterogeneidade do material	61
3.4 A metodologia do paradigma indiciário.....	62
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	74
ANEXO I – APÊNDICE: GUIA DA OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE MEMÓRIA	76

ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS DOS ALUNOS DA OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE MEMÓRIA.....	79
ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	104
ANEXO IV – PROTOCOLO GERAL E PROTOCOLO HUMANOS	106
ANEXO V – TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO COMO PESSOA	110
ANEXO VI – TERMO DE ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO.....	111

INTRODUÇÃO

Algo que sempre me incomodou na prática docente, além da situação de falta de estrutura em que as escolas públicas normalmente se encontram — devido a omissões de políticas públicas que não priorizam investimento na educação e sucateiam as unidades escolares —, eram as práticas de ensino acomodadas ou automatizadas, em um fazer tradicional de passar os conteúdos, de seguir o currículo prescrito, obedecendo critérios rígidos, generalizantes, para poderem-se poder fazer uma avaliação também rígida, dura, única, que não leva em consideração aspectos peculiares, locais, históricos e socioeconômicos da região onde a escola se encontra, nem tampouco as particularidades de que são feitos cada indivíduo e cada comunidade.

Pensei que fosse viável e relevante trabalhar com uma proposta pedagógica que fizesse da construção histórica escolar dos alunos, baseada nas suas próprias histórias e nas suas próprias memórias, uma forma de construir um legado de memória dos alunos da primeira geração na escola onde trabalho, recém inaugurada pela prefeitura, na zona oeste do Rio de Janeiro, para, a partir desse marco histórico, gerar um acervo de memória da escola para as próximas gerações. Podemos pensar que a construção da história de uma comunidade passa também pela capacidade dos próprios sujeitos de registrar os fatos e acontecimentos nela decorridos, além de retomar a memória individual e coletiva, revivendo a história pessoal de cada um, que é única, como uma história coletiva do grupo e da comunidade da qual esses sujeitos fazem parte.

Então, o trabalho de resgate das suas memórias, lembranças, fatos pessoais, na escola, com a família, no ambiente religioso ou apenas no seu cotidiano com seus amigos, tem como objeto real de interesse os casos dessas histórias e memórias. A construção de narrativas como formas textuais têm como matéria-prima os fatos, as ocorrências do cotidiano individual ou coletivo nos grupos sociais de cada um dos alunos relatores dessas narrativas, focalizando aspectos da memória pessoal e da dimensão coletiva dos seus relatos, que ficarão registrados como documento histórico construído dentro do âmbito da escola.

Após uma experiência prévia no CIEI 433 Togo Renan — em Cosmos, Zona Oeste do Rio de Janeiro —, quando, em uma atividade de resgate de memória dos alunos das turmas de ensino médio que eu lecionava à época, surgiu a inspiração para montar

a oficina de construção de narrativas de memória com os alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Medalhista Olímpica Mayra Aguiar da Silva, que é o objeto central da presente dissertação.

Nosso trabalho procura colocar os alunos da escola em uma posição de protagonismo estudantil na construção de registros das suas próprias memórias e também da memória da escola. Cremos que essa proposição didática possibilita que os alunos desenvolvam sua consciência de tempo histórico através de um estudo de narrativa de vida e assim desenvolvem a noção de história local.

Esta dissertação de mestrado tem como objeto de trabalho e pesquisa, portanto, a realização da oficina para construção de narrativas de memória dos alunos da escola. No seu primeiro capítulo apresentamos um levantamento teórico bibliográfico que mescla autores clássicos e modernos, de cujas obras extraímos nosso arcabouço teórico acerca de conceitos como: historiografia do ensino de história; o que é disciplina escolar; transposição didática; história local; currículo; o papel do professor como um agente do processo de ensino aprendizagem. Os estudos que citamos possibilitaram um embasamento teórico e metodológico importante para que a pesquisa se desenvolvesse, sobretudo na hora da análise dos relatos dos alunos, que veremos mais adiante.

No segundo capítulo, é feita a descrição e o registro da realização da oficina de construção de narrativas de memória, cuja execução aconteceu dentro do horário separado pela escola para disciplinas eletivas, ou seja, disciplinas de assuntos variados, escolhidos pelo professor, independente das disciplinas curriculares da escola. Nesse capítulo também discutimos o programa da prefeitura do Rio de Janeiro, intitulado “Ginásio Carioca”, que tem como objetivo atender crianças e adolescentes de áreas carentes de unidades escolares, oferecendo ensino em horário integral e o Projeto de Vida, no qual se incluem as referidas disciplinas eletivas, lugar da realização da oficina de que se trata esse trabalho de pesquisa. É também nesse capítulo que descrevemos as etapas da proposição aos alunos, a execução das tarefas para a construção dos seus relatos de forma livre e a idealização de um livro de memória dos alunos fundadores da escola. Todas as etapas estão pautadas no princípio do protagonismo estudantil, com os alunos tomando a iniciativa do que estão produzindo em suas ações.

No terceiro capítulo é realizada a classificação dos relatos segundo critérios determinados durante a pesquisa, utilizando a técnica de detectar da recorrência de elementos semânticos nos textos, fazendo uma análise de conteúdo no estudo realizado a fim de

categorizá-los. Após essa categorização, foi realizada uma reflexão sobre a produção e sobre os conteúdos desses relatos, seguindo como norteador o método indiciário de Ginzburg e os métodos de análise do conteúdo de Bardin. Nesse momento, o que mais chama a atenção para os trabalhos é a riqueza de informação, mesmo após certa resistência por parte dos alunos com relação à escrita.

Ao longo dos encontros da oficina, acabamos sendo surpreendidos com algumas intercorrências, como casos de falta de água para que as aulas continuassem ou mesmo casos de violência, envolvendo alunos da escola. Essas intercorrências impossibilitaram em vários momentos a concretização do nosso planejamento; porém, no geral, a oficina foi realizada com efetividade, tendo apresentado um retorno positivo para a formação da noção de cidadania entre os alunos e o desenvolvimento da noção de que a história local e suas próprias histórias também podem ser estudados na escola, para além da história dos livros didáticos.

Finalmente, todos os cinquenta e oito relatos foram transcritos, levando em consideração a forma da escrita dos alunos, ordenando-os numericamente, tendo os nomes dos seus autores preservados, visto que são todos menores, seguindo orientação das normas da Comissão de Ética da UFRRJ. Os relatos também foram classificados segundo critérios estabelecidos através da observação da recorrência dos eventos e também dos elementos no texto que justificavam as respectivas classificações.

CAPÍTULO I: A HISTORIOGRAFIA DO ENSINO DE HISTÓRIA E A DISCIPLINA ESCOLAR HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE MEMÓRIA COMO OBJETO DO SABER ACADÊMICO E ESCOLAR

1.1 O professor de História como produtor de conhecimento.

O professor de História, enquanto autor de uma aula, ao construir uma narrativa que traduza o saber a ensinar em um saber ensinado, esbarra necessariamente em um desafio do processo de ensino-aprendizagem: o de levar alunos e alunas a pensar e refletir criticamente sobre o passado histórico. O ensino de História, sendo o conjunto das nossas práticas no campo do conhecimento científico e escolar, configura um objeto que é a ciência produzida pelo ensino de História. A História escolar não é simplesmente um produto diminuído ou adaptado da produção do conhecimento científico trazido à sala de aula. Ela é a escolha de objetos do conhecimento histórico que entram em diálogo com outros saberes, sejam eles acadêmicos ou, no caso do nosso trabalho, as vivências dos alunos da escola onde foi realizada a pesquisa.

O ato de conferir protagonismo aos alunos para que eles produzam suas fontes históricas, propiciando assim que eles desenvolvam as noções da temporalidade, de transformações do tempo histórico, de tempo cronológico e de tempo psicológico, pode ser inserido em uma proposta curricular considerada tradicional, pois está previsto nos currículos da rede pública estadual (SEEDUC, 2012) e municipal (SME, 2016) do Rio de Janeiro. Nesse sentido, foi escolhido o tema gerador “temporalidades” como eixo norteador dessa pesquisa, sendo necessária uma reflexão mais séria acerca dele. A opção da seleção dos conteúdos significativos decorre de um consenso sobre a impossibilidade de ensinar “toda a história da humanidade” e a necessidade de atender aos interesses das novas gerações, permanecendo atento às condições de ensino (BITTENCOURT, 2009, p. 140).

Alguns contam histórias para seus leitores por meio de textos escritos elaborados após laboriosa pesquisa teórica e documental – são os historiadores, em sentido estrito. Outros contam histórias para um auditório especial – os alunos de uma turma – por meio de um texto diferente – a aula de História –, tecido a partir de desafios que reiteradamente se apresentam sob a forma de questões: por que contar? para quem contar?

o que contar? como contar? Esses são os professores de história, autores de cada uma de suas aulas, produtores de um texto não necessariamente escrito. Professores de história também fazem história; e, assim, somos historiadores. Contamos histórias aos alunos, a aula de história desdobra-se em inúmeras aulas, desde o 6º até o 9º ano do Ensino Fundamental. Cada uma das aulas é potencialmente um texto original, uma exposição oral; a proposta de leitura de textos de natureza diversa; e/ou a realização de uma ou mais atividades no decorrer da aula, e não apenas em sua parte final.

Uma exposição oral que destaca a relevância dos novos conteúdos e/ou identifica atores e vozes diferentes em uma experiência histórica, pode criar situações que incentivam a participação oral dos alunos, permitindo que estes vivenciem o valor e a importância do ato de argumentar, entre outras possibilidades. Algo semelhante pode ser produzido com a proposta de leitura de pequenos textos de autoria do próprio professor, de cadernos de História, de livros didáticos e paradidáticos, de trechos da historiografia acadêmica, de textos literários, de jornais e revistas, de letras de música, de fragmentos de documentos de época, de imagens de diferentes tipos e diversos suportes (pinturas, esculturas, fotografias, desenhos, charges, filmes etc.). Há ainda atividades que abrem a possibilidade de o aluno operar com noções e conceitos históricos, identificar regras e normas, vivenciar valores e juízos, operar com as noções de tempo e espaço, identificar os critérios que forjam as classificações sociais, bem como as inúmeras relações que os homens estabelecem entre si e as múltiplas e variadas formas de relação com a Natureza. Pode-se contar histórias a partir dos desafios e questões colocados pela vida presente; por acontecimentos não apenas extraordinários, mas também da vida cotidiana; e pela própria vida dos alunos.

1.2 As narrativas dos alunos como fonte de pesquisa histórica.

Narrar uma, várias, muitas histórias. Narrar histórias das diferentes experiências vividas pelos homens em tempos e espaços diversos — experiências históricas. São narrativas que deverão propiciar ao aluno não apenas conhecer, mas antes de tudo compreender a diversidade dessas experiências como condição para estar no mundo — sua morada. Em um mundo globalizado, cuja dinâmica se expressa de modo marcante no âmbito local, as narrativas históricas devem possibilitar a compreensão das diferenças que distinguem povos e culturas, no passado e no presente, bem como o reconhecimento e a valorização das múltiplas identidades em uma mesma sociedade.

Há narrativas que permitem revisitar o passado, em um jogo entre memória e amnésia, de modo que determinadas experiências históricas traumáticas devem ser (re)lembradas como uma das condições para serem (mais uma vez) repudiadas. Esse é o caso, por exemplo, das experiências totalitárias do século XX que, assim como outras, não devem ser esquecidas pois são uma oportunidade para evidenciar a longa e penosa luta de homens e mulheres em diferentes partes do mundo pela conquista de direitos políticos, civis e sociais. Há ainda narrativas que, ao propiciarem a descoberta do outro, propiciam também a progressiva descentralização daquele que é educado, criando a oportunidade de refletir a respeito do desafio do convívio na diversidade; da garantia aos cidadãos e aos povos, tanto do direito à igualdade, quanto do direito à diferença; do repúdio às desigualdades de toda e qualquer natureza. Narrar uma, muitas experiências vividas pelos homens – narrar um tempo histórico.

A questão do retratar a própria vida e exaltar os elementos da mesma para que sejam identificados visando à classificação dos relatos de memória, nos remete ao estudo de Philippe Artières intitulado *Arquivar a Própria Vida*, no qual lemos que

“existem poucos acontecimentos que não deixam ao menos um vestígio escrito. [Se] quase tudo, em algum momento, passa por um pedaço de papel, uma folha de bloco, uma página de agenda, ou não importa que outro suporte ocasional sobre o qual se inscreve, numa velocidade variável e segundo técnicas diferentes, de acordo com o lugar, a hora, o humor, um dos diversos elementos que compõem a vida de todo dia,” não conservamos senão uma parte ínfima de todos esses vestígios. (ARTIÈRES, 1998, p. 9-10).

Isso quer dizer que passamos parte do nosso tempo arquivando as nossas vidas. Creio que devemos levar esse nosso próprio esforço em consideração ao fazer um estudo que seja relevante sobre a história das pessoas na localidade onde uma escola e seus alunos estão inseridos, como a escola onde realizei o meu trabalho de pesquisa. Por meio dessas práticas “microscópicas”, construímos uma imagem para nós mesmos, e às vezes, para os outros.

Porém, as classificações de arquivamentos de nossas próprias vidas são constantemente fluidas, pois mal acabamos por nos estabelecer em algum lugar de nossas memórias e já não podemos mais nos servir lugar dele: qualquer que seja o acontecimento atual, este faz com que tudo se modifique. Como acrescenta Artières:

Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta

pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. (ARTIÈRES, 1998, p. 11)

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem o lugar a um movimento de subjetivação.

Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais com a preocupação com o eu. Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998, p. 11). O discurso pessoal ou um depoimento é feito de forma a exemplificar as ações do indivíduo que está criando essa narrativa em sua história. Sem necessariamente emitir um discurso científico, pois o autor não é um historiador, este tende a estender seu caso à prática da autobiografia, que é o arquivamento da própria vida, ou seja, seu próprio testemunho.

Artières apresenta a construção da narrativa autobiográfica como sendo fruto das nossas ações enquanto seres humanos dotados da escrita. A escrita é tida como o elemento primordial do registro da memória do ser humano a partir do seu estabelecimento. Causou-me alguma estranheza, porém, o fato de não serem levados em consideração por Artières os registros orais como forma de disseminação dos registros de memória entre povos que não possuem ou não possuíam escrita. Entendo que o artigo de Artières disserta sobre os registros escritos de pessoas que construíram narrativas autobiográficas entorno de suas lembranças. Mas também temos que levar em consideração que, escritos ou não, o lembrar e o esquecer tomam formas elegíveis segundo o discurso adotado pelos seus construtores: “arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento de sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício” (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

O autor chama a construção da narrativa autobiográfica de “arquivamento do eu” e o define como sendo muitas vezes a única oportunidade do indivíduo de se fazer ver tal como ele mesmo se enxerga e/ou tal como ele gostaria de ser visto. Narrar a própria vida é reunir os elementos que o indivíduo escolheu para que, em sua própria defesa, haja peças suficientes para que as representações construídas pelos outros sejam refutadas, desafiando

a ordem das coisas. O arquivamento da nossa própria vida não se encerra no momento em que a registramos. Até o último instante, refazemos essa trajetória, o que nos leva incessantemente à remontagem das nossas narrativas acerca do nosso cotidiano, nossos fazeres e saberes particulares. A narrativa autobiográfica tem uma função pública, é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, escrevendo um livro da mesma que ficará para a posteridade, mesmo após a própria morte.

Ao contrário de ser uma prática de submissão, a constituição de arquivos pessoais provoca um poderoso processo de subjetivação da memória, uma vez que, com o intuito de arquivar a própria vida, o indivíduo inventa uma identidade em torno das representações que foram feitas dele. Nesse sentido, Artières recorda, por exemplo, o caso de um criminoso chamado Nougier que imaginou um discurso híbrido entre o que ele pensava sobre si e o que diziam sobre sua pessoa para, num ato de resistência, deixar a interpretação de sua narrativa mais introspectiva de início. Porém, ao saber que suas memórias seriam lidas por terceiros, Nougier torna seus registros mais apurados.

Na história aqui reconstituída dos arquivos pessoais de Nougier podemos ver, parece-me que de maneira notável, ao mesmo tempo as dificuldades de uma prática de arquivamento do eu e as questões nela implicadas. Eu gostaria agora, mais rapidamente, de identificar as modificações que o redator faz no arquivamento da sua vida, de analisar o exercício da reescrita a que ele se entrega e de assinalar que aspectos da sua vida ele oculta ou ao contrário valoriza.

No seu primeiro relato autobiográfico, Nougier escreve espontaneamente a história da sua vida na primeira pessoa do singular, sem usar nenhum artifício narrativo. O relato está em estado bruto. Isso não acontece mais com as "Lembranças"; para contar sua vida a Lacassagne, o rapaz escolhe se colocar em cena num diálogo imaginário com um passarinho. Nesse dispositivo, o passarinho não é apenas a metáfora animal de Nougier, ele encarna também a figura do médico, e com efeito o passarinho que orchestra e comenta as confidências do prisioneiro. Por meio desse diálogo, o autor reproduz as condições do exame médico-legal, aquele cara a cara ora ruidoso, ora silencioso do criminoso com o médico. A presença do pardal permite a confissão, o pássaro é, ao mesmo tempo o confidente e o observador. A maneira de Lacassagne, ele realça as condições da enunciação da confissão; em suma, o pássaro é a sombra do leitor. (ARTIÈRES, 1998, P. 20-21)

O conceito de arquivamento da própria vida é relevante para a presente dissertação na medida em que nosso trabalho consiste justamente no registro das narrativas dos próprios alunos como forma de construção de acervo histórico e de memória da escola. Diante disso, pensamos no ensino de história local e nos seus desafios para a formação da

consciência histórica nos alunos da escola e, por conseguinte, na comunidade, estimulando também a noção de pertencimento.

A memória da escola é construída a partir das narrativas dos alunos sobre seu cotidiano, tanto na escola quanto fora dela, pela comunidade atendida pela mesma. Este material produzido pelos alunos é muito heterogêneo e passa pelo estudo sobre história local e o debate historiográfico que traz ao centro da questão o protagonismo do estudante na produção do conhecimento. Dessa forma, o estudo do ensino de história pode fazer sentido, pois ganha significação para o aluno como o sujeito que produz conhecimento.

Quando foi oferecida a disciplina eletiva com o tema “Oficina de construção de narrativas de memória”, atribuí aos alunos o título de “alunos fundadores,” por serem eles a primeira geração de alunos daquela escola, inaugurada em setembro de 2016. Esse título, “alunos fundadores” da escola, traduz bem o protagonismo proposto pela oficina, pois propõe um trabalho que traz uma discussão teórica consistente que envolve duas questões nas quais focaremos nossa atenção. Uma é o aprofundamento teórico sobre o ensino de história e a outra o movimento de reflexão sobre a prática pedagógica proposta.

1.3 A História Repensada e a História Reconfigurada

Para entendermos sobre o que é história e como estudamos a história a partir dos relatos e discursos das pessoas levamos em consideração a contribuição do historiador inglês Keith Jenkins em suas obras *A história repensada* e *A história reconfigurada*. Na primeira obra, Jenkins faz uma crítica à forma clássica ou tradicional de encarar o estudo da história por meio de instrumentos metodológicos privilegiados que garantem ao historiador acesso especial aos fatos do passado de modo científico. É a ideia de que os fatos do passado são desvendados apenas pelos conhecimentos tradicionais sobre como lidar com as fontes, por exemplo. A crítica de Jenkins é baseada numa diferença entre passado e história, pois se a história tem como base de estudo o passado, este só pode ser acessado através dos discursos, da leitura, elaboração de textos, do trabalho de interpretação, etc. Segundo o autor inglês, “o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a ‘realidade’” (JENKINS, 2013, p.28). A partir dessa ideia, podemos pensar que o passado, estudado pelos historiadores como um objeto estático a espera de ser desvendado em sua verdade, não existe. Jenkins busca

mediar o diálogo entre essa forma de pensar o passado como não existente e a ideia de que este esteja aberto a qualquer interpretação.

Enquanto Jenkins faz as definições do estudo sobre o que é história, a função do historiador sobre a sua profissão, seu trabalho com as fontes. etc. Ele também reflete sobre questões referentes ao trabalho do professor de história dentro da sala de aula. Jenkins não se limita somente na questão do ofício do historiador, ele também discute sobre o universo da sala de aula.

Ele não exclui a sala de aula da sua análise: em seu texto, traz experiências da vida escolar, experiências da vida acadêmica, demonstrando seu compromisso como professor de uma faculdade de formação de professores; ele tenta pluralizar a história e o espaço da sala de aula, o fazer diário da função do professor de história e relaciona o currículo acadêmico aos currículos escolares a partir da prática docente que o tempo todo é permeado na linha de pensamento do autor. Ele trabalha temas do campo do sistema educacional inglês que são apresentados e debatidos por ele no seu primeiro livro e que podem ser perfeitamente trazidas para a nossa realidade educacional brasileira. Assim, acredito que a relevância da obra de Jenkins para o meu trabalho de pesquisa se justifique a partir do momento que não só ele traz uma análise bem estabelecida, concreta e também bem aceita sobre o ofício do historiador e o uso que esse faz das fontes, mas também acredito que nos apresenta boas reflexões para analisar teoricamente a questão do trabalho do professor de história, sobretudo no ensino básico.

O trabalho de Jenkins pode nos auxiliar a responder a questão sobre o que é História. Para o autor, a definição do termo História pode ser encontrada na forma do discurso, numa maneira de descrever o mundo em uma perspectiva que buscaria desvendar o passado através da sua análise. Para isso, temos que procurar entender como podemos conciliar passado e história, respondendo questões de ordem metodológica, epistemológica ou ideológica que dão o formato do relato a ser classificado como histórico. Jenkins critica a percepção da história como a busca pela verdade sobre o passado. Uma pesquisa histórica baseada em relatos só é confrontada com outros relatos: por isso estaria sempre sujeita a revisões, na medida que surgissem novas fontes que nos fizessem interpretar os relatos novamente para que pudéssemos enxergar aquilo que nos é apresentado através do discurso desses relatos.

Seguindo o raciocínio do autor inglês sobre o que nos faz estudar a história ou através de que elementos o estudante de história se debruça para encontrar a verdade dos

fatos, penso que torna-se mais pertinente nos questionarmos sobre para quem é essa história. Mudar esse questionamento significa mudar a abordagem do historiador ou do estudante de história, na medida que esse estudante já venha cheio de valores previamente estabelecidos, escolhas epistemológicas e metodológicas que o levam a ter uma certa forma predefinida de interpretação dos relatos. Esses relatos devem ser escritos e aí surgem formas de estilo, estado, público alvo, que vão gerar uma reação, que varia de acordo com o contexto, seja uma disputa de poder ou hábitos de interpretação (JENKINS, 2013, p.47-48).

Portanto, existe uma série de situações nas quais um tipo ou outro de abordagem torna-se adequada ou não à figura do historiador. A história aparece como sendo o que os historiadores fazem, na construção e interpretação de textos que buscam descrever o passado.

Jenkins discute a respeito das fontes primárias e secundárias em seu livro. Ele afirma que “nunca se pode conhecer realmente o passado, que as fontes não estão tão profundas para estabelecermos a verdade sobre elas” (JENKINS, 2013, p. 79). Assim, quando o historiador ou o estudante de história elaboram seus relatos, estão fazendo estudos comparativos. Portanto, se formos aos originais, poderemos conceber que estamos adquirindo conhecimento verdadeiro, profundo, pois os originais assim nos parecem (JENKINS, 2013, p. 79).

Na segunda parte do primeiro livro, Jenkins tenta mostrar como a adoção desta distinção entre passado e História juntamente com a aceitação da dimensão narrativa e imaginativa presente na atividade do historiador dissolve diversas interrogações desta disciplina. A percepção de que a verdade é criada e não descoberta traz consigo o questionamento das estruturas de poder que fomentam a reificação de certos discursos como inquestionáveis. A tarefa do historiador de buscar uma interpretação equilibrada entre o ceticismo e o consenso é questionada.

Algum tempo depois, seguindo a linha do discurso da pós-modernidade, Jenkins afirma que a nossa sociedade está vivendo atualmente nesse período. Ele diz que a impossibilidade de ou descrença em metanarrativas é um aspecto inelutável que acompanha a aceitação da contingência e historicidade da nossa própria forma de perceber o mundo e de nos percebermos. Nesse sentido, Keith Jenkins escreveu *A História Refigurada*, obra na qual trabalha a questão da pós-modernidade na história e como é a História segundo esse paradigma. A ideia central desse trabalho de Jenkins é a de

demonstrar que a abertura inevitável proporcionada pelas perspectivas pós-modernas tem permitido releituras e reescritas do passado fazendo surgir uma história sempre refigurada. Nesse sentido, Jenkins tentou mostrar a impossibilidade de reduzir ao finito as infinitas possibilidades do pensar sobre o que a história pode ser (JENKINS, 2014, p. 33). O trabalho de Keith Jenkins é importante para esta pesquisa porque o objeto da mesma são os relatos de memória dos alunos e, para analisá-los, não se debruça sobre eles de qualquer maneira. É preciso escolher quais os critérios a serem utilizados para que essa tarefa seja desempenhada da forma mais satisfatória possível, interpretando o conteúdo presente nos relatos produzidos pelos alunos. A forma e os critérios a serem utilizados especificamente para essa análise dos relatos dos alunos serão apresentados mais à frente, no capítulo que trata da análise e classificação desses relatos de memória.

O que podemos aprender com o trabalho de Jenkins é que, para descobrirmos o que é história ou como separamos o passado da história, precisamos nos ater às camadas mais originais daquilo que estamos pesquisando, ou seja, quanto mais próximos das fontes primárias nós chegamos, mais estaremos prontos a conhecer o que se diz sobre determinado discurso, sem devaneios ou posicionamentos preestabelecidos. Isso nos é praticamente impossível, na medida que não nos despimos de nossas posições políticas, princípios etc. Mas ele propõe que sejamos mais céticos ao interpretar uma fonte ou ao analisar um discurso histórico, pois esse é um ceticismo positivo e reflexivo, uma atitude que considera o conhecimento uma coisa boa, e que não se torna ruim, o conhecimento cético, que temos como uma cultura, nos mostra “os limites do conhecimento com pretensões à certeza que outrora julgamos possuir” (JENKINS, 2014, p. 91).

1.4 Historiografia escolar e a produção de conhecimento

Um ponto a ser levantado para questão é: o professor é o agente da escola? Ou ele pode estar submisso ao processo e oprimido por ele? Estas questões foram levantadas a mim pela banca examinadora durante a qualificação do projeto desta pesquisa. Eu penso que o professor pode e deve ser um agente da escola, visto que é produtor de conhecimento e um influente articulador entre os alunos através das suas práticas pedagógicas, podendo perfeitamente romper as barreiras da submissão que possam estar oprimindo-o, seja um sistema educacional que o limite em suas ações ou uma série de condições socioeconômicas e/ou políticas que o leva a percorrer pelo caminho da prática pedagógica

,seguindo tão somente o currículo prescrito a partir da matriz curricular fechada de um sistema de ensino.

Para que o presente estudo seja situado na discussão teórico-metodológica pertinente, faz-se necessário apresentar a discussão do lugar do ensino de história no currículo, bem como falar da diferença entre o lugar da história como disciplina escolar no currículo e a construção da consciência histórica. Este trabalho de pesquisa realiza, na verdade uma discussão social sobre o lugar onde a escola está inserida e sobre o protagonismo do aluno nessa oficina, pois são eles os produtores do conhecimento – são, portanto, agentes formadores da história e da memória da escola na comunidade. Keith Jenkins diz que a história é construída linguisticamente, através de imagens, narrativas escritas e através de objetos. Nos resta buscar entender o que pensar da memória e o seu papel no Ensino de História.

Embora não haja a menção da oralidade no presente trabalho, não podemos deixar de mencionar a importância do discurso oral na construção da história e da memória da comunidade, seja através dos meios que forem. Porém, como o objeto de trabalho dessa pesquisa atravessa a narrativa construída na forma escrita e imagética, optei por focar na construção escrita.

A tese de Fernando Penna, *Ensino de história: uma operação historiográfica escolar* (2013) norteia de forma relevante nosso trabalho para o entendimento teórico das questões sobre o que é disciplina escolar, sobre ensino de história e a posição da disciplina escolar no currículo e como a operação realizada pelo professor cotidianamente na sua prática docente tem o objetivo de produzir uma história escolar local através do ensino de história para os seus alunos dentro ou fora da sala de aula.

As operações em que consiste no conhecimento histórico empreendido em ação. Essas ações estão definidas a partir do uso da operação para pensar outros processos de produção do conhecimento histórico além do que se produz dentro do meio acadêmico. Para embasar melhor o argumento apresentado, em Chevallard (1997), existem dois regimes de conhecimento diferentes: um está ligado ao saber história, o outro compreende ao saber ensinar história. Ainda há uma parte desse processo que é a perspectiva de quem está na posição do estudante, que aprende a história como disciplina escolar sob as diversas perspectivas captadas, através do que estudado no currículo prescrito ou produzido por ele mesmo, como protagonista do conhecimento histórico.

A pesquisa no campo do ensino de história na educação básica tem como uma de suas principais pesquisadoras Ana Maria Monteiro, que no artigo intitulado *Ensino de História: saberes em lugar de fronteira*, defende a proposta de que as pesquisas sobre ensino de história sejam realizadas em um lugar de fronteira entre o campo da educação e o campo da história. Não levar em consideração as contribuições do campo educacional para o ensino de história é correr o risco de ignorar valorosas reflexões sobre a especificidade da prática pedagógica. Portanto, não considerar o campo da história para o desenvolvimento dos estudos sobre o ensino de história incorreria em equívoco semelhante. Com base no tema ensino de história, Fernando Penna em sua referida tese de doutorado, , afirma que a explicação histórica no ensino de história escolar não tem os mesmos objetivos e não segue as mesmas regras do conhecimento histórico produzido na academia. Em Chevallard (1997, p. 27), encontramos a afirmação de que existem dois tipos de saber diferentes, porém, estão relacionados entre si e que a teoria da transposição didática pode nos ajudar a pensar essa relação.

Paul Ricoeur faz uma afirmação que explica o emprego do termo historiografia para “designar a própria operação em que consiste o conhecimento histórico empreendido em ação” (2007, p. 148). É bom lembrar que Ricoeur está se referindo à ação da historiografia no campo acadêmico. Se aplicarmos essa forma de pensar no campo do ensino de história na escola, não observamos esse alinhamento entre o que se estuda na academia e o que se estuda ou produz como conhecimento dentro do âmbito do ensino de história na educação básica. Pois, se ampliarmos o espectro do alcance epistemológico para incluir outras formas de produção do conhecimento ou mesmo a possibilidade de haver outro tipo de registro histórico, o conhecimento histórico em ação não se limitaria ao meio acadêmico, mas também a escola.

Portanto, o termo historiografia teria sua definição reformulada para incluir estas outras operações, e nesse sentido, nos preocuparemos com o lugar do ensino de história nas escolas – operações historiográficas nas quais o conhecimento histórico é empreendido em ação. Ao pensar o ensino de história estamos nos referindo à proposição didática de realização da oficina de construção de narrativas que tem como objetivo a produção de conhecimento histórico escolar, o ensino de história na sala de aula e a análise desse conhecimento histórico escolar utilizando o material produzido pelos alunos na oficina de construção de narrativas de memória.

Na tese de doutorado de Ana Maria Monteiro, intitulada *Ensino de História: entre saberes e práticas* (2002), podemos observar a referência teórica que nos ajuda a entender como, durante as aulas, os professores produziam, dominavam e mobilizavam saberes plurais e heterogêneos para ensinar o que ensinam, ou seja, como explicavam os conteúdos da disciplina aos alunos fazendo com que entendessem e aprendessem. Pensando nesse sentido, a proposta didática da oficina de construção de narrativas traz os alunos para a posição de protagonistas do processo de construção da memória histórica escolar, na medida em que eles estarão produzindo o objeto de estudo histórico escolar. Monteiro, diz ainda que, para Forquin (1992), existem diferenças substanciais entre a exposição teórica e a exposição didática. A primeira leva em conta o estado do conhecimento; a segunda, o estado de quem conhece, os estados de quem aprende e de quem ensina, sua posição com relação ao saber e a forma institucionalizada da relação entre ambos nos seus respectivos contextos sociais. Isto posto, não se trata só de fazer compreender, mas de fazer aprender de forma naturalizada, ou seja, não induzida pelo educador ou pelo aluno, mas oriunda de aspectos culturais e inerentes a ambos (FORQUIN apud MONTEIRO, 2002, p.78).

Portanto, a constituição do saber escolar é baseada numa compreensão da educação escolar sem limites para escolher elementos culturais de certo momento histórico que tem por função tornar esses saberes transmissíveis e assimiláveis. Para isso, é necessário organizar e estruturar o processo da transposição didática de forma a compor uma cultura escolar tão original aos aspectos culturais do contexto onde é situada a ponto de seu ensino transcender os limites da escola (FORQUIN apud MONTEIRO, 2002, p. 78).

1.5 A transposição didática e o ensino de História.

Sobre o conceito da transposição didática, Monteiro segue com o estudo do trabalho de Chevallard (1991), que opera com o conceito de sistema didático, uma relação ternária que liga o docente, os alunos e um tipo de saber que não necessariamente precisa ser da disciplina escolar em questão. A partir dessa proposição, inicia-se uma investigação do objeto do saber, procurando entender qual é a sua relação com o docente ou qual a sua relação com o saber acadêmico, qual a sua relação com os alunos.

Chevallard apresenta os vários saberes que se constituem no processo de transposição didática no sentido mais amplo, dos quais o saber acadêmico é sempre anterior ao saber ensinado. Esse saber ensinado é naturalizado como alguma coisa que não pertence a tempo nem a lugar nenhum e não se legitima mediante a autoria de quem quer que seja. O saber

ensinado possui a evidência incontestável das coisas naturais. É como se fosse, num tema de aula de história, algo a ser compartilhado entre todos, tendo sido proferido por professor ou aluno, independentemente de onde este surgiu. Para Chevallard, essa naturalização é possível porque o sistema didático é aberto e compatível com o seu contexto, tanto no que se refere ao saber acadêmico como à cultura onde se insere e com a qual a escola se relaciona, o que lhes proporciona flexibilidade e força como fundador de valores (CHEVALLARD apud MONTEIRO, 2002, p.80).

A transposição didática, segundo Chevallard, é o trabalho que transforma um objeto de saber a ensinar em um objeto de ensino (CHEVALLARD apud MONTEIRO, 2002, p.81). No entanto, o contraste com o saber acadêmico é fundamental, pois permite superar a ficção da unidade do saber ensinado com o saber acadêmico, possibilitando a articulação da análise epistemológica com a análise didática. É essa análise do conceito no saber acadêmico comparando com a análise feita do saber ensinado, sob o mesmo contexto, que possibilita revelar as especificidades da construção didática realizada. Segundo Chevallard:

Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática (CHEVALLARD, 1991, p.39).

O conceito de transposição didática faz parte de um modelo teórico proposto para análise do sistema didático. Na prática da transmissão do conhecimento, as imposições de rotinização e institucionalização estariam diretamente relacionadas com a estruturação do tempo escolar, mas também com a configuração dos conteúdos trabalhados na escola. Portanto, articular os processos de transmissão do conhecimento, significa articular as necessidades desses processos à posição daqueles que ensinam e daqueles que aprendem, com as imposições do saber a ser ensinado. Esta transmissão do saber deve ser programável, isto é, deve ser passível de recortes que possibilitem sequências aceitáveis, tanto por critérios pedagógicos como institucionais. Passa por um processo de “dessincretização”, na medida em que as especializações da prática da criação teórica são substituídas por especializações pertinentes às práticas da aprendizagem. Desliga-se dos vínculos autorais - diretriz da prática acadêmica - apresentando-se como um saber “despersonalizado”. Organiza-se de modo a permitir o “controle social das aprendizagens”, expresso nas práticas de avaliação para certificações (o que nesse trabalho, não será

estendido mais do que essa menção, pois não se trata do objeto de nossa pesquisa); precisa ser um conhecimento com um grau de “publicidade,” que viabilize sua apropriação pelos que vão transmiti-lo e recebê-lo.

A especificidade do trabalho de Chevallard reside no desenvolvimento de um modelo teórico para análise dos sistemas de ensino, referido especificamente à didática – não sociológico, psicológico ou instrumental – propondo como eixo estruturante para esse modelo a discussão do saber escolar. A maior parte do trabalho da transposição didática, no entanto, já se encontraria realizado quando da interferência do professor na elaboração do texto do saber a ser ensinado. Para Chevallard, esse trabalho já se inicia quando da sua formação discursiva inicial, para apresentação do meio científico, o que constituiria um primeiro passo do processo de “despersonalização” apontado por Michel Verret, que indica, porém, agentes e agências especializados no trabalho mais direto de transposição didática, situados numa dimensão que é denominada como “noosfera”.

Já vimos no estudo de Chevallard, explicado principalmente à luz da pesquisa de Monteiro, que a transposição didática se dá através de alguns conceitos determinantes para que esse trabalho aconteça. Para o melhor entendimento, no que diz respeito ao ensino de história, o saber ensinado diz respeito à temporalidade concebida pelo aluno, seja ele produtor de memória e/ou história. O professor utiliza de variados meios criativos/acadêmicos/didáticos para mediar esse saber a ser ensinado, na expectativa de que o aluno o transforme no saber aprendido, através da construção das narrativas de memória e da produção de memória escolar/conhecimento escolar. O professor é quem propõe o trabalho a ser realizado através da utilização das orientações curriculares e, a partir delas ou não, fará a seleção dos conteúdos para esse trabalho. Este saber a ser ensinado foi apropriado pelo professor através dos PCN’s, de livros didáticos, da pesquisa acadêmica, etc. Tal qual a sua relevância para a produção do acervo de memória a partir da construção das narrativas dos alunos que servirá para a sua história local/escolar e para a construção da identidade dos alunos e da comunidade com a própria escola. A noosfera, finalmente, está localizada na construção do saber sábio, notadamente, segundo o estudo de Chevallard, no meio acadêmico, porém, não se limita a ele, visto que a produção do conhecimento histórico escolar também se configura como objeto do saber. A noosfera, portanto, consiste no espaço de discussão acadêmica e epistemológica, no qual a teoria do ensino de história e da historiografia é produzida e difundida até que seja empreendida no meio escolar.

De acordo com Monteiro, a reelaboração de saberes resulta, também, daquilo que Chevallard chama de necessidade de compatibilização dos saberes - tanto com os saberes

acadêmicos, como com as demandas da sociedade em geral. Os saberes tornam-se ultrapassados porque se distanciam dos novos saberes produzidos no meio acadêmico. Se não acompanharem as novas formas de pensar estes saberes, os alunos não se interessarão ou apresentarão dificuldades de aprendizagem, ou porque não atendem a novos pactos de poder instituídos ou já são dotados do senso comum, tendo esses saberes perdido sua legitimidade para o ensino escolar. Para restabelecer essa legitimidade, uma nova ligação do saber acadêmico deve ser estabelecida com o meio escolar, resultando em uma nova transposição didática.

1.6 Sobre o que é disciplina escolar.

Por fim, cabe refletir sobre o que é disciplina escolar, um questionamento que me foi direcionado pela referida professora Patrícia Bastos no momento da qualificação do projeto da presente dissertação de mestrado sobre se as eletivas seriam uma disciplina escolar ou não. Esse questionamento pode ser relacionado ao texto de Chervel (1990), *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*, no qual é apresentado um estudo sobre como a disciplina escolar história se estabeleceu no currículo do ensino básico francês e como o termo “disciplina” passou a designar os componentes curriculares específicos a serem ministrados nas escolas de ensino básico da França. Para tanto, estudar o que é isso poderá nos guiar, a saber, se estas eletivas são de fato. No início do seu texto, Chervel (1990) diz que “a disciplina é aquilo que se ensina e ponto final”. Seria esse mesmo o significado acabado de disciplina? O autor segue com a sua escrita afirmando que o historiador tem a tarefa de definir a noção de disciplina ao mesmo tempo em que faz sua história (CHERVEL, 1990).

Até o século XIX, não havia uma designação específica para o que hoje utilizamos como termo “disciplina” escolar (CHERVEL, 1990). Durante muito tempo, eram feitas atribuições a partir de referências, como, por exemplo, aos cursos específicos ministrados nas universidades de filosofia. Até as primeiras décadas do século XX, utilizava-se o termo “faculdade” ao se referir a um determinado tema a ser ministrado dentro de um curso, fosse escolar ou acadêmico. Contudo, a utilização do termo disciplina escolar é posto mais tarde em uso.

Diante disso, ao nos apropriarmos desse termo para designar uma “disciplina escolar” história, estamos meramente nos servindo de um substantivo que designaria o

“assunto” de uma determinada “matéria” na qual se estudam as ciências da humanidade e seus processos. Aqui no Brasil, estamos assumindo a influência da educação francesa em nosso país, a partir de sua organização mais sistemática, na passagem do final do século XIX para o século XX (CHERVEL, 1990). Portanto, a relação que pretendo fazer aqui do estudo de Chervel acerca do significado do termo “disciplina escolar” com a educação brasileira se baseia nas descrições do currículo da disciplina história na educação básica francesa. A partir daí, remeto essa forma de entender a disciplina escolar história, segundo Chervel, para responder a questão de se a disciplina eletiva, oferecida na escola onde trabalho e que a utilizei para a realização da oficina de construção de narrativas de memória dos alunos, pode ser definida como uma disciplina escolar, visto que não é feita uma avaliação formal para obtenção de notas, mas os alunos se reúnem, escrevem, discutem entre si sobre o assunto da oficina e produzem seus materiais, tais quais estivessem numa aula de uma disciplina formal presente no currículo básico escolar, porém não estão.

CAPÍTULO II: A OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOS ALUNOS FUNDADORES DA ESCOLA

Esse trabalho trata de uma proposição de oficina de construção de narrativas pessoais de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, do sétimo ao nono ano, na Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva, localizada em Campo Grande, zona oeste do município do Rio de Janeiro. A importância da construção dessas narrativas das memórias dos alunos se dá na medida em que, na realização dessa oficina, os alunos serão protagonistas na construção do conhecimento histórico, tanto local quanto escolar.

Quando um professor de história planeja uma aula, ele traduz o seu saber adquirido enquanto profissional que pesquisa sobre as disciplinas históricas e as demais áreas do conhecimento histórico para transpor esse conhecimento em sua aula e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. Isto é, afinal, levar esse conhecimento aos alunos e fazê-los refletir e desenvolver o senso crítico sobre a história, o ensino de história como prática do campo do conhecimento escolar que ele ser considerado como conhecimento acadêmico a partir do espaço escolar. O trabalho docente de história pode ser realizado de muitas formas. Entendo como relevante o ato de estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, posto que não há um passado imutável ou uma história “total” que possa ser completamente reconstruída. Mas não devemos incorrer no fazer ingênuo de ministrar uma aula de história baseando-se apenas nas concepções atuais de mundo e sociedade..

A escolha dos assuntos a serem abordados de acordo não só com o currículo prescrito da disciplina História mas também a partir de objetos do conhecimento histórico, são importantes para fazer o diálogo entre os saberes, sejam eles acadêmicos ou adquiridos a partir dos conhecimentos escolares - que também podem se transformar, a partir das vivências e das transformações ocorridas dentro do ambiente da escola, em saber acadêmico. Portanto, o aprender contínuo é essencial em nossa profissão. Ele se concentra em duas bases: a do professor, como agente, e a da escola, como lugar de crescimento profissional permanente. Sem esquecer que passamos de uma lógica que separava os diferentes tempos de formação, privilegiando claramente a formação inicial, para outra que percebe esse desenvolvimento como um processo. Assim, a formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno (educação de base), como aluno-mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (nos primeiros anos

da profissão) e como titular (formação continuada). Esses momentos só serão formadores se forem objeto de um esforço de reflexão permanente (NÓVOA, 2001, p.40).

2.1 A seleção de conteúdos e a construção da noção de tempo histórico.

A construção da noção de tempo histórico nos alunos é um fenômeno histórico-cultural que não se restringe apenas ao espaço escolar, mas também envolve outros espaços sociais que participam da formação dos sujeitos: a mídia, publicações impressas, as próprias experiências dos alunos e os fatos relevantes para a sua formação pessoal etc. Segundo Maurício Ferreira, na sua dissertação de mestrado intitulada *Séries televisivas regimes de sentido e ensino de história: parâmetros críticos para a construção de séries televisivas históricas não documentais* (2017), a história é condensada em espaços escolares numa junção de fatores internos e externos que exercem influência sobre o processo de ensino-aprendizagem. São estes, por exemplo, os valores familiares, códigos morais que são ensinados nos grupos sociais em que o aluno está inserido, a religião, a música e as produções televisuais como as séries e filmes de TV que começam a produzir sentidos, percepções e interpretações que implicam na visão entre passado e presente antes que o aluno vá encontrar o aprender sobre essas coisas nas escolas. Essas obras, tanto no rádio quanto na TV ou qualquer outro meio de comunicação, podem influenciar significativamente a forma de observar a história desse aluno (FERREIRA, 2017, p.7).

Como as obras televisivas são coletivas e os profissionais que compõem a sua produção produzem sentidos nos seus saberes e valores habituais, agregados à construção das narrativas desses programas, o ensino de história e como ele é pensado é frequentemente atrelado ao espaço profissional escolar. Mas a formação de pensamento histórico pode acontecer no acompanhamento do desenvolvimento do aluno antes que ele esteja de fato na instituição escolar. Nós desenvolvemos a nossa consciência histórica estabelecendo vínculos entre ideias do passado e do presente, nas nossas experiências que compartilhamos socialmente e a interpretamos segundo as vivências das pessoas; a partir daí, fazemos nossas escolhas e interpretamos e entendemos o mundo a nossa volta. A formação dessa consciência histórica acontece no momento da convivência social com família, amigos, vizinhos, na escola e também em atividades do cotidiano em geral (FERREIRA, 2017, p. 9). O desenvolvimento dessa consciência histórica é importante para a desenvolver a forma como as pessoas pensam a história e é relevante para o letramento

histórico que ocorre dentro e fora do espaço escolar. Portanto, quando Ferreira afirma que as tecnologias de comunicação do mundo ocidental são constituídas como mediadoras de interações e percepções humanas ele está querendo dizer que elas se constituem como narrativas e que exercem influência direta, de fora para dentro, no processo do ensino nas escolas com os alunos (FERREIRA, 2017, p.12).

Essa formação não é totalmente coerente ou homogênea, mas sim perpassada pelas diferentes visões de mundo relacionadas a múltiplos projetos e práticas sociais. Nesse sentido, propomos a reflexão acerca de como alguns produtos pedagógicos voltados para os alunos, baseados na construção de suas próprias narrativas, contribuem para o desenvolvimento da noção de tempo histórico e de como a escola, através do ensino de história, pode e deve dialogar com as representações de tempo que aí circulam para favorecer uma formação histórica mais crítica.

Para tanto, podemos nos questionar sobre a seleção de conteúdos históricos. Como selecioná-los? Nesse momento, é necessária uma tomada de decisão entre manter os denominados conteúdos tradicionais ou selecionar conteúdos significativos para um público escolar proveniente de diferentes condições sociais e culturais e adequá-los a situações de trabalho com métodos e recursos diversos (BITTENCOURT, 2009, p. 134). A nossa proposição avança no sentido da construção do material histórico segundo a narrativa das diferentes vivências dos próprios alunos, em suas comunidades, sejam elas a familiar, a escolar, a religiosa, a dos amigos do bairro, etc.

Em nosso trabalho de pesquisa, a escolha feita para que trabalhássemos a noção de temporalidade dos alunos se deveu à intenção de resgatar, através de suas próprias narrativas memorialísticas, os fatos históricos de suas vidas pessoais. Para tanto, a construção dos seus próprios relatos é fundamental para que neles sejam estimuladas as noções de curta, média e longa duração dos eventos de suas próprias vidas e os processos que esses eventos, pessoas ou locais, sofreram com o passar do tempo.

2.2 O discurso como objeto de pesquisa e conhecimento histórico.

A relevância da construção dessas narrativas pode ser justificada pelo pensamento de Leopold Van Ranke (1795-1886), cujos fundamentos baseavam-se no pressuposto da singularidade dos acontecimentos históricos. Para Ranke, cada fato histórico é único e sem possibilidade de repetição, devendo a reconstrução do passado ser objetiva para ser

verdadeira. Seu ideal seria encontrar universalidades em fatos singulares, calcadas em documentos oficiais, tentando explicar o presente (RANKE, 2010, p.35). Seguindo pela linha de raciocínio a cerca dessa singularidade dos acontecimentos históricos ou as formas e funções do conhecimento histórico enquanto o discurso na historiografia, dialogamos com as ideias de Jörn Rüsen, expressas em seu livro intitulado *História Viva: formas e funções do conhecimento Histórico* (2007). Segundo Rüsen, a pesquisa é um processo de constituição de narrativa no sentido no qual a experiência se relaciona com o pensamento histórico, se expressando de maneira que constitua sentido, adquirindo relevância cognitiva que consiste num grau elevado de conteúdo empírico na forma explicativa das histórias, ou seja, se relacionar essas relevâncias cognitivas à pesquisa veremos que elas são narradas de forma a serem mais fundamentadas empiricamente e explicadas teoricamente (RÜSEN, 2007, p.28).

Quando nos debruçamos para analisar - assim como faremos no terceiro capítulo dessa dissertação - procuramos uma forma de construção de narrativa, dando sentido aos relatos de modo a buscar o domínio do fato, da relação entre o público a quem se destinam os relatos e se alguém mediante seu pensamento esteja sendo determinante, desse modo, há especificidade do ponto de vista da relevância comunicativa. Ou seja, a receptividade das histórias deve ser relevante e consiste na compreensão do saber histórico, associados aos fatos que possam ocorrer na vida de quem está fazendo ou construindo a narrativa, dentro de uma inserção na vida. Segundo Rüsen, a que se destina todo o saber histórico, seja ele mediado da forma como for, sendo tratada por uma categoria que é a análise do discurso (RÜSEN, 2007, p.30).

Rüsen também tem uma afirmação na qual ele prima pelo discurso histórico, como um saber histórico, que se torna um fator de interpretação da cultura, um meio de socialização e individualização segundo o seu ofício, na forma do discurso da sua atuação sobre o modo como as condições atuais da vida são formadas e interpretadas, à luz delas mesmas e acabam gerenciadas praticamente de forma mais individual, mantendo o foco principal que é a comunicação das construções das narrativas feitas de um ponto inicial que é do criador em direção ao seu público-alvo, no caso, o receptor (RÜSEN, 2007, p.36).

Quando Rüsen fala de relevância comunicativa, ele quer dizer que o saber histórico pode exercer essa designação diante da forma ou do tipo de apresentação que se torna bem-sucedida fazendo uma comparação com Ranke, que chama a verdade de verdade nua e crua. Ranke havia definido como objeto da pesquisa o saber histórico, a relevância da

comunicação, a forma da comunicação. Esta deve ser entendida como se esse saber devesse estar formulado de tal forma que possa ser inserido nos processos culturais da prática da vida humana, lidando com a experiência, a interpretação e a forma como cada indivíduo vai lidar com as mudanças dos processos ao longo do tempo e o estudo sobre essas narrativas devem apresentar, dentro das pesquisas, o tempo interpretado de maneira que se torne parte da vida daquele que está discursando, que constrói a sua narrativa além do que recebe. Essa comunicação, diretamente do tempo em que ela ocorre, a partir do tempo que se toma como referência da mensagem que se pesquisa o que se estuda (RÜSEN, 2007, p.29).

2.3 A inspiração para a oficina.

O trabalho que serviu de inspiração para minha ideia de proposição com meus alunos do Ensino Fundamental dos anos finais consistia no seguinte: pedi aos alunos que eles se imaginassem como historiadores e que, daqui a uns 50 anos, iriam escrever sobre a história das suas famílias e suas experiências. Além disso, pedi que escolhessem objetos que os remetessem a essa história e experiências. Eles deveriam procurar nas suas casas fontes históricas que poderiam ajudá-los a contar essas histórias. Esses documentos deveriam ser listados com informações importantes sobre eles e suas famílias.

Havia a expectativa com relação ao tipo de fontes que seria apresentado pelos alunos. Eram meninos e meninas matriculados na primeira série do ensino médio da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, no CIEP 433 Togo Renan Soares “Kanela”. A partir do momento que os trabalhos começaram a ser entregues a mim, pude analisar como foi operacionalizado, segundo seus próprios critérios, o “acervo” de memória dessas turmas. Muitos alunos produziram o trabalho de forma descompromissada; porém, outros se dedicaram como se realmente estivessem realizando um trabalho de levantamento de fontes históricas e de memória das suas famílias. Um desses alunos me surpreendeu de forma positiva, na medida em que, não só listou os objetos, como também os descreveu e colheu testemunhos orais das pessoas da família envolvidas nas suas narrativas de memória. Outro exemplo interessante foi de um relato sobre uma cadeira azul, cujos donos haviam sido os avós do aluno. Essa cadeira passava de geração em geração entre os tios desse aluno e ele colocou uma foto sentado nessa cadeira, narrando o momento daquela foto, baseado no depoimento da sua avó.

Recordando-me desses relatos dos trabalhos dos alunos foi que pensei em transformar em meu projeto para o ProfHistoria a ideia de construção da memória escolar através da memória individual dos alunos. Suas memórias passariam, assim, a ser parte da memória da escola. O indivíduo aluno se forma ao interagir com a comunidade escolar e esta relação é de retroalimentação, na medida em que os alunos, como sujeitos da própria história, tornam-se protagonistas das suas narrativas. A memória é parte da história não só do aluno, mas também do espaço escolar a que ele pertence ou se identifica (ELIAS, 1994, p.11-59). Sendo assim, a história do aluno também faz parte da construção histórica da escola e, por conseguinte, da comunidade nos quais estão inseridos, em seu aspecto microscópico.

2.4 Projeto Ginásio Carioca, Projeto de vida e PCN's.

Gostaria de começar esclarecendo em qual contexto minha proposição didática está inserida. A oficina de construção de narrativas de memória dos próprios alunos, baseadas em cenários do cotidiano, na escola, na comunidade onde moram, na igreja e/ou no relacionamento com suas famílias ou amigos, foi oferecida como uma disciplina eletiva no contexto do projeto “Ginásio Carioca” do programa “Escolas do Amanhã,” implementado a partir da resolução nº 1.038 de 24 de agosto de 2009 da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME). Essa resolução tem como objetivos, prover a aprendizagem dos conteúdos escolares, desenvolver as habilidades intelectuais, físicas e artísticas dos alunos, diminuir os índices de evasão escolar e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade escolar e seu entorno. Assim, a resolução nº 1.038 leva em consideração o artigo 2º da Lei nº 9.394, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 20 de dezembro de 1996, que diz:

Art. 2º . A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.
(Lei nº 9394/96, art. 2º)

As unidades escolares implementadas foram estabelecidas através do decreto 32.672, que criou o programa “Ginásio Carioca,” posto em prática a partir do programa ‘Escolas do Amanhã.’

Para os alunos, há duas disciplinas, chamadas “Projeto de Vida,” que propõem trabalhar os conceitos de cidadania com e desenvolver a noção de pertencimento à sociedade e comunidade onde se vive, estimulando a prática cidadã, bem como a identidade dos alunos e comunidade com a escola e as ações promovidas por ela. A outra disciplina chama-se simplesmente “Eletiva.” As orientações curriculares das disciplinas eletivas têm como objetivo geral a utilização de diferentes linguagens - verbal, matemática, gráfica, plástica, corporal - como meio para expressar e comunicar ideias, interpretar e usufruir das produções da cultura. Assim, segundo o PCN do Ensino Fundamental (BRASIL, MEC, 1998), a escola, em cumprimento ao seu papel primordial, deve pensar num currículo como instrumentação da cidadania democrática, contemplando conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, incorporando como diretrizes gerais e orientadoras as quatro premissas apontadas pela UNESCO para a educação na sociedade contemporânea - aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser (PARIS, UNESCO, 2010).

A organização do “Ginásio Carioca” foi realizada segundo a experiência anterior educacional do modelo pedagógico e de gestão desenvolvidos em escolas-piloto chamadas “Ginásios Experimentais Cariocas”. Através dos resultados relevantes desse trabalho, a SME seguiu em frente com o “Ginásio Carioca”. Para suprir o baixo rendimento acadêmico e o gradual desinteresse pelos estudos de jovens do sétimo ao nono ano do ensino fundamental, o programa “Ginásio Experimental Carioca” tinha como objetivo fazer com que os estudos passassem a fazer mais sentido aos adolescentes, tornando-os cidadãos autônomos e ativos, capazes de planejar o próprio futuro. O programa começou a ser implantado em 2011 em dez escolas da rede, sendo apresentado como um dos projetos de Estado para a educação municipal, visando a otimização do ensino público e a geração de oportunidades mais amplas para os jovens de várias comunidades do Rio de Janeiro.

Apoiado no princípio do Protagonismo Juvenil, o Ginásio Carioca proporciona a autonomia do jovem no processo de aprendizagem, como oferece um conjunto de ações sob a forma de práticas e vivências, por meio da ampliação da jornada escolar e da implantação de metodologias que auxiliam na evolução do aproveitamento estudantil do aluno em todas as dimensões, ao apoio ao seu projeto de vida e a educação para valores democráticos.

Sendo assim, o tempo ampliado de dedicação dos profissionais, e uma matriz curricular integrada são fatores determinantes para que a escola possa atender às expectativas dos alunos. Esses fatores favorecem as

condições para o cumprimento do currículo e permitem aprimorar a formação dos professores e o desenvolvimento de metodologias eficientes.

Trata-se, então, de um novo modelo de escola, que inova na matriz curricular, na metodologia, no modelo pedagógico e no modelo de gestão, incorporando técnicas de planejamento, execução, monitoramento e avaliação de seus processos, proporcionando um círculo progressivo da gestão escolar. A inovação no processo de organização da matriz curricular evidenciou-se pela introdução das atividades de projeto de vida, estudo dirigido e atividades eletivas, proporcionando o aperfeiçoamento do ambiente de aprendizagem (PORTAL RIOEDUCA.NET, PROGRAMA DE AÇÕES, 2017).

2.5 Protagonismo estudantil a partir da história local.

Uma justificativa de nosso trabalho é justamente a importância de trazer para os alunos da Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva o protagonismo na construção do registro das suas próprias memórias e também da memória da escola. Como veremos, essa proposição didática possibilita que eles desenvolvam a consciência de tempo histórico, através de um estudo de narrativa de vida e da história local.

Acreditamos que a escolha de nosso tema de pesquisa - os usos dos registros de memória a partir da sua construção feita pelos alunos de uma escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro -, enquanto recurso didático mobilizador do saber histórico escolar, tem como ação futura a possibilidade de elaboração de um acervo de memória da escola, além da construção da história presente tanto dos alunos como também da identidade da comunidade com a instituição de ensino.

Levando em consideração que os múltiplos processos que envolvem o ensino e a aprendizagem da História são recursos didáticos habituais e recorrentes na prática escolar, eles necessitam ser aprofundados em seus pressupostos, limites e consequências específicas para a aprendizagem histórica. Quanto à construção das narrativas memorialísticas enquanto recurso didático, estas possibilitarão noção dos deslocamentos históricos locais que auxiliarão na percepção desses últimos em diferentes escalas históricas pelo currículo escolar de história.

Para tanto, foi levado em consideração o estudo sobre o assunto, realizado por Maria Auxiliadora Schmidt. Apresentar aos alunos o ensino de história local é importante, sobretudo no Ensino Fundamental, pois, acima de tudo, é a maneira de viver dos seres humanos à sua volta, a vida dos homens e mulheres os quais ela está diariamente em

contato, mantendo uma relação (SCHMIDT, 2007, p.187). Pode-se objetar que o ensino de história local pode não ser efetivamente aproveitado de forma positiva, pois o meio no qual o aluno buscará a sua história local não necessariamente se baseará em aspectos reais, mas pode também se basear na ficção e na imaginação do aluno: a construção de objetos de memória acabaria, assim, não ficando clara para enraizar o conhecimento local. Não concordo com essa objeção, porque tanto o discurso ficcional quanto relatos verossímeis podem se tornar registros memorialísticos, na medida em que são relatos a partir dos depoimentos e demais objetos de memória das pessoas que vivem nesta determinada localidade.

Porém, no momento em que o aluno busca conhecer a história da localidade onde reside ou convive cotidianamente com seus pares, sejam estes colegas de escola ou mesmo amigos e familiares, fora do âmbito de suas casas e/ou escolas, esse mesmo aluno passa a conhecer o lugar onde vive e como se deu sua formação e a forma de integração entre elementos humanos que compõem a organização política e cultural do local, onde o indivíduo se encontra e a sua história permite a compreensão da sociedade e, a partir daí, agir sobre o que vai influenciar na sua formação e na sua noção de pertencimento e identidade. Essa consciência, segundo Schmidt, parte da ideia de que o elemento unificador no processo da relação entre passado, presente e futuro mediante a narrativa é a resistência do ser humano à perda de si e do seu esforço de autoafirmação e se constitui como identidade.

A relação que o sujeito estabelece com o tempo exerce influência no reconhecimento dele mesmo como agente social, um ser histórico que herda culturas e histórias de onde ele está ou por onde ele passou. Prende-se a historicidade da sua localidade, ou seja, sua história local. Portanto, ele se percebe como parte desse processo histórico e se sente pertencente àquele espaço e também responsável por ele.

O ensino de história local esteve presente em parâmetros curriculares e diretrizes metodológicas na legislação educacional brasileira desde os anos 1930 e, segundo Schmidt, até 1971, o trabalho de ensino de história local consistia tão somente em ensinar ao aluno o método histórico para que ele fosse capaz de compreender as construções e os conceitos das leis sobre o passado no momento em que esse aluno fosse trabalhar com as fontes e eram selecionados às datas mais próximas do aluno para serem motivadoras da busca desse aluno pelos seus significados devido à proximidade das datas com a sua idade (SCHMIDT, 2007, p. 188).

Nos anos 1990, houve a inserção do ensino de história local nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do Ensino Fundamental. Visava-se com isso contribuir para a construção da noção de pertencimento do aluno a um determinado grupo social e cultural, na medida em que o ensino de história local conduziria aos estudos de diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou existiram no mesmo espaço. Essas diretrizes curriculares tratavam a história local tanto como conteúdo quanto como recurso didático em todas as séries - ou seja, como fim e como meio do ensino de história no ensino fundamental, séries iniciais ou finais, consolidando-a como substrato importante na construção didática da história (BRASIL, MEC, 1998, p. 26).

É importante salientar que devemos tomar cuidado para que o estudo de história local não fique somente no sentido do tempo presente, mas que também sirva como estudo do campo do conhecimento dos conceitos históricos de tempo e na busca de outros sentidos dos conteúdos de história escolar, bem como na construção de conhecimento histórico escolar. Como elemento da transposição didática do saber histórico em saber escolar, a história local pode ser vista como uma estratégia de ensino ou uma forma de abordagem de aprendizagem na construção da compreensão do conhecimento histórico, a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, sejam estes cognitivos, afetivos ou suas próprias vivências. Além disso, a história local possibilita o desenvolvimento de atividades diretamente ligadas com a vida cotidiana a qual podemos entender como a expressão de problemas de ordem mais amplas (SCHMIDT, 2007, p. 190).

Inserir o aluno na comunidade da qual ele faz parte, criar a sua própria historicidade, produzir a identificação de si mesmo: tudo isso traz para o estudo da história assuntos que podem ser esquecidos num ensino global de história. A importância dos documentos e demais registros de fontes históricas para a sua reunião já devem estar a postos para a construção de um arquivo familiar. Maria Auxiliadora Schmidt dá o exemplo do projeto *Recriando a História*, no qual os conteúdos dos processos pedagógicos, no ensino e aprendizagem são constituídos a partir da identificação, nos contextos locais e também em âmbitos mais amplos, das diversidades e desigualdades que compõem a realidade social e que se expressam e são compreendidos de diferentes formas pelos sujeitos (SCHMIDT, 2007, p. 192).

Ao organizar o ensino a partir dos documentos coletados nos arquivos familiares, Schmidt não substitui o conteúdo básico do currículo por conteúdos da história local.

Entende-se que, a partir desses documentos e dos materiais que os alunos produzirem na oficina de construção narrativa, dá-se um novo sentido àqueles conteúdos, porque encontram referências nas experiências individuais e coletivas dos alunos e professores.

Sobre a história local e as fontes orais, as práticas de ensino de história, a escola e as aulas são lugares de memória, da história recente, seja ela imediata ou distante. Memória e palavra, escola e história, lugares de produção de identidades, de formação e de educação (FONSECA, 2006, p. 140). As práticas do ensino de história revelam uma diversidade de formas em que o tema é abordado, linguagens, fontes e materiais que servem para o trabalho do professor em sala de aula. O professor não somente exerce o ato de ensinar história mas também o de aprender a ensinar a história. A educação histórica dos sujeitos e sua formação da consciência histórica não ocorrem apenas na escola, mas em diferentes lugares, nos quais encontramos os vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante (FONSECA, 2006, p. 127). O objetivo fundamental da história, no ensino fundamental é dar lugar de fala ao aluno no momento histórico no qual ele vive. Esse processo de construção da história da vida dos alunos, de suas relações sociais, situados em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente, em sua função intelectual e social, desenvolvendo assim o sentido do pertencimento.

Segundo os PCNs de História do Ministério da Educação:

[...] o ensino e a aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas. (Brasil, MEC, 1997, p. 49)

Portanto, o trabalho em sala de aula pode contribuir para inserir o aluno no contexto da comunidade em que ele pertence, identificando-o aos seus problemas, suas características, mudanças e permanências do local, a construção de identidade, da cultura, a participação do sujeito histórico e a sua relação com o Brasil e com o mundo. Assim a história deixa de ser única, hegemônica, deixa de privilegiar essa ou aquela voz dominante, a favor de uma multiplicidade de outras vozes e sujeitos históricos que fazem a história local. Daí o valor dos relatos pessoais na formação da memória a partir das narrativas dos alunos ou colhidos por eles. O relato vivo do passado deve ser tratado com respeito, mas também com crítica (FONSECA, 2006, p. 136). Para tanto, se faz necessário que sejam estabelecidos critérios

para que se construam narrativas de memória que se materializem em conhecimento histórico escolar, a ponto de compor um acervo de memória da escola municipal, que é o objeto de trabalho dessa dissertação.

2.6 A oficina de construção de narrativas de memória.

A ideia que me motivou a construir o projeto didático ganhou relevância a partir do momento em que percebi que trabalhar narrativas só como objeto e conteúdo escolar passava a ser ato mecânico e sem muita relevância para os alunos. Assim, imaginei a elaboração de uma proposta de ação, em que o objetivo principal convergia para estimular os sujeitos a produzirem narrativas, a partir de dados colhidos em experiências reais, dinâmicas, vivas, em forma de relatos das histórias de vida de diversos prisms da comunidade da qual fazem parte.

Tendo sido pensada essa trama teórica e metodológica acerca do trabalho de construção da memória daqueles que denominei “alunos fundadores” da escola, passei a pensar em como realizaria essa oficina e de que forma eu a organizaria para que tudo ocorresse da forma mais proveitosa possível. A ideia inicial era desenvolver atividades nas quais o aluno fosse capaz de produzir suas narrativas e registros de memória dentro dos tempos de aulas disponíveis - no caso, dois tempos de cinquenta minutos por semana em um único dia. Diante disso, duas hipóteses deviam ser consideradas. A primeira consistia no fato de ao colocar os alunos na posição de protagonistas na produção dos seus próprios trabalhos, fica evidenciada a importância deles construir os registros das memórias de suas próprias vidas e contribuir para a construção da memória da escola e, por conseguinte, da comunidade na qual esta última está inserida. A segunda hipótese consistia em que, ao produzir registros pessoais de memória, os alunos inscritos na disciplina eletiva de construção de narrativas memorialísticas seriam capazes de alimentar um banco de memórias e histórias da escola e da comunidade, desenvolvendo a noção de identidade/pertencimento da comunidade local com a instituição de ensino.

A oficina funcionou uma vez por semana com duração de 100 minutos (dois tempos de 50 minutos) num período de um semestre, dentro do qual foram executadas suas etapas. A primeira aula foi a apresentação da oficina de construção de narrativas de memória. Nesse momento, foram colocadas algumas questões aos alunos, como: O que você acha que é história? A história é somente das coisas que já passaram? O que é memória? Qual a diferença da memória pessoal para a memória coletiva? Quando estudamos sobre a memória dos alunos

de uma escola, podemos entender a história da comunidade onde fica a escola? Logo em seguida, foi apresentada aos alunos a proposta da oficina, que era a construção de um acervo de memória dos primeiros alunos da escola, ou seja, os “alunos fundadores”. Durante os seis meses seguintes de trabalho, foram registrados os encontros semanais, como se processaram as construções das narrativas, tanto textuais quanto imagéticas, dos alunos, assim como seu processo criativo. Sempre procurei orientar os alunos e tirar suas possíveis dúvidas acerca do que fazer.

A oficina foi dividida em etapas. A primeira etapa consistiu na entrega aos alunos de uma folha de papel e um lápis ou caneta e lhes foi proposto que escrevessem, de forma livre, sobre uma história do seu cotidiano, que tivesse realmente acontecido. Nesse momento, eles estavam livres para pensar em qualquer história, da mais trivial à mais complexa. O ideal seria que não houvesse limites de linhas para a construção desse texto. Mas, considerando as idades variadas (entre 12 e 14 anos) e também o grau de maturidade em virtude dessas nuances, foi estipulado o mínimo de 20 linhas para a produção do texto. Essa etapa foi realizada num encontro de dois tempos de 50 minutos.

Durante esses primeiros encontros, eu reiteradamente perguntava aos alunos o que eles pensavam sobre o que é memória, o que é história, que coisas eles achavam que eram necessárias para construir uma história sobre as suas memórias ou das pessoas que eles conheciam. Também perguntei se eles conheciam qualquer história que tivesse ocorrido no bairro onde moram e se podiam contar a todos. Nesse momento, todos sabiam de alguma história ou evento que tinha ocorrido ou que estava marcado para acontecer nas proximidades de suas residências. De forma oral, queriam contar as suas histórias e compartilhar naquele momento, já que o espaço era para esse fim. Alguns contaram suas histórias, outros debatiam sobre a veracidade do que estava sendo narrado; porém, os interrompi para avisá-los que teriam de passar essas narrativas para o papel, na forma escrita. Houve resistência de boa parte deles. Então, após algum tempo debatendo acerca da produção escrita de suas narrativas, chegamos a um termo: os textos seriam produzidos num mínimo de vinte linhas e sem limite máximo, quem quisesse escrever mais poderia ficar à vontade para produzir sua narrativa no tamanho que desejasse. Assim seguiram as duas primeiras semanas da oficina, com os alunos construindo suas narrativas de memória a partir de suas próprias experiências de vida.

Na medida que as narrativas iam sendo construídas pelos alunos, durante o andamento da oficina, os mais variados tipos de memória começaram a surgir. Havia

registros de eventos nos quais os alunos haviam participado sozinhos, com amigos ou com suas famílias; situações cotidianas como brincadeiras, encontros em família, brincadeiras com amigos nas ruas próximas às suas residências; situações envolvendo violência, tanto domésticas quanto externas, tais como assaltos, algum tipo de situação envolvendo brigas na rua ou intervenções de grupos de milicianos que dominavam a região pela força e violência. Também começavam a surgir relatos de situações envolvendo o cotidiano escolar das crianças, os eventos que aconteciam dentro da escola, fosse estas atividades pedagógicas organizadas pela equipe ou intercorrências diversas, como uma briga ou problemas com o abastecimento de água e comida, o que acontecia vez em quando, além de questões sobre o comportamento dos alunos com relação à conservação do patrimônio da escola. Um dos relatos dizia o seguinte, por exemplo:

Escola Ginásio Mayra Aguiar da Silva criada com o nome de uma judoca brasileira e campeã das olimpíadas de 2016. Mayra Aguiar em uma de suas entrevistas a televisão, disse que é um grande prazer seu nome estar na escola. Ela disse que espera que os alunos se dediquem mais e forme o Brasil [sic] um lugar melhor e digno. Inaugurada no dia nove de setembro de 2016, o diretor recebeu os alunos com a maior orquestra. Chegamos com um sorriso que ninguém tirava da nossa boca, o lugar era novinho em folha, refeitório, banheiros, quadra, salas, tudo organizado, professores excelentes. Só que hoje estão destruindo o patrimônio público, estão quebrando cadeiras, destruindo mesas e pixando as paredes, só que não é gente de fora, são os próprios alunos. As salas não têm mais estrutura no teto, o bebedouro está quebrado. Eles passam chutando a escada estão desperdiçando a comida que muita gente poderia comer, mas jogam fora. Então, com relação à disciplina, tem que mudar muito, se não, quando chegar ao final do ano, não vai ter mais escola, os alunos têm que preservar e nunca mais ser uns selvagens. A gente tem que ser igual disse a Mayra, construir um Rio de Janeiro melhor. (ANEXO 1, RELATO 12)

Na terceira etapa, foi proposto aos alunos que, a partir das histórias narradas por eles mesmos, fizessem ilustrações que ajudassem a contar essas histórias. Para essa atividade, foram distribuídos lápis de cor, giz de cera e canetas hidrográficas, além de uma folha de papel tamanho A3. Foi dada total liberdade criativa aos alunos que por ventura quisessem escrever uma nova história e criar ilustrações acerca desta, desde que a narrativa fosse produzida junto como a ilustração. Para a realização dessa etapa, foram utilizados os dois tempos de 50 minutos destinados ao encontro semanal da disciplina eletiva. Nesse momento da oficina, meu objetivo era estimular os alunos a descreverem suas narrativas a partir de ilustrações por eles criadas, retratando o ambiente de suas memórias, as pessoas e o lugares nos quais aconteceram os relatos de memória construídos baseados nas vivências

na comunidade. Outros alunos preferiram escrever mais de um relato, enriquecendo o acervo de memórias que já estava ficando com uma quantidade considerável de relatos. Essa parte imagética das construções memorialísticas foi entendida como elementos enriquecedores dos relatos e, embora não seja discutida nessa dissertação, comporá o livro de memória dos “alunos fundadores” da escola, produto final da oficina.

Na etapa seguinte, foi proposto aos alunos uma atividade fora da escola. Nesse momento, foi solicitado que reunissem objetos pessoais, fossem deles ou de alguém das suas casas, ou fotografias de coisas ou pessoas que tivessem alguma história que pudesse ser contada através da construção de uma narrativa. Para a realização dessa tarefa, era necessário que tivessem disponível qualquer dispositivo que tirasse fotografias (celulares e máquinas fotográficas etc.) ou, alternativamente, caso não conseguissem tirar as fotografias, materiais de desenho (lápis de cor, canetas hidrográficas, giz de cera, etc.) para a realização de ilustrações dos objetos. Como forma de orientar os alunos sobre como esses objetos de memória seriam analisados por eles, entreguei uma lista de questões que eles deveriam responder para direcionar suas pesquisas. Essas perguntas diziam respeito ao nome do objeto de memória, sua origem, qual a relação com o aluno ou a sua família, a qual história esse objeto - que poderia ser uma coisa, um lugar ou uma pessoa - estaria relacionado, segundo as informações coletadas pelos alunos.

A tabela abaixo mostra a organização dos encontros, as ações tomadas em cada um deles e o tempo de duração:

ETAPAS	AÇÕES	TEMPO DE DURAÇÃO
1	Apresentação da oficina de construção de narrativas de memória	2 tempos de 50 minutos (um encontro semanal)
2	Proposta aos alunos que escrevessem de forma livre sobre uma história do seu cotidiano que tivesse realmente acontecido	6 tempos de 50 minutos (três encontros semanais)
3	A partir das histórias narradas pelos alunos fazer ilustrações que ajudem a contar essa história	4 tempos de 50 minutos (dois encontros semanais)
4	Reunir objetos pessoais ou de alguém da sua casa, como fotografias ou outros objetos que tivesse, alguma história por detrás dos registros que possa ser contada.	2 tempos de 50 minutos (um encontro semanal)
5	Reunião do material produzido durante a oficina para elaboração de um livro de memórias.	2 tempos de 50 minutos (um encontro semanal)

Infelizmente, a quarta etapa não obteve êxito. Apenas um aluno trouxe uma foto de uma das ruas do entorno da escola, registrada pelo seu celular. Todos os outros alunos não fizeram a tarefa. Mas há uma explicação para a dispersão dos alunos da oficina com relação a essa última etapa. Quando estávamos nos aproximando do final do semestre, aconteceu um evento dramático e violento: as disciplinas eletivas eram realizadas às quintas-feiras, nos dois últimos tempos após o almoço; mas, em uma determinada quinta-feira, após o intervalo de vinte minutos da manhã, explodiu uma bomba em uma das salas de aula. Felizmente, a sala estava vazia, pois todos os alunos estavam no pátio do primeiro piso do prédio e ninguém se feriu. A bomba, que mais tarde descobrimos se tratar de um morteiro, fez o revestimento do armário onde ela estava pegar fogo, obrigando os professores que estavam mais próximos a utilizar os extintores de incêndio para apagar as chamas. Ninguém saiu ferido; porém, isso causou um princípio de pânico e euforia nas crianças. As aulas foram suspensas e as autoridades competentes foram acionadas para cuidar do que precisasse dos seus serviços.

Esse e outros eventos, como problemas com a distribuição de água para todos os andares da escola, fizeram com que algumas aulas fossem suspensas, atrasando o calendário e encurtando o tempo de trabalho com os alunos da oficina de memórias. Essa sequência de eventos, principalmente o da explosão do morteiro, dispersou os alunos, inclusive influenciando nos seus relatos de memória, nos quais podemos encontrar exemplos de relatos sobre o dia da explosão em questão:

Um dia tava [sic] na escola tinha acabado de voltar do intervalo. Bom, a gente estava na aula de ciências e a professora estava explicando para a turma sobre os cuidados com a escola, bom, enquanto ela estava explicando tudo para a gente, escutamos um barulho o clima já ficou meio tenso. Bom, ela voltou a explicar depois a gente escutou outro barulho. BUM! BUM! A professora abriu a porta e tava [sic] todo mundo saindo correndo e a professora também. (RELATO Nº 46, ANEXO 1)

Um dia terrível, eu estava na escola era uma quinta feira estava na sala de aula e de repente escutei um barulho de tiro. Todo mundo ficou assustado e a professora mandou geral abaixar depois começou a fumaçar [sic], depois todo mundo saiu de sala de aula correndo e apavorado e depois geral foi correndo por pátio e ficou uma multidão danada e eu fui parar no meio da multidão e fiquei presa no portão. Comecei a gritar e chorar e os meus amigos me ajudaram e me levaram para casa. (ANEXO1, RELATO Nº 55)

Em virtude dos acontecimentos na escola, o calendário das disciplinas eletivas ficou comprometido, se aproximando do fim do semestre e da data de culminância dos projetos. Desse modo, a quinta etapa que seria a fase de reunião desse material produzido pelos alunos e a montagem de um acervo de memória baseado neles, ou seja, o produto final dessa proposta acabou ficando atrasado. Porém, não deixarei de realizar a montagem desse produto para lançá-lo a sala de leitura da escola.

Contudo, os encontros que aconteceram foram aproveitados em sua plenitude. Digo isso, pois durante todo o tempo que estive com os alunos, incentivando-os a produzirem relatos das suas memórias ou sobre fatos que eles ficassem sabendo (sobre suas famílias, amigos, no convívio dentro e fora da comunidade na qual estavam inseridos, questões sobre religião ou a vivência nos ambientes religiosos, etc.), eles se interessaram em produzir textos. Com a sequência das aulas dessa oficina, alguns alunos começaram a escrever melhor e a pensar de maneira um pouco mais sistemática no que iriam relatar. Isso também os levou a quererem se expressar sobre questões como violência doméstica, tráfico de drogas, o poder das milícias que é exercido sobre eles e suas famílias, obrigando-os a se submeterem à sua autoridade através da força e da violência. A partir desses relatos mais elaborados, aconteceu uma maior comunicação entre os alunos e eu, o professor que estava ali para inspirá-los a produzirem memória, para que as gerações futuras de alunos da escola soubessem como ela funcionou desde o momento de sua inauguração, passando pelos variados eventos ocorridos nos primeiros anos, além das questões mais sensíveis que atravessamos nesse mesmo período.

Portanto, ao produzir seus textos escritos, os alunos transformam as ideias que tinham, suas impressões, suas experiências acumuladas, etc. em suas histórias de vida, em mensagens materializadas nos diversos discursos, sob as estruturas mais plurais que constituem os gêneros textuais. Ao redigirmos um texto, estamos produzindo mensagens, materializando o pensamento, o mundo imaginário e também o mundo real, povoado pelas nossas memórias e por aquelas oriundas do coletivo social de que fazemos parte em algum momento. O fato vivenciado pela maioria dos sujeitos em torno da pouca prática da escrita produtiva se configura como herança de um ensino, que, na maioria das vezes, não tem conseguido aperfeiçoar o potencial de escrita dos sujeitos. Sendo assim, boa parte dos alunos, chega inclusive a escrever do modo como contariam seus relatos na forma oral.

No próximo capítulo desse trabalho, buscaremos analisar os trabalhos produzidos pelos alunos da oficina, procurando estabelecer uma classificação segundo a recorrência

dos fatos narrados e das especificidades das narrativas de memória, observando em cada uma delas seu sentido particular, que podemos identificar como o cerne da narrativa memorialística do sujeito que o produziu.

CAPÍTULO III: CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS RELATOS DE MEMÓRIA CONSTRUÍDOS DURANTE A OFICINA

Hoje vou escrever um pouco sobre meu dia a dia, minha convivência com meus pais, amigos etc. Meu dia a dia é bem tradicional: acordo tomo banho, me arrumo e vou para a escola, estudo e até fazer bagunça eu faço (porém moderada). Chego em casa e vou direto para a loja do meu pai, ajudo ele e minha mãe, fico no celular o dia todo e, às vezes eles até brigam comigo e é assim todo dia. Minha relação com os meus pais não é aquela das melhores, não me abro muito com eles, temos os nossos desentendimentos, mas nós nos amamos, mesmo eu não contando 85% da minha vida para eles, às vezes até mesmo com o medo da reação deles, infelizmente não posso chamá-los de amigos. Já os meus amigos me entendem, me apoiam, e dizem sempre quando eu estou errada, me ajudam sempre quando podem, por exemplo, aqui nesta sala tenho duas amizades novas, estamos nos conhecendo e pegando intimidade, mas com o tempo vamos ser amigas, sim! Mas considero minha vida uma merda (desculpa o palavreado), mas é a verdade, todo dia eu posso até receber alguma notícia boa ou algo bom, mas sempre vai ter alguém para estragar tudo isso, minha felicidade. Mas, agradeço a Deus todos os dias, mesmo meu dia sendo ruim, ele é 1º lugar em minha vida, ele é meu verdadeiro amigo. (RELATO 42. ANEXO 1)

Tendo sido apresentado esse exemplo dos trabalhos feitos pelos alunos na oficina de construção de narrativas, faremos algumas análises sobre essas construções. Levaremos em consideração critérios de análise do conteúdo estudados de acordo com o livro *Elementos da Análise do Discurso*, de José Luiz Fiorin. Em seu livro, Fiorin escreve, no capítulo que fala do percurso gerativo de sentido, sobre o texto “Apólogo dos Dois Escudos”, de José Júlio da Silva Ramos, no qual, dois cavaleiros armados, vindo de partes opostas e encontravam-se no vértice de seus caminhos e avistavam a estátua da Vitória, a qual empunhava numa de suas mãos uma lança, enquanto a outra segurava um escudo. Cada um do seu lado exclamava ao mesmo tempo:

- Que lindo escudo de ouro!
- Que lindo escudo de prata!
- Como de prata? Não vê que é de ouro?
- Como de ouro? Não vê que é de prata?
- O cavaleiro é cego.
- O cavaleiro é que não tem olhos.
- Palavra puxa palavra, ei-los que arremetem um contra o outro, em combate singular, até caírem gravemente feridos.
- Nisto passa um dervis, que depois de o pensar com toda a caridade, inquire deles o motivo da contenda.
- É que o cavaleiro afirma que aquele escudo é de ouro.

- É que o cavaleiro afirma que aquele escudo é de prata.
- Pois, meus irmãos, observou o daroês, ambos tendes razão e nenhum a tendes. Todo esse sangue se teria poupado, se cada um de vós se tivesse dado ao incômodo de passar um momento ao lado oposto. De ora em diante nunca mais entreis em pendência sem haverdes considerado todas as faces da questão. (LAGES apud FIORIN, 2016, p.17-18)

3.1 Análise de conteúdo dos relatos.

Nesse texto, seguindo a exemplificação de Fiorin para a análise do conteúdo, há uma oposição clara na percepção dos dois cavaleiros quanto ao escudo ser de ouro ou de prata. Estes estão tomando como referência somente o seu ponto de vista, sem terem ao menos pensado que poderia haver pontos de vista diferentes daquele a que se prendem as suas afirmações. Levando essa análise ao nível mais concreto, o dervixe, que se deu ao trabalho de observar o escudo sob as duas perspectivas, sabe que de um lado se vê ouro e do outro prata e passa a conduzir os cavaleiros ao entendimento, explicando-os sobre levar em consideração todas as formas possíveis de observação de alguma coisa. Encarando isso de uma forma mais abstrata, o escudo representa o conhecimento, a passagem de um não saber a um saber. Os cavaleiros eram sujeitos que não conheciam o escudo até o momento que passaram a analisá-lo sob o seu ponto de vista. O saber de cada um a respeito do mesmo objeto é diferente, porque é condicionado pelo ponto de vista em que cada um se coloca para apreendê-lo, estudá-lo, analisá-lo. Tendo adquirido um saber a partir de uma certa perspectiva, cada um dos sujeitos atribui a seu conhecimento a marca da certeza e confere ao outro a qualificação de equívoco, ou seja, cada um dos sujeitos considera seu saber como saber e o outro como não saber. Isso leva a uma polêmica, uma confrontação, em que cada um tenciona a fazer o outro desqualificar o saber que havia adquirido anteriormente e aceitar o ponto de vista alheio como verdade. (FIORIN, 2016. p.18-19)

O exemplo dado no texto de Fiorin e a sua análise inicial nos permitirá entender que, a variedade dos relatos e suas diferentes formas de serem produzidos e escritos, estão carregadas do modo de ver o mundo dos estudantes que os redigiram. Por isso foi detectada a necessidade de uma classificação desses relatos para que possamos, sob perspectivas diferentes, analisá-los, buscando interpretar as suas diferentes motivações a escrever, sejam narrativas de memória propriamente como se apresentam ou sob a forma de uma história

que, embora narrada por qualquer um deles, sejam histórias inventadas ou mesmo repetições de coisas que eles viram na televisão, como um dos relatos faz:

Num hospital público, onde todos os dias tem um médico que todos os dias corre contra o tempo todo dia. Teve um dia, a mulher do médico sofreu um acidente, o médico ficou tão desesperado e sem perguntar a família se podia operar, operou a esposa e a esposa não aguentou aos ferimentos e morreu. A mãe da mulher processou o médico, mas o médico encontrou outra mulher e se apaixonou e ficou com ela. (RELATO 52, ANEXO 1)

Nesse relato, o aluno está fazendo um resumo da trama de um programa de televisão que estava no ar à época da oficina de construção de narrativas de memória. No momento em que ele decidiu por narrar essa trama, por menos estimulado que estivesse em criar uma narrativa de sua vida cotidiana, tal como foi proposto na oficina, ele estava fazendo um registro no tempo, na medida que podemos saber qual é o programa e quando foi que ele esteve no ar no respectivo canal de televisão. Portanto, a necessidade de se colocar mais de uma perspectiva, considerar um objeto ou um fato narrado de várias perspectivas, leva à conciliação, que é o bom entendimento com os outros a partir da aceitação de seus pontos de vista, sejam eles da iniciativa que forem, sobre quaisquer histórias contadas pelos seus narradores. (FIORIN, 2016, p.19) O texto dos alunos que participaram da oficina de narrativas de memórias se produzem no nível do discurso, ou seja, são formas concretas da realidade na qual os alunos estão inseridos revestidas de suas próprias perspectivas, sejam elas totalmente reais ou de alguma fantasia, próprias do universo dos adolescentes e das crianças.

Esses textos podem se revestir em esquemas narrativos abstratos com temas e produzir um discurso não figurativo ou podem, depois de recobrir os elementos narrativos com temas, concretizá-lo ainda mais, revestindo-os com figuras. A oposição entre figura e tema remete a oposição abstrato/concreto, entendendo que concreto e abstrato não são termos polares, que se opõem de maneira absoluta, porém criam uma espécie de continuidade que sai do abstrato até chegar ao concreto. A figura faz menção aos elementos do real, como *árvore, rua, calçada, carro, brincar* etc. Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, não estamos falando somente do mundo natural que é este em que vivemos, que já existe, mas também a um mundo natural construído que, numa narrativa, contém figuras desse mundo que são perfeitamente plausíveis e verossímeis. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou interpretativa são feitos para simular o mundo -,

enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa - são feitos para explicar o mundo. (FIORIN, 2016. p.90-91)

Fiorin segue em sua obra apresentando o conceito de isotopia, o qual é utilizado para explicar a semântica do discurso. Um texto pode sofrer várias leituras diferentes, mas as diversas leituras que o texto aceita já estão nele inscritas como possibilidades. Isso quer dizer que o texto que admite múltiplas interpretações possui indicadores dessa polissemia. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da escolha do leitor, mas dos elementos visíveis presentes no texto. O que dá coerência semântica a um texto e o que faz dele uma obra única é a reiteração, a redundância, a repetição a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso – é, em suma, a sua isotopia (FIORIN, 2016. p.112).

3.2 Critérios para a classificação dos relatos de memória.

Partindo desses princípios, retornamos à definição dos critérios a serem utilizados para a classificação dos trabalhos dos alunos. Foram contabilizados cinquenta e oito textos, por eles criados, de forma bem heterogênea, cada qual contando detalhes de suas próprias vidas, sejam esses detalhes relacionados ao cotidiano em família, vivências no cotidiano escolar, no ambiente de suas instituições religiosas ou mesmo no cotidiano da vida em comunidade num todo, normalmente quando estão às ruas brincando ou fazendo alguma coisa relacionada à vida doméstica. Pensando sobre essas características que acabam por serem marcantes nas narrativas dos alunos, a classificação ficou estabelecida da seguinte forma:

(a) Relatos da vida cotidiana em família, os quais podem ser identificados a partir de palavras ou frases que dizem respeito ao cotidiano familiar do aluno, elementos do texto relacionado aos seu parentes ou a uma narrativa ambientada na convivência e na relação com os membros de sua família. Palavras como *pai, mãe, casa, quarto, avô, avó*, são exemplos de elementos que podemos observar com frequência nesses relatos, como também a temática da narrativa que remete especificamente a essa classificação;

(b) Relatos da vida cotidiana no ambiente escolar, ou seja, todos os momentos vividos e narrados pelo aluno que se passam no ambiente escolar ou em função dele. Por algumas vezes, podemos observar que relatos classificados nesse critério, também foram classificados segundo o critério de relatos da convivência entre amigos. Isso se dá muito por causa da rede social na qual o aluno está inserido, e que em sua maioria frequenta a mesma escola que ele. Veremos exemplos dessas situações mais adiante;

(c) Relatos da convivência entre amigos. Esse critério de classificação leva em conta os elementos na narrativa do aluno que remetem às relações dele com outros meninos e meninas que formam seu grupo social. Também podemos levar em consideração as narrativas que têm como tema central a amizade declarada de uma pessoa a outra ou até mesmo uma história inventada;

(d) A relação com a religião ou o ambiente religioso. Nesse critério de classificação, levaremos em consideração os relatos que fazem menção aos grupos sociais dos quais eles fazem parte e que estão relacionados à religião como narrativas temáticas, eventos religiosos, discursos que remetem à referência religiosa/simbólica de quem produziu sua narrativa;

(e) As vivências na comunidade/bairro em que moram. Nessa classificação, foi levado em consideração os eventos diversos que ocorrem nas ruas, praças e avenidas do bairro onde os alunos vivem e/ou transitam livremente, sobre qualquer temática.

Nesse momento, serão apresentados exemplos de relatos construídos durante a oficina de narrativas de memória. Vamos observar o seguinte texto, classificado como (a) *Relatos da vida cotidiana em família*:

“Um dia de terror.”

Um dia, saímos eu e minha família para o shopping. Era eu, minha mãe, meu padrasto e os meus irmãos de consideração. Então, lá no Park Shopping, nós fomos ao Hotzone, um parque de diversão. Depois de brincar, fomos à praça de alimentação, lá estava muito cheio, era dia das crianças e não tinha cadeira pra gente sentar. Sorte que um cara estava

acabando de comer e vagou a mesa e comemos. Fomos embora era 19:30 horas.

No outro dia de manhã, vendo o noticiário na TV, ficamos sabendo da notícia que, às 20 horas, um homem atirou em outro por causa de cadeira. Aí eu pesei, “meu Deus, a gente ainda poderia ter levado uma bala perdida e no dia das crianças”. Mas Deus é bom. (RELATO 15, ANEXO 1)

Esse relato apresenta elementos que remetem diretamente ao convívio do aluno com a sua família. Podemos identificar as palavras *minha, família, mãe, pai, irmãos, consideração*. Sua temática é explícita, ou seja, faz menção direta ao fato de todos terem se reunido para visitarem o shopping durante um dia de feriado. É possível observar elementos que poderiam remeter esse texto a outras classificações, como por exemplo, a notícia de um crime, ocorrido minutos depois deles terem saído do shopping. Porém, como o contexto da narrativa está inserida no passeio da família, não utilizamos outro critério para essa classificação, ficando somente com o convívio da família no cotidiano do aluno.

Vamos observar esse exemplo de relato de memória classificado no critério (b)

Relatos da vida cotidiana:

O Museu

Em um dia de sol, eu acordei e fui para a escola.

Era dia de um passeio da escola, eu e meus amigos subimos no ônibus e estávamos indo para o Museu de Arte do Rio. A viagem foi maneira passamos perto da ponte Rio Niterói.

Nós vimos pinturas, foi bem divertido.

Depois nós fomos em frente ao Museu do Amanhã e fizemos um piquenique.

Nós comemos, subimos no letreiro e vimos um homem fantasiado de grama.

Voltamos para escola e eu fui para casa. (RELATO 26, ANEXO 1)

Esse relato tem como elemento chave para essa classificação a palavra *escola, amigos, passeio*. É a palavra *escola*, inserida no tema da narrativa, que torna o evento descrito como o cotidiano em ambiente escolar. As palavras *passeio, amigos e piquenique* também podem ser utilizadas como critério para a classificação do relato, mas a contextualização se define onde está escrito que é um passeio da escola. A partir daí, não houve dúvida.

Eis então o exemplo de relato classificado segundo o critério (c) *Relatos da convivência entre amigos:*

“O Park Shopping do medroso”

Um dia, eu estava lá em casa, tranquilinho, todo ansioso para dar 19h30min horas e o pai do meu amigo vir me buscar em casa, estava tão feliz!” Deu 18 horas, tomei banho e fiquei lá aguardando o pai do meu amigo chegar. Chegou, entrei no carro e buscamos a Jenifer e finalmente chegamos ao Park Shopping (depois de uma baita ânsia de vômito no carro). Fomos primeiro na barca (brinquedo maluco, ia alto pra caramba, foi muito bom), depois ao carrinho bate-bate porque o Kaio (meu amigo, o aniversariante) chorou e precisava ir a um brinquedo mais leve. Saímos do bate-bate, Kaio chorou porque não conseguia fazer “drift” (manobra), enquanto ele e um garotinho lá jogavam ping-pong, eu e a Jenifer fomos aos brinquedos radicais. Eu não sei o nome de nenhum, então não posso citá-los aqui. Fomos comer e tinha um cara lá cantando, nossa! Ele canta muito bem! Só que tinha uma droga de uma velhinha que mandava a gente falar baixo. Falamos tão alto que ela mudou de lugar! Depois de comer, fomos embora pra casa e o Kaio ainda chorava. (RELATO 16. ANEXO 1)

Nesse relato, existem elementos que nos remetem ao evento principal, que é o passeio do narrador com seus amigos ao shopping para comemorar o aniversário de um deles, que são as palavras como *buscar, pai, amigo, shopping, amigo, casa* etc. Nesse caso, toda a história está relacionada ao passeio e as pessoas que participam de tudo são amigos do narrador. Então, tematicamente bem definida a história contada, ela também está figurativamente bem estabelecida, na medida em que encontramos os elementos que nos remetem à classificação como um relato de convívio entre amigos. O cenário desse passeio também justifica a faixa etária média dos alunos da oficina, adolescentes de doze, treze e quatorze anos.

Agora iremos observar um exemplo de relato classificado segundo o critério (d) *A relação com a religião ou ambiente religioso*:

No dia 15 de abril, aconteceu um evento da Igreja Ministério Apostólico Projeto Plenitude, e o nome desse evento é Fruto Fiel. Neste dia, todos ficaram muito contentes, louvamos, cantamos, dançamos e ouvimos a palavra. Esse evento aconteceu exatamente às 2h e 30 minutos em Padre Miguel, essa igreja se localiza em frente ao CIEP Brizolão. Continuando, minha família toda foi a esta festa, foram diversas igrejas de todos os lugares. As pessoas que foram a esse Fruto Fiel voltaram de lá renovados (inclusive eu), todos adoraram esse dia, comemos, bebemos e só podiam entrar no congresso de eventos de Padre Miguel só quem tinha as pulseiras vermelha e amarela. Todos foram com a blusa da igreja (amarelo e preto), então, neste congresso, só havia pessoas que estavam de amarelo e preto, na manga desta camisa estava (M12) que eu acho que significa multiplicação de 12, também tinha uma bandeira ENORME amarela e preta que estava escrito TRIBO DE JUDÁ e que estava desenhado um leão. Bom, a minha história de uma narrativa de memória então é isso, essa história acaba aqui. (RELATO 2, ANEXO 1)

No exemplo acima citado, identificamos os elementos que fazem com que a temática da narrativa seja classificada como do cotidiano em ambiente religioso. São as palavras *igreja, ministério, apostólico, louvamos, ouvimos, palavra* (se referindo a palavra de Deus). Tematicamente, a história acontece num evento organizado por um grupo de igrejas numa espécie de federação, no qual várias pessoas de outros lugares estavam também lá. O autor do texto mostra animação ao se identificar como pertencente a um grupo uniformizado e dentro de um evento onde só quem tinha uma credencial poderia estar.

Agora iremos observar um exemplo de relato classificado segundo o critério (e)

Vivências no bairro/comunidade em que moram:

Minha rua – o assalto

Um dia, tinha um homem bêbado na rua onde moro, ele estava xingando todo mundo, batendo nas pessoas. Quando estava passando um homem (bandido) que viu aquele outro homem bêbado xingando as pessoas, o bandido foi até o bêbado e deu uma facada na barriga dele.

As pessoas que o bêbado xingou foram defender ele e seguraram o bandido e chamaram a polícia e a ambulância para o bêbado. No outro dia, o bêbado estava na cama do hospital escrevendo desculpas pros moradores.

Quando os vizinhos receberam a carta, foram até o homem e ele novamente pediu desculpas. E o homem deu uma festa de agradecimento, com pula-pula etc. Os filhos dos vizinhos também foram e se divertiram muito. (RELATO 8, ANEXO 1)

Nesse relato de memória, os elementos que justificam a classificação como uma narrativa do cotidiano nas ruas do bairro onde o autor do texto vive são as palavras *rua, assalto, bêbado, hospital, pessoas, passando, polícia, festa, vizinhos* etc. Analisando a temática da narrativa, o aluno está relatando o momento que houve um assalto na rua onde ele mora e como ele testemunhou o que aconteceu com os envolvidos, a saber, o assaltante, as pessoas que estavam na rua olhando o que estava acontecendo e o homem que estava bêbado e arrumou a confusão se desculpando, dando uma festa para os vizinhos. Esse relato mostra um exemplo de situação envolvendo um ato violento que foi o momento do roubo e da facada na pessoa embriagada. Poderíamos classificar essa história como uma experiência numa situação envolvendo violência, porém foi decidido que os elementos que remetem à violência seriam analisados separadamente, associados aos outros critérios avaliativos dos relatos de memória dos alunos da oficina de construção de narrativas.

Alguns desses relatos acabaram por ser classificados por mais de um critério entre os criados para esse trabalho. Esses relatos foram assim classificados pois apresentavam elementos figurativos e temáticos que os colocam dentro da esfera de mais de uma dessas categorias. Isso pode ser explicado a partir do conceito de isotopia exposto por Fiorin, que explica que a coerência semântica de um texto é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso (FIORIN, 2016, p.112). A recorrência de traços semânticos estabelece a leitura que deve ser feita do texto, daí podemos estabelecer que a reincidência de determinados elementos semânticos no texto dos alunos serve para classificá-los a partir de uma única categoria ou a partir de várias ao mesmo tempo. O que precisamos para isso é fazer uso da capacidade da observação e interpretação desses textos, levando em consideração suas diferentes perspectivas. O conceito de isotopia é considerado extremamente importante para a análise do conteúdo, pois permite determinar o(s) plano(s) de leitura dos textos, controlar a interpretação de textos plurissignificativos e definir os mecanismos de construção de certos tipos de discurso, como, por exemplo, o gênero textual no qual debruçamos nossa pesquisa, os relatos de memória pessoal dos alunos da oficina eletiva.

Foram contabilizados onze relatos cujas classificações foram identificadas em mais de uma categoria, duas em todos eles. Lembramos que, ao identificarmos mais de uma categoria nesses relatos, para que decidíssemos estabelecer a qual categoria fosse a escolhida, levamos em consideração qual a principal temática da narrativa apresentada e se seus elementos figurativos estariam associados. Por exemplo, na leitura do relato a seguir:

“A história do campo”

Quando eu fui pro campo com o meu pai eu gostei muito o time do meu pai tava ganhando de 6x2 depois chega uma macumbeira e fala assim que o time do meu pai começou a perder de 10x6 aí eu comecei a orar aí o time do meu pai começou a ganhar o meu pai ficou muito feliz depois chega a minha mãe e acaba o jogo meu pai quando fomos pra casa chega um bêbado e falo passa o celular aí meu pai falou não aí ele brigou com o cara aí o cara deu um tiro aí ele falou para eu correr muito... (RELATO 19, ANEXO 1)

Esse relato foi classificado nas categorias (a) *Vida cotidiana em família* e (e) *Vivência no bairro/comunidade em que residem*. Podemos encontrar elementos da narrativa que figurem a primeira categoria, como as palavras *pai* e *mãe* que aparecem repetidas vezes no texto, cuja temática remete ao cotidiano do narrador com sua família.

Mas essa família está reunida num evento público que acontece no campo de futebol do bairro onde residem. Isso faz o fato narrado ser uma vivência da família dentro de um acontecimento no bairro onde moram. Portanto, a temática dessa narrativa une elementos que podem ser categorizados segundo duas classificações diferentes.

Vamos observar alguns outros exemplos de relatos classificados em mais de uma das categorias estabelecidas para análise:

Sou nascido e criado dentro do Conjunto Campinho e meu sonho desde criança é sobre ser jogador de futebol. Sempre morei com a minha mãe e nunca conheci meu pai. Quero crescer na boa (sic), ser famoso, fazer sucesso no mundo inteiro. Quero dar do bom e do melhor pra ela, porque tudo o que ela não tem eu quero dar pra ela. (RELATO 43, ANEXO 1)

Esse exemplo também foi classificado segundo as categorias (a) *Vida cotidiana em família* e (e) *Vivências no bairro/comunidade onde residem*. Os elementos figurativos que nos remete à categoria da vida cotidiana em família estão no trecho “Sempre morei com a minha mãe e nunca conheci meu pai” e “Quero dar do bom e do melhor pra ela [...]”. A temática da narrativa desse relato se enquadra na categoria vivências no bairro/comunidade onde residem, pois o texto mostra que seu autor sempre morou no bairro de nascimento e sonha um dia poder dar uma vida mais digna à mãe.

Passamos agora a um exemplo de relato que foi classificado segundo as categorias (a) vida cotidiana em família e (b) vida cotidiana em ambiente escolar:

“História sobre mim”.

Minha história começa contando pela minha casa, mora cinco pessoas. Minha mãe trabalha um dia sim e um dia não, meu irmão chamado Daniel, estuda de tarde, o Jonatha e o Bruno trabalham. Eu fico as vezes em casa sozinha e só faço a festa. Ligo o som, faço brigadeiro e faço muitas coisas, eu desço para a rua só sexta, sábado e domingo. Tenho doze anos, [...] moro no Condomínio Vivendas das Rosas e vamos voltar para história. Minha mãe(sic) separou do meu padrasto já tem 3 meses. Ele pede pra voltar mas ela não quer. Estudo no Mayra, estou no sétimo ano vou contar o que acontece na minha escola, é uma bagunça que só. Pixam as paredes, o banheiro está sem bica porque estragaram, falta água quase todo dia e não tem aula. Tenho amigos muito legais na escola. Na fila da escola é uma bagunça na hora do almoço tem briga quase todo dia na escola, lá em casa nós brigamos assim. Quando um pega alguma coisa do outro é uma bagunça. Quando eu briguei na escola, fiquei de castigo 3 meses, quando eu briguei. Eu sou quieta, mas não gosto que ninguém mexa comigo, sou gordinha, não sofro buli(sic) na escola, não. Só uma vez, que me chamaram de gorda aí eu não gostei, me estressei acabei dando um soco no garoto. Quando minha mãe vai me bater por causa do meu irmão, eu começo a chorar falando que vou chamar a polícia. Ela

sente pena de mim e não me bate mais porque agora já sou grande que ela falo minha fala que eu só vou namorar em casa com 14 anos. Eu vou ter a minha festa de 15 anos, minha mãe quer fazer mas eu não quero... (RELATO 41, ANEXO 1)

Nesse exemplo de relato, podemos identificar os elementos que, de forma clara, classificam o texto narrativo nas duas categorias na qual ele foi classificado. As palavras *casa, mãe, irmão, condomínio, festa, som, separou, padrasto* compõem a temática da narrativa relativa ao cotidiano doméstico do autor do texto. A parte desse relato que constitui o momento da relação da aluna com o ambiente escolar se revela na descrição de como se encontra a escola devido ao comportamento dos outros alunos no que diz respeito à conservação do espaço físico. O cotidiano escolar também se faz evidente na hora que é dito que a autora do texto, mesmo sendo “gordinha”, não sofre bullying, pois não permite que façam isso com ela.

Nesse próximo exemplo de narrativa de memória da própria vida, duas classificações foram atribuídas, foram elas (a) *Vida cotidiana em família* e (c) *Convivência entre amigos*. Vejamos o relato:

A minha vizinha Sara

Era uma vez de noite minha vizinha bateu em minha porta para me chamar para ir a rua com ela, ai eu pedi a minha mãe para eu ir com ela, ai ela falou assim vou deixar você ir mas volte 10.00.

Ai não sabe o que aconteceu um carro preto seguiu a gente e ai corremos muito. Enfim o nome da minha vizinha é Sara ai nós corremos e corremos e do nada o carro parou de nos seguir. Quando deu 9.50 eu fui para um lado e ela foi para o outro.

Eu cheguei em casa 10.30, minha mãe perguntou aonde eu estava e eu desesperada falei que ela foi para um lado e eu para o outro. Ai chegou a Sara desesperada por causa do carro quando chegou no condomínio sabem que era meu tio, irmão da minha mãe de palhaçada botando medo . E eu estou de castigo porque cheguei 10.30 em casa.

Eu fui dormir e fiquei pensando no que o meu tio queria colocando medo na gente. Quando amanheceu eu fui na casa da minha vizinha Sara para perguntar se ela estava bem.

Muito bem depois do susto ela conheceu e se apaixonou pelo meu tio e agora são casados. Um começo ruim terminou em um final feliz. (RELATO 58, ANEXO 1)

Nesse texto, observamos os elementos típicos que compõem as narrativas que se passam em ambiente doméstico como os termos *casa, pai, mãe, tio, porta, vizinha* etc. Os elementos que fazem dessa narrativa ser classificada como convívio entre amigos estão presentes na temática de que as duas amigas estão juntas passeando quando começam a serem perseguidas pelo seu tio, sem ela saberem quem era. As palavras *rua, carro, seguir, juntas*, fazem com a temática a forma de uma narrativa que remete a vivência da autora do

texto do cotidiano junto com sua amiga que, posteriormente, vem a casar-se com o tio dela, o qual a assustava com o carro na rua. Observando a relação entre as pessoas envolvidas na história e o cenário descrito, podemos classificar esse relato como (a) e (c).

Vamos agora analisar um relato que também tem mais de uma classificação, que são

(a) *Vida cotidiana em família* e (d) *Relação com a religião ou ambiente religioso*:

Quando eu tinha seis anos de idade, eu fui passar alguns dias no passeio da igreja que era em um sítio com direito a tudo que tinha lá. Então eu fui com a minha avó, meu irmão, minhas duas irmãs e alguns colegas da igreja. Chegando lá, tinha de tudo até mesmo piscina, tinha uma para crianças e uma para adultos, a piscina de crianças era menor do que a piscina de adultos, então no dia seguinte, eu, minha avó, meus irmãos e os colegas de igreja fomos à piscina. Chegando lá, eu entrei na piscina de crianças e minha avó e meus irmãos foram para a piscina de adultos porque meus irmãos já tinham tamanho suficiente para ficar na piscina de adultos e eu fiquei lá na piscina de criança sozinha e isolada até chegar um menino cheio de perebinhas na perna e pulou na piscina. Então eu fiquei com nojo e fui contar para minha avó e eu pedi para ficar lá na piscina de adultos com ela e de tanto pedir ela deixou. Então eu fiquei agarrada na escada da piscina e fiquei mergulhando e voltando toda hora, mas continuei segurando na escada para não se afogar e então minha avó falou para parar senão eu ia se(sic) machucar e eu não ouvi quando eu bati com a testa na escada e abriu um buraco na minha testa e saiu muito sangue mas a minha sorte foi que tinha uma enfermeira no meio da gente e era pra mim levar ponto, só que não levei e depois disse: eu fiquei cuidando até o machucado curar e fiquei bem. (RELATO 47, ANEXO 1)

Esse relato nos leva a uma temática muito bem definida nas duas categorias as quais foi classificado. No que diz respeito à convivência em família, observamos as palavras *avó*, *irmão*, *irmãs* como determinantes na associação à temática da história que é o passeio que essa família fez por intermédio da igreja que são membros. Para entender melhor o ambiente que se passa, podemos destacar palavras como *passeio*, *igreja*, *sítio*, *piscina*, *criança*, *adulto* etc. Esses termos nos remetem diretamente ao contexto da vivência em ambiente relacionado à religião. Toda a descrição do local e das pessoas e o que elas estão fazendo, podem ser destacados como determinantes para a classificação desses critérios no relato.

3.3 Milícia, violência e a heterogeneidade do material.

Prosseguindo com a descrição e análise dos trabalhos dos alunos na oficina proposta, vale lembrar que o material produzido pelas crianças é bem heterogêneo. Há

relatos que passam pelo cotidiano do mundo religioso, das brincadeiras ao ar livre de alguns e do uso cotidiano de aparelhos celulares e vídeo games. No meio desses assuntos, há momentos em que alguns relatam situações de violência doméstica ou testemunham cenas de violência no bairro onde moram. A região onde as crianças moram é marcada por indicadores sociais desafiadores ao poder público.

Nas regiões da Zona Oeste do Rio de Janeiro, além dos conflitos entre os traficantes de drogas, que se protegem da ação da polícia, misturando-se nas favelas da região, criando regras e estabelecendo um verdadeiro poder paralelo, há também a ação de grupos formados por milicianos, grupos criminosos que tomam conta de uma determinada comunidade, obrigando as pessoas a pagarem pela segurança, pela compra de água, gás e assinatura clandestina de pacotes de canais fechados de televisão e internet. Essas crianças acabam por aprenderem sobre tal situação, ao ponto de muitas de naturalizarem que o uso da força e da violência sobrepõem a lei estabelecida pelo Estado, que não faz chegar a segurança pública nessas regiões. Não à toa essa região foi escolhida para abrigar um “Ginásio Carioca”, além da espera de décadas por uma escola nova na região. Os alunos, de certa forma, por serem bem novos, ainda estabelecem um mundo de fantasia entre o que eles absorvem de informações próprias de seu nicho adolescente e a realidade que os cerca.

3.4 A metodologia do paradigma indiciário.

Tendo em vista da variedade de trabalhos feitos pelos alunos, fez-se necessária uma escolha de critérios para classificá-los que permeiam a parte textual dos trabalhos. Como explicado, foram escolhidos critérios de classificação de acordo com os elementos encontrados nas narrativas construídas pelos alunos. Além dos critérios de análise do gênero textual narrativo, apontado no início desse capítulo como um dos instrumentos dessa pesquisa, a busca por esses elementos levou em conta também a metodologia do paradigma indiciário, explicado por Carlo Ginzburg em seu trabalho intitulado *Raízes de um Paradigma Indiciário*. Nesse texto, Ginzbrug explica um método de classificação de fontes que pode servir como um modelo ou um método indiciário para organização desses critérios que nos atemos em construir. Seu método de caracterização de obras de arte foi desenvolvido a partir da catalogação e identificação, feita pelo estudioso de arte italiano Giovanni Morelli, de elementos únicos das obras de arte e de seus respectivos autores pintores. Mas esses aspectos únicos a serem catalogados, segundo o método indiciário, são

quase imperceptíveis à primeira vista, ou seja, são algo tão particular a maneira de pintar de terminado artista que chegam a constituir uma espécie de “digital” das obras de arte.

Como trazer esse método indiciário para os estudos das ciências humanas? Segundo o conceito do paradigma indiciário, podemos inferir o objeto de pesquisa/produto como uma espécie de lista de critérios específicos - no caso, a oficina de construção de narrativas de memória dos próprios alunos - e passaremos a elaborar aspectos particulares que somente cada narrativa é capaz de expor em suas peculiaridades.

A escolha do método indiciário de Ginzburg para análise dos relatos de memória tem a ver com a tentativa de encontrar dentro dos relatos uma singularidade na tentativa de buscar sentido ao assunto do qual eles estão relatando. A ideia de usar o método proposto por Ginzburg tem a ver com a busca dos indícios que darão dão aos relatos e com a questão da pesquisa histórica, que é a análise deles, em questão da relação entre a morfologia e a história como um instrumento importante da pesquisa.

Ginzburg busca uma documentação diferente para interpretação dos fatos históricos. Ele lança mão de iconografias, edifícios, medalhas e moedas, documentos oficiais, processos judiciais em geral que podem ser tratados com preconceito pelos historiadores mais tradicionais. Ele interpreta descrições de atos cotidianos ou ainda as próprias formas de descrição como elementos indiciários, mas fundamentalmente faz bom uso de sua bagagem cultural para inferir os fatos históricos e levantar hipóteses.

No contexto da minha pesquisa, a interpretação das formas de descrição ou das descrições de atos cotidianos possibilitará, seguindo Ginzburg, diferentes visões de um mesmo assunto ou de um mesmo objeto, procurando chegar em verdades ou verossimilhanças diversas acerca daquele assunto ou do que está sendo relatado, como se fossem provas ou possibilidades que, embora simples por alguma forma mais geral de leitura, podem também ser diferentes versões alternativas que se contrapõem às oficiais que acabam chamando atenção para questões que talvez não tenham sido achados anteriormente.

Portanto, assim como uma, logicamente, ou segundo os elementos mais duros, a classificação da interpretação dos relatos que foram feitos anteriormente segundo o método indiciário de Ginzburg, podemos encontrar um sentido dentro daqueles que podemos dizer que talvez tenha sido algo que fosse próprio da forma daquela construção ou da busca de sentido de quem o fez.

A existência de abertura para diferentes interpretações de ponto de vista, é possível no momento atual em que se privilegia a diversidade à diferença, o específico mas

que teria sido um pouco mais complicado de realizar em tempos passados, quando praticamente não havia relação entre os campos disciplinares e as vias cânones. O que eram escritos e que eram estabelecidos como verdades absolutas hoje em virtude da liquidez das vivências do cotidiano das relações principalmente dos mais nobres né a geração mais nova, da velocidade com que os fatos ocorrem segundo as suas vontades intenções ou simplesmente experiências vividas fazem com que haja essa diversidade maior que é a nossa busca por esse sentido dentro dos relatos acaba sendo interessante levarmos como base o método de desfiar para encontrarmos coisas que estão ali dentro daquele relato que talvez uma análise mais crua não chegassem.

No que diz respeito à realização de uma análise mais profunda dos relatos de memória dos alunos que participaram dessa oficina, nós podemos ter como base o estudo de Laurence Bardin intitulado *Análise de Conteúdo* (2007), que é um livro de referência no qual encontramos uma série de orientações acerca do que se pode buscar dentro da documentação pesquisada para encontrar aquilo sobre o que já havíamos nos debruçado com o estudo do método indiciário de Ginzburg.

Bardin, quando desenvolve seu estudo acerca da análise de conteúdo, propõe alguns métodos como a descrição analítica, segundo os procedimentos de descrição para os conteúdos das mensagens. Ela afirma que ao tratar de uma informação contida nas mensagens, essas análises elas não se limitam apenas ao conteúdo, embora levem em consideração onde esse conteúdo está inserido, qual é a origem desse conteúdo. Por exemplo, começamos classificando um relato como *vivência cotidiana no ambiente escolar*, mas quando nos debruçamos sobre ele, encontramos informações acerca das condições de conservação da escola e sobre o ponto de vista do aluno que escreveu o seu relato (BARDIN, 2011, p.42). É expressa a opinião acerca do comportamento dos outros alunos que acabam por destruindo depredando o patrimônio da escola, que seria um comportamento passível de crítica. Nesse sentido, retomemos um relato já citado no capítulo 2:

Escola Ginásio Mayra Aguiar da Silva criada com o nome de uma judoca brasileira e campeã das olimpíadas de 2016. Mayra Aguiar em uma de suas entrevistas a televisão, disse que é um grande prazer seu nome estar na escola. Ela disse que espera que os alunos se dediquem mais e forme o Brasil um lugar melhor e digno. Inaugurada no dia nove de setembro de 2016, o diretor recebeu os alunos com a maior orquestra. Chegamos com um sorriso que ninguém tirava da nossa boca, o lugar era novinho em folha, refeitório, banheiros, quadra, salas, tudo organizado, professores excelentes. Só que hoje estão destruindo o patrimônio público, estão quebrando cadeiras, destruindo mesas e pixando as paredes, só que não é gente de fora, são os próprios alunos. As salas não têm mais estrutura no

teto, o bebedouro está quebrado. Eles passam chutando a escada estão desperdiçando a comida que muita gente poderia comer, mas jogam fora. Então, com relação à disciplina, tem que mudar muito, se não, quando chegar ao final do ano, não vai ter mais escola, os alunos têm que preservar e nunca mais ser uns selvagens. A gente tem que ser igual disse a Mayra, construir um Rio de Janeiro melhor. (RELATO Nº12, ANEXO 1)

Portanto, a análise de conteúdo, segundo Bardin, pode ser uma análise dos significados mesmo que os procedimentos para que esse documento esteja às mãos do analista, esse tratamento descritivo constitui uma das fases do procedimento de análise, mas não é exclusivo da análise, pois não estão exclusivamente no conteúdo em si, cruamente analisado. Isso foi executado baseado no trabalho de Fiorin, no momento em que classificamos os relatos.

O trabalho de Bardin busca contabilizar no trabalho analítico um código, uma palavra, uma frase, aspectos delimitados da documentação, no caso, os relatos, que permitem compreender a significação do cenário de sua produção. Ou seja, o que levou o aluno a situar-se dentro do cenário/tema do assunto que ele escreveu e a partir de então produzir a sua narrativa. Bardin segue em seu texto falando de um procedimento chamado de “análise categorial” (BARDIN, 2011, p.45) que pretende levar em consideração a totalidade de um texto, passando pelo crivo de uma classificação ou recenseamento segundo a frequência de presença de itens de sentido semelhantes e/ou complementares.

Portanto, como já dito, foi feita uma classificação de elementos que se repetem ao longo dos relatos e que fazem com que eles se encaixem nessas classificações. A partir daí, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando por meio dessas categorias, podemos entender a identificação desses critérios, analisando um relato produzido por um dos alunos da oficina de construção de narrativas. Eis o relato:

Eu moro no bairro 29 de março, é bem legal, eu brinco com meus amigos, nós jogamos vídeo game etc. Eu faço aniversário dia 29 de outubro e no ano de 2016, meus melhores amigos estiveram presentes. Foram meus amigos da rua, meus amigos e amigas da escola, meus primos e primas. A festa começou às 16 horas e durou até às 23 horas. Nós jogamos sinuca, brincamos de verdade e consequência, comemos salgados, bolo e refrigerante. Foi um dia que não vou esquecer tão fácil. Meus amigos e primos são bem legais, mas o mais legal foi o ar condicionado. Esse ano eu quero ir ao shopping, mas só o tempo dirá. (RELATO 04. ANEXO 1)

Nesse relato, podemos observar que o enredo está ambientado na vivência do narrador em meio a comunidade/bairro onde vive, além da sua rotina com seus amigos. Esses detalhes que nos parecem mais claros e que, segundo os critérios utilizados para a sua classificação, passam a ser estabelecidos como a marca característica dessa forma de relato de memória que chamamos de *vivências na comunidade/bairro*. Para essa classificação foram escolhidos elementos no texto que fizessem referência a relação do narrador com amigos e sua vivência dentro da comunidade/bairro que ele vive ou já viveu em algum momento da vida.

Essa questão de retratar a própria vida e exaltar elementos dela mesma, para que sejam identificados e classificados como relatos de memória, nos faz lembrar o estudo de Philippe Artières *Arquivar a própria vida* do qual podemos lembrar da passagem em que o autor afirma que poucos eventos não deixam vestígios, sobretudo escritos, seja num pedaço de papel ou registros diversos voando através do tempo, atravessando a memória coletivas ou individual, segundo diversos elementos que compõem a vida de todo dia (ARTIÈRES, 1998, p. 9-10).

Com o passar do tempo, gastamos grande parte da nossa vida nos lembrando e arquivando os acontecimentos dela e esse esforço que nós fazemos em lembrar nossas próprias ações serve também como um estudo importante sobre a história do indivíduo, da sua história local e da história de uma escola, por exemplo. Esse trabalho de pesquisa, que diz respeito aos alunos da primeira geração de uma escola recém-inaugurada e que, por meio dessas práticas de registro da própria história, são montadas uma espécie de imagem de nós mesmos para os outros. Porém, essas classificações de arquivamentos de nossas próprias vidas são fluidas todo o tempo. Mal acabamos por nos estabelecer em algum lugar de nossas memórias, e já não pode servir mais por qualquer que seja o acontecimento atual que faz com que tudo se modifique, pois estamos a todo momento omitindo, acrescentando, manipulando, riscando, rasurando nossas vidas (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Artières apresenta sua ideia de construção de narrativa autobiográfica como sendo fruto das nossas ações enquanto seres humanos. Ele afirma isso levando em consideração apenas a escrita como elemento principal do registro da memória do ser humano, mas sabemos que isso não deve ser levado totalmente em consideração pois também há os registros de transmissão via oral que também são importantes e fazem parte da memória, mesmo que de povos que não tinham a escrita como forma de registro, são memórias da tradição oral (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

Quer o lembrar e o esquecer sejam descritos ou oralizados, eles se transformam em formas elegíveis segundo discurso um adotado pelos seus criadores. Arquivar a própria vida não é, portanto, privilégio de homens importantes, mas sim, de todo o indivíduo no momento da sua vida que, seja pela razão que for, se entrega ao exercício de registrar seus próprios momentos. (ARTIÈRES, 1998, p. 31)

Lembrando mais uma vez que a arte é a sua definição de construção de narrativa autobiográfica que tem como definição uma oportunidade única do indivíduo de se enxergar, tal como ele gostaria de ser visto dentro da criação de sua narrativa e que, no momento em que o indivíduo narra a própria vida, ele está unindo elementos que ele mesmo escolheu para traçar as suas características. Ele pode fazer isso em sua própria defesa, querendo forjar uma imagem que ele não possui ou desafiar um pouco a ordem natural das coisas. Nessa trajetória, sempre no movimento incessante de remontar as nossas narrativas sobre a constante mudança do nosso cotidiano, dos nossos fazeres e saberes, a narrativa autobiográfica tem uma função pública, é uma maneira de escrever o livro da própria vida que ficara para a posteridade mesmo após a sua própria morte.

Ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, tempo presente no grupo. Esse compartilhar dá o lugar a uma nova solidariedade que propicia a cada um e ao grupo como um todo a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Assim, as diferenças existentes nos vastos campos das relações humanas desaparecem, dando lugar a novas outras relações.

A construção de arquivos particulares acarreta no processo de subjetivação da própria memória. Com o intuito de guardar para si aspectos particulares, como defeitos ou coisas erradas que tenha realizado, o indivíduo acaba inventando uma identidade em meio as representações criadas por ele mesmo, por isso que Artières comenta o caso do criminoso Nougier. Entendo que utilizar o exemplo do Nougier, apontado por Artières, nos remete à situação de criação de um registro próprio de memória. O aluno da oficina, mesmo tendo recebido instruções de relatar um evento que tenha acontecido com ele, poderia perfeitamente se apropriar de uma história qualquer e contá-la como se fosse sua. Assim observamos num dos relatos, no qual está descrita a trama de uma série de tevê que passava à época. Isso é apropriação de uma história alheia para torná-la sua história pessoal.

Sempre é importante lembrar que o professor de história tem papel relevante como autor de uma aula, pois ele deve construir uma narrativa que traga aos alunos o saber a ensinar transposto em um saber ensinado, já que esse é o desafio do processo de ensino-

aprendizagem: fazer com que os alunos reflitam criticamente sobre o passado histórico associando as questões históricas locais e gerais. Entretanto, sendo o ensino de história o meio dessas práticas entre o campo do conhecimento científico e o conhecimento escolar, acaba tendo como objeto a ciência produzida pelo ensino de história.

A História escolar é a escolha de objetos do conhecimento histórico que entram em diálogo com outros saberes, sejam eles acadêmicos ou, no caso do nosso projeto, as vivências dos alunos da escola onde será realizado o trabalho. A partir disso relembramos que o protagonismo estudantil na produção das suas próprias fontes históricas faz com que os alunos tornem-se capazes de desenvolver noções de temporalidade e demonstrar as transformações no próprio tempo histórico, tempo cronológico e tempo psicológico, inserindo na proposta curricular tradicional, prevista nos currículos da rede pública de ensino Estadual e Municipal do Rio de Janeiro, segundo os parâmetros curriculares nacionais que tem nos temas temporalidade e história local possibilidades de reflexões mais sérias sobre o tema (BITTENCOURT, 2009).

O professor do ensino básico deve construir em sua aula condições para que seus alunos realizem a transposição do saber ensinado, passando por uma reflexão crítica sobre o passado e chegando no campo do conhecimento científico, transformado em conhecimento escolar que é o objetivo da ciência produzida pelo ensino de história. A escola não pode ser vista como uma versão retalhada, nem reconstruída do conhecimento acadêmico que é recortado e distribuído como um plano de aula.

A seleção de conteúdos para construção do saber histórico escolar pode passar desde a vivência dos alunos na escola — e isso hoje está presente nas construções das narrativas ou das experiências uns com os outros como também pode passar pela produção de conhecimento científico Acadêmico.

Portanto, quando conferimos ao aluno a posição de protagonista nessa construção de conhecimento histórico dentro da escola, esse mesmo é capaz de mensurar a duração das temporalidades, demonstrando conhecimento nas transformações dos processos no tempo histórico, sobre tempo cronológico e no tempo psicológico tópicos de uma proposta curricular tradicional prevista nos currículos das redes de ensino públicas do Rio de Janeiro.

Nos colocamos dentro do contexto na medida em que são construídos os relatos de memória tanto autobiográficos quanto de experiências vividas ou sabidas e assim vão sendo construídos e também resgatados, aspectos memorialísticos da localidade onde a escola está inserida e que atende a esses alunos.

Amarrar muitas histórias sejam elas de diferentes experiências e diferentes tempos o ser humano, no caso o aluno, tem condições de desenvolver o conhecimento histórico compreendendo a diversidade das experiências das pessoas onde mora.

Narrar diferentes histórias de experiências vividas pelas pessoas em diversos espaços e tempos constituem as experiências desses indivíduos que a partir das suas narrativas é possível a esses alunos conhecer e compreender a diversidade nas experiências vividas registradas por eles.

Em um mundo no qual o advento da internet une pessoas de distâncias em tempo real, os indivíduos estão ficando cada vez mais autocentrados ensimesmados, não enxergando à sua volta a constituição do seu bairro, as construções localizadas em diferentes áreas nas quais vivem. Torna-se, portanto, urgente trabalhar o resgate e a construção da memória dessas pessoas no âmbito de fincarem raízes, não para que fiquem e não saiam mais, mas para que nunca saia de dentro delas.

CONCLUSÃO

Esse trabalho de dissertação de mestrado foi a todo momento pautado na proposta do programa do Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – ou seja, na pesquisa e desenvolvimento de conhecimento escolar e, por conseguinte, acadêmico a partir da experiência da prática docente. Para seguir esses passos, foi necessário enveredar pelos trabalhos recentes e também os clássicos sobre os assuntos que nortearam essa pesquisa e realização do produto deste mestrado, que foi a oficina de construção de narrativas de memória dos alunos do ensino fundamental da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro.

Foram feitos estudos sobre o que é disciplina escolar, pois em determinado momento do desenvolvimento desse trabalho, surgiu essa questão. Como identificar esse momento da oficina como uma disciplina escolar tal como conhecemos e como estabeleceríamos uma avaliação desse trabalho? Tão logo nos debruçamos sobre os autores pertinentes a essa questão, confirmamos que se trata de uma disciplina escolar com os elementos que esperamos dela. Quase nos deixamos levar pela visão endurecida de lançamento de conteúdos ou mesmo atividades avaliativas escritas etc. Nossa oficina funciona de modo a gerar objetos avaliativos a partir da ação dos alunos, indiferente da aplicação de qualquer teste. Essa avaliação é contínua, qualitativa, está sempre em mutação segundo as vicissitudes do momento ensino e aprendizagem.

Utilizando o conceito de arquivamento da própria vida como uma das bases para conferir protagonismo aos alunos que participaram da oficina, foi lançado a ele a alcunha de alunos fundadores da escola. Esse nome caiu como uma luva na intenção de realização desse trabalho dentro do contexto no qual a escola está inserida. Uma escola nova, recém inaugurada no segundo semestre de 2016, fruto de um projeto de estado da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, chamado Ginásio Carioca, que tinha como uma das suas atividades diversificada do currículo, o momento das disciplinas eletivas, ou seja, de temas livres propostos pelos professores da unidade escolar. Como esses alunos eram da primeira geração de alunos da escola, nada mais oportuno que torna-los nos fundadores de um acervo de memória fruto do produto dessa dissertação, a oficina de construção de suas próprias memórias a partir das suas narrativas.

Sempre lançando mão da riqueza e heterogeneidade de tantos relatos

sobre as vidas dos alunos participantes da oficina, o estudo da história local desses alunos foi praticamente automático em vista da riqueza do material. Para isso, foi desenvolvido um método de classificação que foi escolhido segundo estudos de análises do conteúdo das narrativas e também sobre os diferentes discursos produzidos ao longo da história, principalmente em se tratando de registros pessoais, locais, que contam a partir de uma escala micro, ou seja, mais particular, e assim ir desenvolvendo uma análise desse material ao ponto de relacionarmos esses relatos a um contexto macro, ou seja, de maior abrangência num contexto global da história.

Portanto, a realização dessa oficina nos abre uma gama de possibilidades para trabalharmos com os alunos de variadas formas, seja através do conhecimento histórico desenvolvido na escola, seja através da produção textual, a partir da construção dos seus relatos de memória, que também são relatos históricos, que ficarão à disposição para as gerações futuras que frequentarem essa unidade escolar da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Esse leque variado de possibilidades nos coloca como operadores de um sistema didático, no qual liga o docente aos alunos através da seleção dos conteúdos a serem trabalhados, sejam eles clássicos ou modernos, desenvolvidos pelos próprios alunos e discutido em aula sobre diversos temas de acordo com a condução do professor. Este professor é o indivíduo dessa relação capaz de trazer o conhecimento acadêmico absorvido através de seus estudos e transformá-los no saber a ser ensinado pelos alunos. Esse saber ensinado torna-se naturalizado na medida que ele vai deixando de pertencer a tem nem a lugar nenhum a não ser naquele instante em que o aluno e o professor se conectam de forma a compartilharem suas experiências, tanto de quem traz o conhecimento quanto de quem está absorvendo-o e transformando-o em algo dotado de significância.

Todo trabalho que envolve a produção de narrativa segundo as ideias das próprias pessoas, estão cheias dos seus pensamentos e os pontos de vistas tornam-se textos. A realização dessa oficina acaba sendo um trabalho de produção de textos que pode parecer aleatório, pelo fato de ter sido dada liberdade aos alunos para construir seus relatos, segundo suas próprias narrativas. Mas esses relatos estão ligados à necessidade dos alunos se comunicarem, não estabelecendo relações somente com as suas histórias, mas também as criando a partir do momento que eles são os sujeitos que construíram essas histórias ao longo de suas vidas.

Desde a idealização da proposição didática de realizar uma oficina de construção de narrativas de memória até a sua montagem, disponibilização de material, inscrição dos alunos, planejamento segundo o horário disponível e análise dos relatos dos alunos para a conclusão dessa dissertação, fizemos uma série de estudos teóricos metodológicos que embasaram essa pesquisa, norteando o trabalho de realização da oficina e sempre colocando o aluno no principal posto que é o de criador das suas próprias narrativas de memória.

O aluno como protagonista do processo esteve sempre à frente, com liberdade para criar da forma como achasse melhor e, a partir dessa liberdade de criação, foram surgindo inúmeros trabalhos de relatos da memória local e do cotidiano da vida desses alunos. Portanto, no momento em que conseguimos colher esse material para classificá-lo e analisá-lo segundo seus conteúdos, obtivemos resultados positivos na medida em que desenvolvemos nos alunos a noção de identidade com a comunidade onde residem, de identidade com a escola e a comunidade escolar, bem como o entendimento de que a história local também é a história que pode ser estudada, para além daquelas prescritas nos livros didáticos ou no currículo tradicional das escolas.

Portanto, a realização dessa oficina se fez eficiente e positiva no momento em que conseguimos desenvolver com os alunos as noções de pertencimento e de protagonismo, a noção de tempo de longa e curta duração, a partir do uso de suas memórias ou das memórias de outras pessoas que pudessem contar histórias para que eles registrassem.

Também observei o retorno dessas atividades quando um desses alunos me procurou, envolto por um interesse histórico e me mostrou uma moeda de 200 réis de 1940, com o busto de Getúlio Vargas em uma das faces. O menino, que foi aluno da oficina de memória, sabendo se tratar de uma relíquia de um tempo muito distante da sua realidade atual, acabou entendendo o que é um objeto de história e de memória. Quando ele resgata essa memória através desses objetos e procura o professor e os colegas para deixar isso registrado, ele está de posse de um objeto de memória de um tempo longínquo para ele (afinal, de 1940 para os dias de hoje são mais de 70 anos).

O trabalho de realização das oficinas, colocando o aluno no principal posto que é o de criador das suas próprias narrativas de memória, o torna protagonista de seu processo. O aluno esteve sempre à frente, com liberdade para criar a forma textual, e, a partir dessa liberdade de criação, foram surgindo diversos trabalhos de relatos da memória local do cotidiano da vida dos educando em sua comunidade. Portanto, no momento em que

conseguimos escolher esse material para classifica-lo e analisá-lo, acreditamos ter obtido êxito.

Mesmo tendo enfrentado situações que puseram em risco a continuidade da realização dessa oficina, como a recorrente falta de água ou mesmo situações de violência dentro da escola, como por exemplo, o episódio da explosão de um morteiro dentro de uma das salas de aula, encerrando o dia letivo e impedindo a continuidade do processo por algum tempo. A interferência das milícias no bairro, que acabou se acentuando devido à explosão na escola, fez com que alguns alunos desistissem de ir à unidade, por conta do medo gerado tanto pela violência que tomava a rotina da escola naquele período como pela opressão a partir da presença dos milicianos pela escola e redondezas, em virtude dos acontecimentos. A falta de estrutura necessária para manter os alunos na escola e apesar das aulas terem sido suspensas por falta de água ou situações de violência, ainda sim foi de grande proveito a realização de todas as etapas que foi possível realizar.

Com o passar do tempo, a equipe de professores, junto com direção e coordenação pedagógica, conseguiu alcançar resultados mais eficientes de controle dessas ocorrências na escola. Tudo isso foi possível após grandes conversas com os responsáveis pelos alunos e o equilíbrio entre comunidade e unidade escolar no sentido de aumentar a parceria para que os trabalhos realizados na escola ocorressem sem grandes problemas. Ao final, fica o compromisso de construir o livro de memórias com os relatos desses alunos e lançar esse livro com os alunos presentes na sala de leitura da escola, para que o mesmo fique lá disponível para os próximos alunos das próximas gerações da Escola Municipal medalhista Olímpica Mayra Aguiar da Silva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Gracilda (coord.). **Currículo Mínimo de História**. 2ª Ed, SEEDUC, 2012.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de Estudos Históricos**. 1998, nº 21, p. 9-34.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. 70, São Paulo, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro. 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : história, geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : história** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998.
- COSTA, Warley da. Currículo e produção da diferença: “negro” e “não-negro” na sala de aula de História. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**. Tradução de Cláudia Gerpe. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1986.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Nº 2, 1990, pp. 177-229.
- CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica**. Buenos Aires, 3ª ed., Aique Grupo Editor, 2009.
- _____. Sobre a teoria da transposição didáticas: algumas considerações introdutórias. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**. Vol. 3, n. 2, mai/ago 2013.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERREIRA, Maurício dos Santos. **Séries televisivas, regimes de sentido e ensino de história: parâmetros críticos para a construção de séries televisivas históricas não documentais**. Dissertação de mestrado. UFRRJ, fevereiro de 2017.
- FORQUIN, Jean-Claude. Saberes Escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. In: **Teoria & Educação Nº 5**. Porto Alegre, Pannonica Editora, 1992.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do discurso**. 15 ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de história. **Revista História Oral**, v. 9 n. 1, p. 126-141, jan.-jun. 2006.
- FONSECA, Selva Guimarães. SILVA, Marco Antônio da. Ensino de História Hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 31, nº 60, p. 13-33, 2010.
- GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2ed. Porto Editora: 2007. p. 63-78.
- GOODSON, Ivor. Políticas do conhecimento: A Vida e Trabalho docente entre os saberes e Instituições. A Ascensão da Narrativa de Vida. In: MARTINS, Raimundo (org.) e TOURINHO, Irene. Goiânia, Cegraf. 2007.
- _____. Ensino, currículo, narrativa e o futuro social. In: **As políticas de currículo e de escolarização**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008. p. 141-157.
- JENKINS, Keith. **A história repensada**. Tradução de Mário Vilela. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. **A História Refigurada: novas reflexões sobre uma antiga disciplina**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2014.

- KOSELECK, Reinhart. Sobre a indigência teórica da ciência da história. In:_____. **Estratos do Tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora da PUC-Rio, 2014.
- MESQUITA, Ilka Miglio de. **Uridura e Trama de memórias do ensino de história**. Aracajú: EDUNIT, 2017.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Ensino de História: entre saberes e práticas**. Tese de Doutorado, PUC, Rio de Janeiro. 2002.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Educação Realidade**, Porto Alegre, vol. 36, n° 1, pp. 191-211, jan/abr., 2011.
- MUNSLOW, Alan. O passado em um presente em transformação. In:_____. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Proj. História. Nº 10, São Paulo, dez. 1993.
- NÓVOA, Antonio. “Professor se forma na escola”. In: **Nova Escola**. Edição 142, 01 de maio de 2001.
- PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: operação historiográfica escolar. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro. 2013.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, pp 3-15.
- RANKE, Leopold Von. O conceito de história universal. In: MARTINS, Estevão de Rezende. (org.) **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.
- REVEL, Jaques. Microanálise e construção social. In:_____. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, FGV. 1998.
- RICOEUR, Paul. O perdão difícil. In:_____. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares: áreas específicas**. Rio de Janeiro, 2013.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Ed. da UFSM, Santa Maria, 2017.
- VAINFAS, Ronaldo. O berço da micro-história. In:_____. **Os protagonistas anônimos da História**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002, p. 54-75.
- WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In:_____. **Tópicos do discurso**. Ensaios sobre a Crítica da Cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANEXO I – APÊNDICE: GUIA DA OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE MEMÓRIA

Esse guia de elaboração da oficina de construção de narrativas de memórias para alunos dos anos finais do ensino fundamental, estimulando-os a produzirem relatos das suas próprias vidas e transformá-los em objetos de memória da escola, a fim de resgatá-los no futuro, como produtores de memória e da história da escola.

Tema: Construção de objetos de memória a partir dos relatos dos alunos fundadores da Escola Municipal Medalhista Olímpica Mayra Aguiar da Silva.

Público alvo: Alunos do segundo segmento do ensino fundamental, desde o sexto ao nono anos que se reunirão em um momento chamado de disciplina eletiva, no qual serão expostos as orientações para a realização dessa oficina.

Objetivos:

- Desenvolver atividades pedagógicas nas quais o aluno seja capaz de produzir suas narrativas e registros de memória no espaço e tempo de realização da oficina de construção narrativa.
- Desenvolver, a partir das etapas da construção das narrativas das memórias dos alunos, a produção de um acervo de memórias da escola e da comunidade local, que será deixado como legado às gerações futuras.
- Transformar o registro das próprias vivências dos alunos em objetos da memória escolar, na medida em que suas narrativas de memória os tornam em alunos fundadores da escola.

Metodologia:

Essa oficina é realizada em encontros semanais com duração de 100 minutos (dois tempos de aula). A duração dessa oficina é de um semestre, dentro do qual serão executadas as etapas dessa oficina.

A primeira etapa (2 tempos de 50 minutos) consiste na entrega de uma folha de papel, um lápis ou uma caneta. Nesse momento, pergunta-se ao aluno o que é história e memória pra ele. Se a história das pessoas que eles conheciam serviam para que eles aprendessem sobre a disciplina História. A partir de então, eles estarão livres para escreverem sobre o que quiserem segundo o tema que foi proposto. Os alunos terão um tempo de 50 minutos para escreverem seus pensamentos.

A segunda etapa (6 tempos de 50 minutos) consistiu na execução desses relatos. É importante salientar aos alunos que devem ser sobre fatos ocorridos com eles mesmos ou sobre outras pessoas, independente de serem amigos ou familiares ou apenas conhecidos. A ideia aqui nessa etapa é de produzir os relatos que servirão de acervo de memória.

A terceira etapa (4 tempos de 50 minutos) é realizada aproveitando os relatos produzidos pelos alunos e propondo aos mesmos desenharem uma ilustração que conte a mesma história contida no texto escrito. Ou seja, além do texto escrito, esse aluno se esforçará a desenhar o lugar, o evento que está acontecendo, ilustrar uma cena da história narrada por ele. Para isso foi disponibilizados folha de papel, giz de cera, canetas hidrográficas coloridas e lápis de cor. É importante que, assim como na parte escrita, nesse momento o aluno tenha total liberdade para expressar ao máximo suas impressões sobre a memória que estará sendo narrada.

A quarta etapa (2 tempos de 50 minutos) é uma atividade para ser realizada fora da escola. Pede-se aos alunos que registrem em fotografias ou que busquem em suas casas registros fotográficos de qualquer coisa sobre o bairro onde vivem. Seja um monumento histórico, uma praça, uma casa, uma pessoa etc. Pode ser qualquer coisa. O importante nessa etapa é a interação do aluno com o bairro onde ele vive, pesquisar sobre a origem do local onde reside etc. Os alunos podem trazer para sala de aula registros de pessoas que eles consideram importantes ou que gostem delas. Pode ser elaborada uma lista com questões pré elaboradas, para o caso de algum aluno resolver entrevistar alguma pessoa. As perguntas seriam sobre o nome do entrevistado, idade, família, trabalho.

Avaliação:

Lembrar sempre que não há avaliação formal para essa oficina. Por ter sido elaborada como uma disciplina eletiva, a avaliação fica a critério de quem a estiver aplicando. Avaliar um aluno em sala de aula acerca dos costumes dele e da sua capacidade em construir textos e imagens que contam a história de alguém que esteja trabalho.

Sugestões:

Uma sugestão possível de aplicação dessa oficina de construção de narrativas de memória é a de reunir os relatos dos alunos e suas respectivas ilustrações montar uma exposição dos trabalhos numa espécie de mural memorial, podendo ser realizado junto a professores do mesmo dia . de diferentes disciplinas.

Também é possível reunir esses relatos, transcrevê-los para virarem um livro de memórias dos alunos da escola. Esse livro seria editado e produzido pelos próprios alunos que

participaram da oficina e o seu lançamento poderia ser na sala de leitura da escola, local escolhido para ficar o registro dos alunos fundadores da escola.

ANEXO II - TRANSCRIÇÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DA OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE MEMÓRIA

Critérios de classificação:

- (a) Relatos da vida cotidiana em família;
- (b) Relatos da vida cotidiana em ambiente escolar;
- (c) Relatos da convivência entre amigos;
- (d) Relação com a religião ou ambiente religioso;
- (e) Vivências no bairro/comunidade onde vivem.

Relato 01: (a)

“Casa da vó”

Um dia, estava eu em casa sozinha, esperando meu pai para ir à casa da minha vó e fazer um churrasco lá. Mas aí, meu pai ligou e disse, “filha, eu vou demorar um pouco, então faça um lanche e fica pronta. Daqui a pouco eu ligo para pedir pra você descer”.

Fiz um lanche com achocolatado e alguns biscoitos. Depois de uns 23 minutos meu pai ligou e me pediu pra descer, então peguei as bolsas e descí. Minha madrasta estava no carro e me ajudou com os potes, bolsas e caixas.

Chegando a casa da minha vó, a cumprimentei. Então comecei a trocar de roupa e ajeitar as coisas para poder fazer o churrasco. Quando meu pai tentou acender uma churrasqueira improvisada, me pediu para pegar óleo velho, fui pedir a minha vó ela disse que não tinha, então fui pedir a minha irmã ela tinha, peguei o óleo e levei para o meu pai. Meu pai tentou de todas as formas acender a churrasqueira, mas não conseguiu. Perguntei se ele queria que eu comprasse álcool e ele me deu o dinheiro.

Eu estava lá no mercado comprando o álcool e tinha só uma pessoa na minha frente, então foi rápido. Cheguei a casa, dei o álcool para o meu pai e ele fez o churrasco.

Relato 02: (d)

No dia 15 de abril, aconteceu um evento da Igreja Ministério Apostólico Projeto Plenitude, e o nome desse evento é Fruto Fiel. Neste dia, todos ficaram muito contentes, louvamos, cantamos, dançamos e ouvimos a palavra. Esse evento aconteceu exatamente às 2h e 30 minutos em Padre Miguel, essa igreja se localiza em frente ao CIEP Brizolão.

Continuando, minha família toda foi a esta festa, foram diversas igrejas de todos os lugares. As pessoas que foram a esse Fruto Fiel voltaram de lá renovados (inclusive eu), todos adoraram esse dia, comemos, bebemos e só podiam entrar no congresso de eventos de Padre Miguel só quem tinha as pulseiras vermelha e amarela. Todos foram com a blusa da igreja (amarelo e preto), então, neste congresso, só havia pessoas que estavam de amarelo e preto, na manga desta camisa estava (M12) que eu acho que significa multiplicação de 12, também tinha uma bandeira ENORME amarela e preta que estava escrito TRIBO DE JUDÁ e que estava desenhado um leão. Bom, a minha história de uma narrativa de memória então é isso, essa história acaba aqui.

Relato 03: (d)

Em um domingo, eu fui para a Igreja Presbiteriana Renovada de Santa Margarida e o meu pastor Oséias falou que ia haver um passeio para a igreja, num sítio de Bangu e nesse sítio tinha piscina e animais e iriam vários cantores. Então, todos da igreja ficaram ansiosos e eu também. Então, quando eu cheguei em casa, comecei a arrumar minha roupa, coloquei o relógio para despertar 5:10h. Tomei meu banho, e fui dormir. Quando o relógio despertou, eu levantei, tomei banho e fiquei esperando o pessoal na porta da igreja. O pessoal foi chegando e então a van que ia buscar o pessoal chegou. Entramos e a van demorou um pouco e então nós chegamos. Quando eu cheguei, coloquei meu biquíni e caí na piscina, tinha piscina de criança e adulto. Eu só ia na de adulto porque eu sabia nadar. Mas teve uma vez que eu pulei e quase morri afogada. Depois que eu tomei banho de piscina, comi e fiquei assistindo o show dos cantores, depois fiquei brincando com umas amigas de peteca, depois fiquei andando de cavalo, bode... Depois de um tempo, assisti uma mini aula e fui embora. Cheguei em casa e contei a história toda para meu pai, ele ficou feliz porque ele ama animais e esse dia foi muito legal para mim.

Relato 04: (c)

Eu moro no bairro 29 de março, é bem legal, eu brinco com meus amigos, nós jogamos vídeo game etc. Eu faço aniversário dia 29 de outubro e no ano de 2016, meus melhores amigos estiveram presentes. Foram meus amigos da rua, meus amigos e amigas da escola, meus primos e primas.

A festa começou às 16 horas e durou até às 23 horas. Nós jogamos sinuca, brincamos de verdade e consequência, comemos salgados, bolo e refrigerante. Foi um dia que não vou esquecer tão fácil.

Meus amigos e primos são bem legais, mas o mais legal foi o ar condicionado.

Esse ano eu quero ir ao shopping, mas só o tempo dirá.

Relato 05: (e)

Campo Grande é um lugar muito bom e com muitas histórias. Campo Grande é um lugar com muitos condomínios, com escolas boas. Eu moro há três anos já, saí pra muitos lugares como Conceição de Jacareí, que é um lugar muito bom. Fiquei 4 dias na casa de praia, fui no passeio de barco, conheci muitos lugares bons. Já fui ao parque de Bangu, é muito legal. Quase caí da roda gigante. Na escola Augusto Vasconcelos, quase morri porque a professora tirou o sapato e saiu um chulé que era melhor que tivesse trazido um perfume porque parecia um remédio mata-rato. Passei muitas histórias na Augusto Vasconcelos, já quebrei o teto, já fiz várias coisas naquela escola. Já joguei campeonato de futebol, fiquei em segundo lugar. No último dia de aula eu pintei a camisa, rabisquei a camisa dos outros, foi muito engraçado.

Relato 06: (a)

“O dia que eu parei na UPA três vezes.”

Quando eu tinha três anos, eu era um garoto muito pidão. Minha mãe comprou com o peixeiro 1 kg de sardinha, neste dia foi o fim do mundo, comecei a sentir os sintomas, dor de cabeça, dor no estômago e diarreia e minha mãe percebeu que eu não estava bem, fui para UPA e um médico pediu dois exames, de sangue e de urina, eu estava mal do estômago.

Segunda UPA: quando eu tinha nove anos, fui à feira com meu pai, ele perguntou se eu queria um pastel, eu disse claro que sim. O pastel estava estragado e logo senti os sintomas, vômito e diarreia, fui ao hospital e fiquei na fila duas horas e o médico pediu para eu fazer os exames de sangue, urina e cocô e do nada passava mal do estômago.

No final do ano descobri a diabetes. É triste, mas convivo com isso.

Relato 07: (e)

“Carnaval de 2017 em Vila Nova”

No dia 25 de fevereiro de 2017, eu pedi a minha mãe para me levar a Vila Nova. Minha mãe falou que ia trabalhar então ia me levar no dia seguinte. O dia seguinte chegou, eram dias de carnaval, chegou a hora de ir se arrumar e do nada a minha mãe começou a sentir uma dor na coluna, mas ela estava bem o dia todo, foi do nada mesmo. Ela disse, “amanhã eu te levo, eu juro, filha!”

Mas no dia seguinte, eu e minha mãe descobrimos que mataram um homem lá em Vila Nova. Por isso, eu acho que Deus impediu a gente de ir lá, porque eu acho que se eu e minha mãe tivéssemos ido mesmo assim, teria acontecido algo, por isso Deus mandou essa dor para a minha mãe e no dia seguinte aconteceu a mesma coisa. Hoje em dia, como o mundo está, você não pode nem sair mais um pouco, eu e minha mãe não somos muito de pular carnaval, mas sei lá, eu quis sair um pouco, mas aconteceu isso.

Relato 08: (e)

“Minha rua – o assalto”

Um dia, tinha um homem bêbado na rua onde moro, ele estava xingando todo mundo, batendo nas pessoas. Quando estava passando um homem (bandido) que viu aquele outro homem bêbado xingando as pessoas, o bandido foi até o bêbado e deu uma facada na barriga dele.

As pessoas que o bêbado xingou foram defender ele e seguraram o bandido e chamaram a polícia e a ambulância para o bêbado. No outro dia, o bêbado estava na cama do hospital escrevendo desculpas pros moradores.

Quando os vizinhos receberam a carta, foram até o homem e ele novamente pediu desculpas. E o homem deu uma festa de agradecimento, com pula-pula etc. Os filhos dos vizinhos também foram e se divertiram muito.

Relato 09: (a)

“Banho de água da privada”

Quando eu tinha mais ou menos quatro anos, minha mãe brigava muito comigo porque eu era muito levada. Vou começar a contar a história, posso? Claro, então vamos. Continuando, eu era muito levada, um dia minha mãe estava lavando louça na cozinha, então, como eu já era esperta, fui lá ao banheiro. Minha mãe só escutou um barulho muito alto e foi á ver o que estava acontecendo. Então, quando ela foi ver, eu estava tomando banho com a água do

vaso sanitário. Mas a minha mãe brigou muito comigo e que eu me lembre, eu acho que eu fiquei de castigo e até hoje a minha mãe quando se lembra disso ri muito, mas muito mesmo! Pena que não tenho nenhuma foto para lembrar essa cena. Então é isso.

Relato 10: (e)

Hoje eu vou contar a história de quando eu cheguei em Campo Grande, no meu condomínio. Estava minha mãe, meu pai e minha sobrinha. A gente estava brincando, eu e minha sobrinha, nós nos divertimos muito, nesse dia era para pegar as chaves da casa. Comemos salgados, chocolates e só sei que foi muito bom aquele dia. Depois que eu vi Campo Grande, eu achei que no percurso tinha tudo perto, escola, loja de doces, mercado etc.

Até que eu me mudei para aqui e fui conhecendo amigos, mas eu me liguei que não era bem o paraíso, agora meu condomínio tem muita bagunça. A polícia já foi lá inúmeras vezes. Minha tia já morou lá, ela viu que não é nada fácil, as contas de água, luz, gás são muito altas. Minha família toda mora aqui perto e acabou que virou meu lar.

Relato 11: (c)

“O ódio profundo”

Tudo começou quando eu tinha oito anos, meu tio havia se casado e teve uma filha. O começo, eu gostava dela, mas depois fui começando a desgostar. Ela estava me tratando mal e fazendo coisas ruins. Eu queria que ela parasse com isso, então falei com a minha prima, que também não gostava dela e começou a me ajudar e quando eu ia pra casa dela, nós fazíamos planos e inventávamos músicas contra ela. Era muito bom. Um dia, a minha prima foi passar o final de semana na minha casa e nós fizemos de tudo para estressar ela. Até que uma vez, a minha prima falou que tia um plano, ela disse para nós fazermos um “protesto” contra ela. Eu disse que sim e ela começou a me dizer o que fazer. Nós pegamos garrafas pet e começamos a fazer barulho. Depois, ela pegou o celular e começou a filmar. Nós cantamos e fizemos barulho e no dia seguinte, é óbvio, ela reclamou, mas nada demais. Hoje em dia nós somos amigas e nos damos muito bem.

Relato 12: (b)

Escola Ginásio Mayra Aguiar da Silva criada com o nome de uma judoca brasileira e campeã das olimpíadas de 2016. Mayra Aguiar em uma de suas entrevistas a televisão,

disse que é um grande prazer seu nome estar na escola. Ela disse que espera que os alunos se dediquem mais e forme o Brasil um lugar melhor e digno. Inaugurada no dia nove de setembro de 2016, o diretor recebeu os alunos com a maior orquestra. Chegamos com um sorriso que ninguém tirava da nossa boca, o lugar era novinho em folha, refeitório, banheiros, quadra, salas, tudo organizado, professores excelentes. Só que hoje estão destruindo o patrimônio público, estão quebrando cadeiras, destruindo mesas e pixando as paredes, só que não é gente de fora, são os próprios alunos. As salas não têm mais estrutura no teto, o bebedouro está quebrado. Eles passam chutando a escada estão desperdiçando a comida que muita gente poderia comer, mas jogam fora. Então, com relação à disciplina, tem que mudar muito, se não, quando chegar ao final do ano, não vai ter mais escola, os alunos têm que preservar e nunca mais ser uns selvagens. A gente tem que ser igual disse a Mayra, construir um Rio de Janeiro melhor.

Relato 13: (c)

Foi um dia muito agitado, nesse dia eu estava num sítio, tomando banho de piscina e eu já tão tinha paciência. Tinha várias pessoas dentro da piscina e estavam todos brincando até eu mesma, quando um garoto que veio e me afogou. Ficou segurando minha cabeça maior tempão embaixo d'água. Quando eu levantei, saí socando a cara dele que ficou com o olho roxo e diz ele que deixou pra não bater em mim e foi falar com a minha mãe que foi onde eu estava e me tirou da piscina. Depois de um tempo, eu entrei de novo, mas vieram duas primas minhas e pertubaram muito. Então comecei a discutir com elas, uma xingando a outra e defendendo outras pessoas e quase que saiu confusão, mas tão aconteceu por causa da interferência de amanhã.

Relato 14: (a)

Quando eu tinha dois anos, eu nunca tina ido à praia. Minha avó me levou à praia, quando cheguei lá, saí correndo e comi terra pesado que era farofa. Comecei a cuspir e depois eu fui pular ondas que começaram a me puxar. Então comecei a gritar e a minha vó e minha tia começaram a me empurrar que eu caí de cara na terra.

Relato 15: (a)

“Um dia de terror.”

Um dia, saímos eu e minha família para o shopping. Era eu, minha mãe, meu padrasto e os meus irmãos de consideração. Então, lá no Park Shopping, nós fomos ao Hotzone, um parque de diversão. Depois de brincar, fomos à praça de alimentação, lá estava muito cheio, era dia das crianças e não tinha cadeira pra gente sentar. Sorte que um cara estava acabando de comer e vagou a mesa e comemos. Fomos embora era 19:30 horas.

No outro dia de manhã, vendo o noticiário na TV, ficamos sabendo da notícia que, às 20 horas, um homem atirou em outro por causa de cadeira. Aí eu pesei, “meu Deus, a gente ainda poderia ter levado uma bala perdida e no dia das crianças”. Mas Deus é bom.

Relato 16: (c)

“O Park Shopping do medroso”

Um dia, eu estava lá em casa, tranquilinho, todo ansioso para dar 19h30min horas e o pai do meu amigo vir me buscar em casa, estava tão feliz!” Deu 18 horas, tomei banho e fiquei lá aguardando o pai do meu amigo chegar. Chegou, entrei no carro e buscamos a Jenifer e finalmente chegamos ao Park Shopping (depois de uma baita ânsia de vômito no carro). Fomos primeiro na barca (brinquedo maluco, ia alto pra caramba, foi muito bom), depois ao carrinho bate-bate porque o Kaio (meu amigo, o aniversariante) chorou e precisava ir a um brinquedo mais leve.

Saímos do bate-bate, Kaio chorou porque não conseguia fazer “drift” (manobra), enquanto ele e um garotinho lá jogavam ping-pong, eu e a Jenifer fomos aos brinquedos radicais. Eu não sei o nome de nenhum, então não posso citá-los aqui. Fomos comer e tinha um cara lá cantando, nossa! Ele canta muito bem! Só que tinha uma droga de uma velhinha que mandava a gente falar baixo. Falamos tão alto que ela mudou de lugar! Depois de comer, fomos embora pra casa e o Kaio ainda chorava.

Relato 17: (e)

“Um dia o ladrão passou na rua e pegou a bicicleta da moça aí eu ouvi os gritos ela todo mundo. Saí de casa o marido da moça ficou boladão. Saiu correndo os amigos dele também ele parou na padaria e pegou a combe emprestada. O meu pai também foi mas com a bicicleta dele. Chamaram a polícia ser caram(sic) o ladrão só que o ladrão deu maior mortar(sic) e fugiu a polícia foi atrás dele o ladrão não parava de correr. O policial deu um tiro no braço dele o policial tinha pegado fala onde estava a bicicleta ele tinha jogado no rio e o ladrão foi preso a moça ficou sem a bicicleta.”

Relato 18: (e)

“O BEM”

“O campo do bem ele tem uma história que tinha um jogador que ele veio de muito longe para jogar no campo do Bom e ele jogava muito muito e teve um dia que ele jogando no campo e no nesse dia ele estava passando mal ele saiu duas vezes i ele estava lutando para jogar aí ele falou eu vim de muito longe para ficar no banco aí ele entrou aí ele caiu no chão e ele deu parada cardíaca aí ele morreu e foi a história do meu campo.”

Relato 19: (a) (e)

“A história do campo”

“Quando eu fui pro campo com o meu pai eu gostei muito o time do meu pai tava ganhando de 6x2 depois chega uma macumbeira e fala assim que o time do meu pai começou a perder de 10x6 aí eu comecei a orar aí o time do meu pai começou a ganhar o meu pai ficou muito feliz depois chega a minha mãe e acaba o jogo meu pai quando fomos pra casa chega um bêbado e falo passa o celular aí meu pai falou não aí ele brigou com o cara aí o cara deu um tiro aí ele falou para eu correr muito...”

Relato 20: (a)

“O dia em que eu tirei o tampam(sic) do dedo.”

“Eu estava jogando bola no quintal de casa e minha mãe disse para eu não jogar descalço eu fui teimoso e não escutei e joguei sem chinelo e arranquei um pedaço do dedo sangrou muito e ainda dói um pouco. Ela reagiu muito mal porque ela deu uma bronca bem grande ela cuidou de mim mas reclamando mas eu tive que escutar porque eu fui o errado eu fiquei um mês com o dedo enfaixado. Não gostei disso porque meu pai também falou no meu ouvido e não gostei disso.”

Relato 21: (e)

“Na data de 15 de fevereiro de 2016, eu estava conversando numa pequena praça perto da minha casa que não é grande nem pequena, então eu tava sentado numa mureta branca e de sacanagem eu caí pra trás. Quando caí automaticamente coloquei a mão e quando coloquei a mão furei ela com caco de vidro de uma garrafa.

Saí correndo chorando muito sangrando muito gritando “mãe” com a ajuda do meu primo. Meu padrasto veio correndo, ligou o carro e me levou para o hospital rocha faria e fui para a sala de sutura e tomei 7 pontos na mão direita e fiquei com duas cicatrizes na mão. Voltei para casa e foi um grande desconforto e desafio para dormir.”

Relato 22: (a)

“A morte do meu avô”

No dia 16/10/2011. Recebi a notícia da morte. Foi difícil saber como ele morreu.

É difícil viver assim, às vezes sinto que ele está aqui. Mas parece que estou louco e falo com meu avô. Quando estou triste e mais estranho.”

Relato 23: (a)

“Quando eu tinha 5 anos o meu primo estava brincando na laje dele, a mãe dele já tinha falado pra ele não ficar brincando ali mas ele não obedeceu e ele continuou ali e ele acabou caindo dali e foi para o hospital ele tinha quebrado o braço foi muito grave e ele quase quebrou a perna também ninguém mandou ele não desobedecer. É ele acabou se dando mal quebrou o braço e ainda não podia brincar na rua com os amigos dele eu ainda fiquei rindo dele. E foi isso.”

Relato 24: (a)

“Quando minha vó faleceu eu fiquei muito triste porque a minha vó parecia uma mãe pra mim porque ela falava muita coisa boa para mim. Ela me dava muito exemplo, coisa que minha mãe verdadeira não me dava. Quanta falta a senhora está fazendo não sei porque se foi. Sem você eu não sei viver direito mas era muito bom quando a gente sentava para conversar quanta saudade. Quando eu vou aonde você morava eu comeco a chorar, não gosto mais de ir lá a onde a senhora morava.”

Relato 25: (a)

“Quando eu era pequena tinha mais ou menos 6 anos eu era muito levada; então eu pedi a ela para mim andar de patins ela não deixou mas eu fui mesmo assim. Então eu fui mas quando eu cheguei lá na casa da minha prima, eu não sabia que ela estava lá (mãe) então

ela me chamou! Então eu fui mas eu não vi a moto então eu fui atropelada ai foi minha mãe desesperada pra caraca é claro ela é a minha mãe, então ela me levou para o hospital, lá o médico “bateu um raio-x” e ficou tudo bem.

Relato 26: (b)

“O Museu”

Em um dia de sol, eu acordei e fui para a escola.

Era dia de um passeio da escola, eu e meus amigos subimos no ônibus e estávamos indo para o Museu de Arte do Rio. A viagem foi maneira passamos perto da ponte Rio Niterói. Nós vimos pinturas, foi bem divertido.

Depois nós fomos em frente ao Museu do Amanhã e fizemos um piquenique.

Nós comemos, subimos no letreiro e vimos um homem fantasiado de grama.

Voltamos para escola e eu fui para casa.

Relato 27: (a)

“Tudo na Vida Passa”

“Eu sou nascida e criada em Realengo nasci no hospital Albert não tenho que reclamar da minha infância por que foi ótima e maravilhosa no bairro que cresci é um lugar perfeito de se morar e vivi lá. Aprendi muitas coisas boas como meus amigos e amigas sempre fui querida por muitos e por todos até hoje.

Eu sei o que é respeito os mais velhos e meu próximo. Mas não o meu dia de amanhã tanto que a senhora que minha mãe conhece quando me vê ela pergunta por mim e a Maria Eduarda está bem e minha mãe sempre fala muito (contagiosa) quando todos falam bem de mim pois sou sua única filha que estuda.

Minha mãe sempre ensinou para mim e para meus irmãos o que é certo e o que é errado mas o meu irmão mais velho queria o mais fácil, minha mãe quis ter suas coisas pelo suor. Minhas irmãs também sempre. Minha mãe falava vai estudar e ser alguém na vida, mas nenhuma das minhas irmãs ouviram e as três engravidaram cedo e tem que acordar cedo para ter seu pão na mesa. Essa é minha história com os meus irmãos e minha mãe.”

Relato 28: (c)

“Quando eu morava em outro bairro era muito bom, a escola que eu estudava era ótima, lá tinha eventos, gincanas, peças de teatro e muito mais.

Eu tinha vários amigos, eram alguns colegas e outros verdadeiros amigos, mas lá também tinha seus altos e baixos, tinha muitas brigas que eu não gostava, achava aquilo uma palhaçada logo de meninas.

Eu tinha uma amiga de verdade, que nunca mais a vi, depois que me mudei. Mas até que foi legal, eu me mudar, conheci outros amigos e também inimigos, mas para mim tanto faz. Quando eu me mudei para Campo Grande conheci uma menina chamada Beatriz. Hoje ela é a minha melhor amiga, estamos com quatro anos de amizade, também conheci outros amigos e amigas.

No condomínio que eu moro, achei amigos também, mas tem muita violência, pessoas abusadas e barraqueiras.

Enfim chegando ao ponto gostei do lugar que eu estou na escola, os novos amigos e no meu condomínio, o lugar de viver para mim está ótimo.

Relato 29: (c)

“Casa da minha vó

No dia em que fui para a casa da minha vó era o dia de Natal e estava tudo na maior correria e eu fui comprar fogos para soltar a meia noite quando nós voltamos tinha muita coisa para comer. Nisso nós fomos dar uma volta, andamos o conjunto todo nisso tinha muitas festas, quando deu meia noite vários fogos soltaram. No dia seguinte eu acordei e fui para o apartamento da minha amiga lá em Itaguaí a maioria das pessoas de lá era de São Paulo ou seja eles não ficam muito lá, ao chegar fui direto jogar bola e as minhas amigas foram direto pra piscina de lá, mas só podia entrar com a identidade e eu não tinha então eu fui dormir e no dia seguinte fui para a praia lá foi muito bom mas depois fui embora.”

Relato 30: (c)

“Uma casa assombrada

Um dia estava na minha casa em Mesquita era já noite tava eu e meus amigos ali perto tinha uma casa abandonada, eu era muito curioso mas estava com muito medo, mesmo assim fui com duas madeiras do lado mais não ia bater em ninguém, porque eu era medroso, entramos na casa sempre olhando para lá e para cá e nos deparamos com uma boneca eu queria voltar para casa só que meu amigo me convenceu e estamos lá andamos e ouvi um barulho no quarto fui lá quando entrei vi uma pessoa dentro do armário e saí correndo para casa, consegui chegar mas nunca volto lá mais.”

Relato 31: (c)

“Hotzone”

No ano passado, um amigo meu estava fazendo aniversário e ele chamou o Felipe Calixto e eu. Quando a tarde acabou, ele e o pai dele estavam de carro, buzinando na minha porta, junto com o Calixto.

Então eu já arrumada, entrei no carro e cumprimentei meus amigos com um “toca aqui”. Quando chegamos no Shopping, fomos direto para um parque que havia ali, desesperadamente loucos por diversão. Nós pagamos alguns cartões, que os possibilitavam entrar nos brinquedos que tinham.

Fomos primeiro no Barca Viking, com o aniversariante muito contrariado.

Calixto e eu fomos na ponta, de braços estendidos, sem segurar a barra de segurança da mesma, enquanto o aniversariante de cabeça baixa, quieto, a ponto de chorar, e super vermelho, enquanto suava desesperadamente.

E quando acabou ele estava chorando, cara. CHO-RAN-DO!

Me encostei num pilar, logo depois que saí e comecei a rir sem parar, com a mão na testa, quase chorando de tanto gargalhar do garoto.

Felipe também riu bastante e o aniversariante mencionou que quase morreu naquela hora que a vida dele passou diante de seus olhos.

De registro tenho uma foto que tiramos, fazendo a pose do Usain Bolt que postamos no Facebook.”

Relato 32: (b) (c)

“Amigas para sempre”

“Eu quando estava no quarto ano, na Aauto com a professora Patrícia chegou a Eduarda (ela era nova na escola) e eu como sou enturmada fui a primeira a fazer amizade com ela e nós fomos se conhecendo mais e mais ao passar dos anos.

Ela me deu o endereço de sua casa e aí descobri que ela morava bem perto, ela me contava os babados cada dia um mais interessante, até que um dia ela me contou que não gostava de uma tal de ‘Fabrícia’ e ela me contou o porquê e o motivo era porque ela estava tratando a Dudinha mal.

Eu, Eduarda, Keitlyn (nossa outra amiga) e Kayane (nossa outra amiga) nós tínhamos combinado de morar juntas, eu espero que de certo, Eduarda e eu combinamos de ser

melhores amigas pra sempre, afinal se o destino nos quis juntas por qual motivo ele vai querer nos separar, nós se amamos muito.”

Relato 33: (e)

“Tem um campo de futebol e também uma área de malhar tem muita coisa legal também tem uma sorveteria na mesma rua do campo e tem vestiário quase todo dia tem gente jogando. É porque fica fechado e a sorveteria é muito bom tem vários sorvetes gostosos e também o açaí e tem vários doces o campo é muito divertido e também andei muito de bicicleta na mesma rua do campo e também no ceu tinha estrelas lindas no céu.”

Relato 34: (e)

“A separação”

“Quando completei 9 anos de idade meus pais começaram a discutir sobre coisas bobas como chegar em casa atrasado ou também pelo cansaço do trabalho. Depois de um tempo as desculções(sic) aumentaram começaram a discutir sobre traição meu pai começou a suspeitar que minha mãe e suas suspeitas aumentaram quando ela chegou muito tarde do trabalho e realmente estava traindo meu pai com o meu atual padrasto e pai dos meus dois irmãos menores. Bom, voltando a história meus pais voltaram a brigar cada vez mais e mais meu pai estava ficando cada vez mais agressivo era tanta briga que se estendia até a casa da minha avó até que um dia o meu pai ficou com tanta raiva que acabou minha daí veio a separação. Mais meu pai se redimiou e hoje é uma pessoa calma e tem uma linda esposa.”

Relato 35: (a)

“Quando eu era criança eu morava nium(sic) sítio e a minha irmã era sonâmbula ela pegou a coberta dormindo e puxou então eu peguei a coberta e peguei e ela saiu puxando eu comecei a ri e meu pai e a minha mãe pego ela ela voutol(sic) a dormi no outro dia ela subiu em cima de um telhado de bambu dormindo.”

Relato 36: (e)

“Eu morava em Nova Iguaçu e quando eu fui na padaria com a minha mãe e fui atropelado pelo um bicicleta e passou um mês e fui morar em Campo Grande e quando eu fui para praça e quando fui atravessar a rua o cavalo veio e me atropelou e no outro dia minha mãe vai botar a

moto pra dentro bateu na ponta do portão e o portão caiu em cima de mim e o meu pai falou ‘mô leva ele para o hospital’ e chegando no hospital a dor parou e a gente voltou para casa e eu tava melhor e eu fui a primeira vez numa escola e o nome da escola é Gastão Penalva e as meninas queriam ficar comigo e eu fiquei com elas eu passei 2 meses nessa escola e saí para a escola de nome Mayra Aguiar da Silva e no outro dia eu tava vindo para a escola chegando pertinho da escola o carro atropela uma criança de 11 anos e o cara levou a menina para o médico e chegando no médico a mãe do garoto chegou com o pai e o pai brigou com o cara que atropelou o garoto e o cara falou ‘foi o seu filho que é culpado porque ele correu na frente do carro e não tinha como frear’.”

Relato 37: (a)

MINHA MEMÓRIA

“No dia 11 de fevereiro de 2017, eu estava em Seropédica para ir ao Beto Carrero pela quarta vez e então estava fechado e eu acabei ficando por lá na casa da minha tataravó comemorando meu aniversário. Quando ficou de noite a chuva piorou e estava com raios, caiu um no quintal e matou meu cachorro e acabou com a luz. Colocamos muitas velas porque a casa é enorme e na cobertura tem uma casa. Não, casa não, é um negócio aí com muitas plantas e flores e lá embaixo tem uma horta de onde vêm os frutos, legumes, vegetais e tal. Mas o que importa é que mesmo que eu não fui ao BETO CARRERO foi um dia feliz e que eu não vou esquecer e ainda passei em família. FIM.

Relato 38: (b)

“O dia difícil.”

“Eu estava indo para a escola, quando eu estava no caminho da escola veio um carro rápido e derrubou um cara de moto e fugiu. E quando eu estava dentro da escola, eu me envolvi em uma briga e fui pra secretaria.

Quando eu estava voltando, uns garotos tentaram me assaltar, aí eu bati em um deles e saí correndo. Quando eu cheguei em casa, tive que pular o muro de casa, porque esqueci as chaves dentro de casa. E quando esperei minha mãe no ponto, aconteceu um acidente de carro e machucou uma mulher.”

Relato 39: (a)

“Em 2009 eu fui adotada eu tinha dois anos e não entendia muita coisa, aí eu conheci minha irmã que hoje já tem 26 anos e meu irmão que tem 28 anos, meus pais sempre foram muito carinhosos, mas com o tempo eu fui crescendo, com nove anos eles se separaram foi aí que minha mãe me levou para morar com ela em Itaguaí eu não gostava muito de lá pois eu sofria bullying, e não me sentia bem até que ao passar do tempo eu fui ficando doente pois eu sentia muitas saudades do meu pai e fui quando meu pai pediu a minha mãe que eu morasse com ele e ela permitiu. Quando eu comecei a morar com o meu pai foi muito bom, pois tinha pessoas que gostavam de mim pois eu era muito elétrica, mas o tempo passou e eu acabei descobrindo que minha mãe tinha câncer. No dia chorei muito pois minha mãe ia operar e eu pensei que eu ia perder ela, mas com o passar do tempo ela foi se recuperando. Depois meu pai operou, ele quase morreu e eu fiquei muito mal, mas aí ele melhorou, eu tive uma recaída com 12 anos e parei no hospital e fiquei á quase duas semanas. Foi quando conheci um menino chamado Gustavo, me apaixonei, mas ele namorava então eu deixei pra lá. Foi quando ele terminou com ela e me beijou, foi o meu primeiro beijo. Mas aí o tempo passou eu cresci e com o tempo me apaixonei várias e várias vezes, só que aí eu fui mudando, fui ficando mais fria, mais decepcionada comigo mesma e comecei a ter depressão até uma vez que tive uma recaída e me machuquei, me cortei toda, foi quando a diretora da minha escola viu os cortes e chamou os meus pais na escola, mas antes disso, uns alunos do nono ano pegaram uma foto do Google de uma menina pelada e mandou a um professor e aí a diretora chamou os meus pais, foi quando me machuquei pois aquele era injusto eu não tinha feito aquilo depois meu pai me tirou da escola. Foi quando a diretora ligou dizendo que não fui eu, mas meus pais com medo que eu tentasse suicídio, me levou ao psicólogo. Comecei a passar a tomar remédios e dormia cedo. Hoje em dia eu cresci, melhorei e agora sim entendo um pouco mais sobre a vida para cada vez que possa alcançar mais pessoas e melhorando, comecei a dançar hip hop e meu professor disse: ‘não dance para as pessoas lá fora, dance para você pois você é a resposta de tudo’. O que quero dizer é que você que esta lendo isso, não desista de nada, pois todos nós vamos passar por várias coisas e no final, vamos olhar pra trás e vamos dizer, ‘eu poderia ter feito isso antes’.”

Relato 40: (d) (e)

“Minha vida boa.”

“Minha vida é resumida no mar de alegria e felicidade. Eu sempre morei com meu pai, já morei com minha mãe, mas eu passei mais tempo, sou nascia e criada em Realengo, não só em Realengo, já morei em Pedra de Guaratiba, mas foi por pouco tempo. Mas sempre sonhei morar nos Estados Unidos e fazer (sic) negócios lá e virar uma grande empresária de marketing, mas para esse sonho se tornar realidade, tenho que estudar e muito. Minha mãe e meu pai sempre me dizem Maria Eduarda, vai estudar porque na minha época não era fácil e tudo que não pode dar pra você e seus irmãos você vai trabalhar, estudar e dar do bom e do melhor.

Porque a gente tem que desfrutarmos dessa terra, meus irmãos nunca quiseram escutar minha mãe hoje. Eles estão pagando, como diz o ditado, aquele que planta, colhe e tudo que todos eles fizeram estão colhendo. O meu irmão mais velho morreu cedo por envolvimento com o tráfico de drogas. Morreu tão feio que até hoje não enterrou o corpo. A minha outra irmã mais velha parou de estudar, teve dois filhos nova, a outra minha irmã não quis estudar, minha mãe teve filho aos 14 anos, mentiu sua idade para o cara que ela teve minha sobrinha hoje em dia é mãe solteira.

Por isso tudo que minha fala comigo e para eu carregar o meu futuro e se ela (?) fala demais porque vá só que ver o meu bem não seu mal e meu sonho vira realidade vou ser uma empresária de sucesso pra mim ajudar minha mãe e as pessoas carentes, é como a Bíblia fala. Está escrito, amarás o teu próximo como a ti mesmo. Querer o bem vai sempre colher isso, coisas boas. “Se o mundo pensasse desse jeito, como eu, não existiria bandido, traficante, estuprador, não teria nada de ruim.”

Relato 41: (a) (b)

“História sobre mim”.

“Minha história começa contando pela minha casa, mora cinco pessoas. Minha mãe trabalha um dia sim e um dia não, meu irmão chamado Daniel, estuda de tarde, o Jonathan e o Bruno trabalham. Eu fico as vezes em casa sozinha e só faço a festa. Ligo o som, faço brigadeiro e faço muitas coisas, eu desço para a rua só sexta, sábado e domingo. Tenho doze anos, meu nome é Ellen Vitória, moro no Condomínio Vivendas das Rosas e vamos voltar para história. Minha mãe(sic) separou do meu padrasto já tem 3 meses. Ele pede pra voltar mas ela não quer Estudo no Mayra, estou no sétimo ano vou contar o que acontece na minha escola, é uma bagunça que só. Pixam as paredes, o banheiro está sem bica porque estragaram, falta água quase todo dia e não tem aula. Tenho amigos muito legais na escola. Na fila da escola é

uma bagunça na hora do almoço tem briga quase todo dia na escola, lá em casa nós brigamos assim. Quando um pega alguma coisa do outro é uma bagunça. Quando eu briguei na escola, fiquei de castigo 3 meses, quando eu briguei. Eu sou quieta, mas não gosto que ninguém mexa comigo, sou gordinha, não sofro buli(sic) na escola, não. Só uma vez, que me chamaram de gorda aí eu não gostei, me estressei acabei dando um soco no garoto. Quando minha mãe vai me bater por causa do meu irmão, eu começo a chorar falando que vou chamar a polícia. Ela sente pena de mim e não me bate mais porque agora já sou grande que ela falo minha fala que eu só vou namorar em casa com 14 anos. Eu vou ter a minha festa de 15 anos, minha mãe quer fazer mas eu não quero...

Relato 42: (a)

“Hoje vou escrever um pouco sobre meu dia a dia, minha convivência com meus pais, amigos etc. Meu dia a dia é bem tradicional: acordo tomo banho, me arrumo e vou para a escola, estudo e até fazer bagunça eu faço (porém moderada). Chego em casa e vou direto para a loja do um pai, ajudo ele e minha mãe, fico no celular o dia todo e, as vezes eles até brigam comigo e é assim todo dia. Minha relação com os meus pais não é aquela das melhores, não me abro muito com eles, temos os nossos desentendimentos, mas nós nos amamos, mesmo eu não contando 85% da minha vida para eles, às vezes até mesmo com o medo da reação deles, infelizmente não posso chamá-los de amigos. Já os meus amigos me entendem, me apoiam, e dizem sempre quando eu estou errada, me ajudam sempre quando podem, por exemplo, aqui nesta sala tenho duas amizades novas, estamos nos conhecendo e pegando intimidade, mas com o tempo vamos ser amigas, sim! Mas considero minha vida uma merda (desculpa o palavreado), mas é a verdade, todo dia eu posso até receber alguma notícia boa ou algo bom, mas sempre vai ter alguém para estragar tudo isso, minha felicidade. Mas, agradeço a Deus todos os dias, mesmo meu dia sendo ruim, ele é 1º lugar em minha vida, ele é meu verdadeiro amigo.

Relato 43: (a) (e)

“Sou nascido e criado dentro do Conjunto Campinho e meu sonho desde criança é sobre ser jogador de futebol. Sempre morei com a minha mãe e nunca conheci meu pai. Quero crescer na boa (sic), ser famoso, fazer sucesso no mundo inteiro. Quero dar do bom e do melhor pra ela, porque tudo o que ela não tem eu quero dar pra ela.”

Relato 44: (a)

“Hoje em dia existem diversas pessoas que fazem diversas palhaçadas, não importa o tipo, porém não existe pessoa que faz palhaçada como meu tio! Ele faz as pessoas morrerem de rir, literalmente, teve uma vez, num churrasco em família, todos estavam se divertindo até que meu tio juntou toda a família para contar suas famosas piadas que faz as pessoas ‘mijarem’ de rir. Nesse momento, minha irmã estava comendo e se segurando para não rir, até que ela riu e acabou se engasgando. Nesse momento só foi o desespero da família inteira, todos tentavam desengasgar minha irmã, fazendo pressão na barriga, até que minha tia deita ela no chão e soca a barriga dela, fazendo-a vomitar a comida. Foi uma cena nojenta, mas foi um alívio para todos da família.

Meu tio sempre foi muito alegre, desde pequeno ninguém sai de onde vinha alegria e carisma. Porém, foi com esse jeitinho dele que arrumou o amor da vida dele, quando eles se conheceram, tinham apenas 13 anos, começaram uma amizade que não se abalou por nada, e com 18 anos começaram um relacionamento sério, que durou aos 26, até que minha tia teve a coragem de pedir a ele em casamento. Sim, minha tia, porque ele não tinha coragem de pedir com medo de ela rejeitar seu pedido.

O casamento foi lindo, numa praia, a cerimônia foi emocionante, é a parte mais linda foi a que eu, a daminha de honra, entreguei as alianças. Antigamente, eles eram o casal de velhinhos mais fofos e engraçados e até começo a ver meu tio contando as piadas dele com as dentaduras quase voando pelo ar, é tadinha das crianças que estavam perto dele, pois ele ficava tirando a dentadura pra ficar assustando elas.

Espero que essas memórias que tenho do meu tio fiquem pra sempre na minha memória e na memória de toda a nossa família, mas principalmente da minha memória e na da minha tia, para sempre.

Relato 45: (a)

“Vou contar uma história não muito boa, então eu estava na casa da minha tia, a gente estava passando os dias desagradáveis, minha tia estava fazendo o almoço e meu primo sabia andar mais ou menos. Aí era casa de segundo andar, minha tia estava lá dentro e eu estava no banheiro. Mas eu e minha tia não tínhamos a menor ideia de pensar que o Thalyson ia abrir a porta, empurrando e tentar descer a escada sendo que escorregou e caiu de cara e ficou todo ralado, meu Deus. Aí ele desmaiou e ele só tem 8 meses, mas eu e

minha tia estava desesperadas, levamos urgente para o hospital quando chegamos lá só foi um susto, mas ela a doutora deu um esporro na minha tia, pra ela tomar mais cuidado.

Não foi muito bom esse dia, mas graças a Deus ele ficou bem, nasceu só um galinho na testa dele, mas tá tudo ótimo.

Na última vez, eu voltei a falar com um garoto que até hoje eu não entendo, por que tipo, esse garoto, ele não tem uma boa índole, e minha mãe nunca gostou dele, aí quando eu parei de falar com ele, esse dia era nove de agosto de 2017, terça-feira, um dia lindo.

Todos os dias eu acordava e falava com minha mãe, pedia ‘bença’, te amo etc. Mas quando eu voltei a falar com ele foi quarta-feira depois desse dia tudo mudou.

Eu estava deitada no sofá e minha mãe estava fazendo unha e cabelo, aí eu a chamei no ‘zap’ aí eu falei: Mãe me deixa ir pra casa da minha tia? Ela: não! Posso ir à casa da Amanda? Ela: não! Eu fiquei com muita raiva e comecei a insistir e comecei a falar com gírias, aí ela não gostou e começou a me xingar, querendo me bater.

Aí tá bom, eu peguei no sono, ela me acordou e falou ‘filha, por que você está assim?’ Eu: ‘deixa mãe!’ Ela: ‘filha, seu pai tá fazendo alguma coisa com você?’ Eu: ‘não, mãe, tá maluca?!’ Ela: ‘eu te amo, aconteça o que acontecer, eu largo tudo por você, filha.’

‘Eu sei mãe, sei’. Ela sai pra Nova Iguaçu buscar meu irmão e eu chamei vários garotos, Samuel, João Vitor e João Carlos. Eles trouxeram bebidas, eu comecei a beber e fiquei bêbada. Minha mãe chegou e me bateu, me botou de castigo e me arrependi e penso que tudo que aconteceu foi culpa dele porque ele fez um feitiço pra mim e me arrependo e minha mãe não me perdoou e até hoje eu choro todas as noites.”

Relato 46: (b)

“Um dia tava na escola tinha acabado de voltar do intervalo. Bom, a gente estava na aula de ciências e a professora estava explicando para a turma sobre os cuidados com a escola, bom, enquanto ela estava explicando tudo para a gente, escutamos um barulho o clima já ficou meio tenso. Bom, ela voltou a explicar depois a gente escutou outro barulho. BUM! BUM! A professora abriu a porta e tava todo mundo saindo correndo e a professora também. Chegando lá embaixo chorando desesperada, minha amiga perguntou: ‘o que foi, Ana?’ eu falei: ‘Thayssa, a escola tá pegando fogo.’ Ela falou: ‘ai meu Deus, ana. Mas qual sala foi?’ Falei: ‘não sei Thayssa.’ Ela falou: ‘calma, Ana. Não dá Thayssa, as mulheres mandaram a gente lá pra fora e quando a gente tava indo lá pra fora, minha amiga Bruna falou: ‘Ana Clara, não importa o que aconteça, não sobe lá em cima!’ Falei: ‘Tá bom, Bruna.’ Já chorando. Fomos lá pra fora e aí minha amiga me falou: ‘Ana Clara, a sala que

pegou fogo foi a sala da turma 1702’. CHOREI MUITO. Falei com a Thayssa, ela falou: ‘oi Ana’. Thayssa, eu já sei que sala pegou fogo’. Ela falou: ‘qual ano?’ Thayssa, foi a sua sala. Thayssa já chorando muito. Liguei para minha mãe desesperada e chorando falou: mãe, minha escola pegou fogo!. Ela falou: Filha, vou mandar o Fábio (sic) aí te buscar. Não sai daí, tá bom? Tá bom, mãe. Meu padrasto chegou e eu chorando muito. Já ele gravou um vídeo ao vivo para mandar para a prefeitura. Bom, depois fomos pra casa. Cheguei chorando em casa, minha mãe me deu água com açúcar. Depois troquei de roupa e fui dormir. Quando acordei, tava tudo bem.”

Relato 47: (a) (d)

“Quando eu tinha seis anos de idade, eu fui passar alguns dias no passeio da igreja que era em um sítio com direito a tudo que tinha lá. Então eu fui com a minha avó, meu irmão, minhas duas irmãs e alguns colegas da igreja. Chegando lá, tinha de tudo até mesmo piscina, tinha uma para crianças e uma para adultos, a piscina de crianças era menor do que a piscina de adultos, então no dia seguinte, eu, minha avó, meus irmãos e os colegas de igreja fomos à piscina. Chegando lá, eu entrei na piscina de crianças e minha avó e meus irmãos foram para a piscina de adultos porque meus irmãos já tinham tamanho suficiente para ficar na piscina de adultos e eu fiquei lá na piscina de criança sozinha e isolada até chegar um menino cheio de perebinhas na perna e pulou na piscina. Então eu fiquei com nojo e fui contar para minha avó e eu pedi para ficar lá na piscina de adultos com ela e de tanto pedir ela deixou. Então eu fiquei agarrada na escada da piscina e fiquei mergulhando e voltando toda hora, mas continuei segurando na escada para não se afogar e então minha avó falou para parar senão eu ia se machucar e eu não ouvi quando eu bati com a testa na escada e abriu um buraco na minha testa e saiu muito sangue mas a minha sorte foi que tinha uma enfermeira no meio da gente e era pra mim levar ponto, só que não levei e depois disse: eu fiquei cuidando até o machucado curar e fiquei bem.”

Relato 48: (a)

“Nesse final de semana eu fui para Campo Grande para ver meus primos. Quando eu cheguei na casa da minha vó, eu quase caí com o abraço que meu primo me deu.

– Oi vó – Eu falei com ela só que o meu pai me chamou para ajuda-lo a lavar o carro. Ele me molhou toda então eu comecei a ficar com raiva dele.

Depois que eu entrei para casa da minha vó de novo, minha tia Marlene estava indo para a casa de uma outra tia minha que se chama Ana.

Chegando lá, minha prima Franciele falou comigo e me amostrou o telefone novo dela. O meu primo João foi comigo para lá. Ele pediu o telefone da minha tia Marlene e botou em uns vídeos esquisitos e meio doidos do Youtube.

Minha prima pegou o telefone e começou a mexer nele então eu fiquei quieta.

– Vamos colocar no Netflix? – Ela me perguntou já ligando a televisão.

– Pode ser. – eu a respondi.

Ela colocou em um filme de bailarina que estava muito interessante. Enquanto eu estava vendo o filme, a minha tia Marlene estava no computador com um outro primo meu chamado Felipe, imprimindo algumas flores. Quando o filme tava no final minha tia me chamou e fomos todos para casa.

Chegando em casa, fui para a igreja e foi ótimo. Quando cheguei em casa dormi. Fim.”

Relato 49: (a) (e)

“Cheirinho de pão fresco hoje em dia faz falta!”

“Estava passando pela padaria onde sempre ia com meu falecido avô, ah, como isso traz lembranças! Anos atrás meu avô sempre me levava, aquele velho padeiro que sempre me dava pão de queijo e aquele cachorro que ficava na porta para cumprimentar a todos, me lembro de cada palavra que meu velhinho dizia todas as manhãs, ‘você está sentindo cheirinho de pão fresco!’ as vezes mesmo ele não tendo dinheiro, ele comprava, mas isso tudo mudou após meu querido avô morrer, me sentia cada vez mais triste a me lembrar que iria passar pela aquela velha padaria, quando via pessoas parecidas com ele corria até elas gritando seu nome, na esperança de ser ele, mas a cada grito e choro era uma decepção, já não comia mais, era só chorar e chorar, pra mim não havia mais esperanças. Meses depois, foi a minha avó, já não queria mais ir para a escola, para completar, meus amigos que diziam que estariam do meu lado, estavam se afastando de mim, escrevo no meu diário todo dia só para desabafar. Bem, não gostava de desabafar com meus pais, pelo simples fato de eles não me escutarem, odiava isso neles, por julgar as pessoas pelas suas primeiras impressões. Até que um dia tudo melhorou. Fiz amizade com uma garota, gostava muito dela, só que um dia ela chega pra mim e fala:

- Eu te odeio! Depois desse dia, não comia mesmo, meu diário simplesmente havia acabado as folhas, só queria acordar daquele pesadelo. Hoje em dia, minha vida melhorou,

após ter feito amizades com maravilhosas pessoas. Meu diário? Sim, parei de escrever nele e me sinto bem mais feliz.

Relato 50: (b) (c)

“A amizade”

“Um dia eu estava na escola sozinha meu primeiro dia de aula estava eu e meu irmão aí conheci uma menina que se chama Amanda, uma garota simples, deferente de todos, mas foi amor primeira vista, mas eu fui e pensei, ‘essa aí vai ser minha melhor das melhores’. Aí quando ela veio na minha direção, começou a bater papo comigo, nossa, cheia de vergonha naquele canto escuro para que minha vida brilhe, naqueles dias amei, cheguei em casa contei as novidades para minha mãe.

Até minha mãe elogiou ela no dia que quando ela foi lá em casa, aí comecei a ir na casa dela e tipo várias intimidades, eu amei, mas eu achei engraçado e estranho que quando olhei pra ela, meu Deus! Pensei logo ‘essa vai ser minha amiga’ e hoje quero dizer que te amo tanto.

Amiga, depois daquele dia que eu comprei nosso anel de amizade, eu nunca mais tirei e até hoje eu tenho esse anel todo enferrujado, sujo e guardado no lugar secreto, no meu coração e hoje quero dizer que mesmo daqui alguns dias, anos etc.

Eu sempre vou te amar minha pão careca, minha neguinha, te amo minha love.”

Relato 51: (c)

“Bem, tudo começou quando uma família se mudou pra minha rua, antes eu não era próxima deles quando comecei a conversar com eles, comecei a me apegar demais neles, ainda mais ao filho dela, o Gabriel. Até que ele me chama pra conversar, ele falou algo que eu não esperava. Gabriel: - Olha Emilly, eu sei que talvez o que eu esteja falando seja loucura, mas tudo bem, Emilly, estou gostando de você!

Aquelas palavras nunca saíram da minha cabeça, no dia seguinte, fui na casa deles e descobri

que sua mãe havia morrido, enquanto eu e ele chorávamos, minha mãe me consolava, vejo suas coisas serem carregadas para fora de sua casa.

Emilly: - Gabriel, o que está acontecendo?! Ele olha pra mim e começa a chorar.

Emilly: - Gabriel, fala logo!!

Gabriel: - Emilly, eu vou me mudar pra longe!

Emilly: - Você não pode! Você não pode me deixar! Falo chorando.

Gabriel: - Me desculpe!

Ele me abraça e sai, mas eu o impeço de ir, mas ele se solta, sai correndo e entra no carro, ele olha pra mim pelo vidro do carro e vai embora, depois disso nunca mais tive contato com ele.

Relato 52: (e)

Num hospital público, onde todos os dias tem um médico que todos os dias corre contra o tempo todo dia. Teve um dia, a mulher do médico sofreu um acidente, o médico ficou tão desesperado e sem perguntar a família se podia operar, operou a esposa e a esposa não aguentou aos ferimentos e morreu. A mãe da mulher processou o médico, mas o médico encontrou outra mulher e se apaixonou e ficou com ela.”

Relato 53: (a) (e)

“Mina vida se resume em três palavras, amor (sic), paz e felicidade. Eu, Maria Eduarda, sou cheia de sonhos para realizar, só que meus sonhos eu tenho que ser a autora e narrar tudo que nele vai acontecer, tipo meu maior sonho é ser uma grande empresar do ramo de marketing, ajudar as pessoas pobres, carentes, mendigos, pois no nosso país, no Rio de Janeiro, tem muita gente que tem dinheiro e não gosta de ajudar seu próximo. Como diz a bíblia sagrada, este escrito amarás teu próximo como a ti mesmo. Muitas pessoas não estende a mão para outro porque muitas das vezes tem medo de pegar na mão do mendigo pensando que ele está com doença, humilha os pobres. Isso as pessoas pisam mais mal elas sabem mendigo que ela chama de derrotado pode ser um médico, doutor, advogado, e nós seres humanos estamos pisando neles como se eles fossem uma barata que a gente pisa pisa sem compaixão até ela morrer. Assim, a gente tem pessoas que gosta de julgar muita gente, mas não olha para si mesma, como foi o caso do goleiro Bruno. Muitas pessoas julgaram ele, tudo bem que ele errou, mas quem nunca teve um pecado que atire a primeira pedra. Mas como eu sei que ninguém vai atirar, pois todo mundo comete pecado e o goleiro Bruno foi muito injustiçado. Teve muita gente que não deixou ele seguir com a sua vida e não queria que ele fosse treinador de futebol queria acabar com a carreira dele, mas não conseguiram assim e muitas pessoas que a gente convive não querem ser nada no futuro e ainda impedem de outras pessoas de chegarem ao topo. Estou falando de gente invejosa que inventa tudo, que você tem filho, só observando como você trabalha e se você não trabalha direito, entrega para seu patrão.

Eu acho que nós seres humanos devemos ter mais amor um para com o outro, por que aonde nós vivemos é um lugar que não tem paz, dignidade; já não se tem mais honestidade. Foi- se embora quando Sergio Cabral começou a governar o Rio de Janeiro e faliu os cofres públicos, os funcionários estão sem receber seu salário até hoje. A nossa Cidade Maravilhosa já não está mais como era. Nossos adultos e adolescentes estão morrendo cedo. Meninos e Meninas estão entrando para o tráfico de drogas. Pais matando filhos e filhos matando Pai; filha matando mãe e mãe matando filha. Isso significa que o Rio de Janeiro está virando uma poça de sangue, porque não se tem mais amor com o outro hoje em dia. Todo mundo tem medo de sair sozinha na rua com medo de ser assaltado ou assassinado, pois estamos sem policiais nas ruas e sem pavimento. Os bandidos não estão brincando estão matando mesmo crianças, adolescentes, idosos, seja quem for, mas porque não tem mais policiais pois estes estão morrendo. Só no ano de 2016 e 2017 mais de 80 policiais mortos. Agente estamos ao deus dará. Sem segurança nenhuma tem pessoas que tem pavor de sair na rua e nunca mais voltar para casa viva, porque nossos governadores ao invés de estar cuidando da gente estão gastando dinheiro com eles e esquecendo de nós.

Relato 54: (a)

Minha vida é assim. Eu acordo, me arrumo, vou para a escola, volto para casa, ajudo minha mãe, vou jogar videogame e vou dormir.

Relato 55: (b)

Incêndio na Escola

Um dia terrível, eu estava na escola era uma quinta feira estava na sala de aula e de repente escutei um barulho de tiro. Todo mundo ficou assustado e a professora mandou geral abaixar depois começou a fumaçar(sic), depois todo mundo saiu de sala de aula correndo e apavorado e depois geral foi correndo por pátio e ficou uma multidão danada e eu fui parar no meio da multidão e fiquei presa no portão. Comecei a gritar e chorar e os meus amigos me ajudaram e me levaram para casa.

Relato 56: (b) (e)

O dia em que quase perdi a hora

Em uma manhã de segunda, eu estava dormindo igual a uma pedra não escutava nada, mas do nada eu acordo e vejo que já são 7.20 da manhã e quando vou olhar na janela vejo o ônibus passando.

Sai correndo, troquei de roupa, pedi dinheiro para ir a escola de van, saí de casa correndo, saí do condomínio, peguei a van e fui para a escola. Mas graças a Deus cheguei na escola para o primeiro tempo.

Relato 57: (c)

Festival de Pipa

Eu e minha equipe treme terra estava indo para um festival de pipa quando nós chegamos já tinha começado. Agente começou a colocar a pipa no alto para bater forte com a a outra equipe. Quando acabou o festival nós ficamos conversando e depois fomos embora.

Relato 58: (a) (c)

A minha vizinha Sara

Era uma vez de noite minha vizinha bateu em minha porta para me chamar para ir a rua com ela, ai eu pedi a minha mãe para eu ir com ela, ai ela falou assim vou deixar você ir mas volte 10.00. Ai não sabe o que aconteceu um carro preto seguiu a gente e ai corremos muito. Enfim o nome da minha vizinha é Sara ai nós corremos e corremos e do nada o carro parou de nos seguir. Quando deu 9.50 eu fui para um lado e ela foi para o outro.

Eu cheguei em casa 10.30, minha mãe perguntou aonde eu estava e eu desesperada falei que ela foi para um lado e eu para o outro. Ai chegou a Sara desesperada por causa do carro quando chegou no condomínio sabem que era meu tio, irmão da minha mãe de palhaçada botando medo . E eu estou de castigo porque cheguei 10.30 em casa.

Eu fui dormir e fiquei pensando no que o meu tio queria colocando medo na gente. Quando amanheceu eu fui na casa da minha vizinha Sara para perguntar se ela estava bem.

Muito bem depois do susto ela conheceu e se apaixonou pelo meu tio e agora são casados. Um começo ruim terminou em um final feliz.

ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) participante (ou responsável),

Solicito autorização para realizar atividades de pesquisa vinculadas à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sob o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que consistem na elaboração de relatos, em forma de textos e ilustrações, dos alunos da Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva, durante as aulas da disciplina eletiva “Oficina de construção de narrativas de memória”.

As informações coletadas serão apresentadas apenas para fim acadêmico, ou seja, compor um conjunto de relatos de memória dos alunos da escola para que sejam analisados pelo professor da disciplina que em seguida os apresentarão em sua dissertação de mestrado em ensino de história.

Para a execução desse trabalho será organizada uma oficina de construção de narrativas a partir dos relatos dos alunos. Serão entregues aos alunos folhas de papel, lápis, canetas para escrever e colorir como quiserem. A partir de então serão orientados a relatarem ou ilustrarem uma história que eles tenham vivido ou que souberam de alguma forma. Os alunos estarão inteiramente livres para a criação dos seus textos. Esta oficina funcionará uma vez por semana com duração de 100 minutos (dois tempos de 50 minutos) num período de um semestre, dentro do qual serão executadas as etapas dessa oficina.

A apresentação da oficina de construção de narrativas de memória. Nesse momento serão colocadas algumas questões aos alunos, como: O que você acha que é história? A história é somente das coisas que já passaram? O que é memória? Qual a diferença da memória pessoal para a memória coletiva? Quando estudamos sobre a memória dos alunos de uma escola, podemos entender a história da comunidade onde fica a escola?

Durante esses seis meses de trabalho serão registrados em todos os encontros semanais como andaram as construções das narrativas dos alunos, tanto textuais quanto imagéticas dos alunos assim como seu processo criativo. Sempre orientando aos alunos e tirando suas possíveis dúvidas acerca do que fazer.

Os benefícios da participação dos alunos na pesquisa será o estímulo ao interesse pela história e memória local da comunidade onde vivem, além do resgate da memória de suas famílias, amigos etc. Isso é muito importante para o crescimento da identidade do aluno com sua comunidade, tanto dentro como fora dos muros da escola. É importante salientar que não há qualquer risco de dano com relação à participação dos alunos nesta pesquisa, visto que a participação deles é totalmente voluntária, onde a qualquer momento eles podem decidir por não participar ou que seus relatos não sejam utilizados.

A realização dessa pesquisa será dentro da Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva, durante as aulas da disciplina eletiva “Oficina de construção de narrativas de memória” e será garantido o sigilo das fontes, ou seja, não serão divulgados os nomes em nenhuma circunstância durante o desenvolvimento ou publicação da pesquisa. Esse consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem nenhum prejuízo pessoal ou institucional e que não acarretará custos ao participante, bem como não haverá compensação financeira pela participação do sujeito.

CONTATOS PARA OBTER MAIORES INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Pesquisador responsável: BRUNO DE MORAIS MARTINS FERREIRA

EMAIL: bruhist@gmail.com TELEFONE: (21) 96436-9772

Orientador: PROF. Dr. Arthur Gomes Valle

EMAIL: artus.agv.av@gmail.com

TELEFONE:(21)99555-0787

ANEXO IV – PROTOCOLO GERAL E PROTOCOLO HUMANOS UFRRJ

Protocolo No. 23083.02344/2018
-40

PROTOCOLO DE EXPERIMENTAÇÃO ENVOLVENDO SERES HUMANOS

I. PESQUISADOR E OBJETIVOS:

A. Coordenador: REBECA GONTIJO TEIXEIRA.

B. Instituto: INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.
Departamento: DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.
Laboratório: PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA.
Telefone: (21) 2682-1042 / 2682-1701
e-mail: profhistoriaufrrjcoordenacao@gmail.com

C. Título do projeto:

OS USOS DA MEMÓRIA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL NA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO.

D. O protocolo é:

Novo
 Revisão, anterior nº:
 Renovação, anterior nº:

E. Descreva o(s) objetivo(s) da pesquisa.

Essa Pesquisa tem como objetivo geral desenvolver atividades nas quais o aluno seja capaz de produzir suas narrativas de memória dentro dos tempos de aula disponíveis para a sua execução. Como objetivos específicos, essa pesquisa visa desenvolver, a partir das etapas construção das narrativas das memórias dos alunos, a produção de um acervo de memória da escola e da comunidade local, que será deixado como legado às gerações futuras, além de analisar as concepções de tempo e história, sobretudo a história do presente, tendo em vista os registros das histórias dos alunos fundadores da escola.

F. Equipe

Profº Arthur Gomes Valle / Departamento de História – PPG – PROFHISTÓRIA / UFRRJ – Orientador

Bruno de Moraes Martins Ferreira / PPG – PROFHISTÓRIA / UFRRJ – discente orientando.

II. SUJEITOS E MÉTODOS

A. Especificação do tipo de estudo:

Esse projeto de dissertação de mestrado trata de uma proposição de oficina de construção de narrativas pessoais de alunos dos anos finais do ensino fundamental, do sétimo ao nono ano, na Escola Municipal

Medalhista Mayra Aguiar da Silva, localizada em Campo Grande, zona oeste do município do Rio de Janeiro. A importância da construção dessas narrativas das memórias dos alunos se dá na medida em que na realização dessa oficina, os alunos serão protagonistas na construção do conhecimento histórico tanto local quanto escolar.

Justificamos esse trabalho pela importância de trazer aos alunos da Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva, o protagonismo na construção do registro das suas próprias memórias e também da memória da escola. O projeto irá possibilitar que eles desenvolvam a consciência de tempo histórico, através de um estudo de história local e de narrativa de vida.

Acreditamos que a escolha de nosso tema de pesquisa, os usos dos registros de memória a partir da sua construção feita pelos alunos da escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, enquanto recurso didático mobilizador do saber histórico escolar, tem como ação futura a possibilidade de elaboração de um acervo de memória da escola, além da construção da história presente tanto dos alunos como também da identidade da comunidade com a instituição de ensino.

Levando em consideração que os múltiplos processos que envolvem o ensino e a aprendizagem da História são recursos didáticos habituais e recorrentes na prática escolar, eles necessitam serem aprofundados em seus pressupostos, limites e consequências específicas para a aprendizagem histórica. Quanto à construção das narrativas memorialísticas enquanto recursos didáticos, estes possibilitarão a noção dos deslocamentos históricos locais que auxiliarão na percepção desses deslocamentos em diferentes escalas históricas pelo currículo escolar de história.

B. Local da pesquisa:

A oficina de construção de narrativas de memória ocorrerá dentro da Escola Municipal Medalhista Olímpica Mayra Aguiar da Silva, localizada no bairro de Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Essa oficina funcionará da seguinte forma. As atividades da oficina acontecerão em dois tempos de 50 minutos, um dia por semana. Esse horário é destinado às disciplinas eletiva, que faz parte do projeto de vida do programa ginásio carioca no qual trabalho como professor de História.

C. Características gerais da população envolvida na pesquisa:

[30] número de indivíduos

[12 a 14 anos] faixa etária

[ótimo] estado geral de saúde

[] outros

D. Critérios de inclusão e exclusão:

O aluno terá a livre iniciativa de escolher se inscrever na oficina, que será exposta junto às outras disciplinas eletivas da escola para o semestre. A partir da sua inscrição, a criança ou o adolescente estarão aptos a realizar as tarefas da oficina, irão registrar numa folha de papel qualquer acontecimento que tenha acontecido nas proximidades da sua escola. Da mesma forma que o aluno se inscreveu, pode também sair da oficina, sem nenhuma oneração à sua saúde e sua integridade física.

E. Descrição em detalhes e com destaque dos métodos que afetam os sujeitos do experimento:

A metodologia e caracterização das fontes estão descritas no projeto de pesquisa encaminhado junto a esse documento.

F. Identificação clara das fontes de obtenção do material da pesquisa:

Alunos dos anos finais do ensino fundamental, da Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva, localizada em Campo Grande, Rio de Janeiro, RJ.

III. DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Estou familiarizado com os princípios aprovados pela COMEP-UFRRJ em 08/10/2008. Concordo em aceitar essas normas na condução dos estudos descritos anteriormente.

Afirmo que esse estudo não é desnecessariamente duplicativo, tem mérito científico e a equipe que participa desse projeto foi treinada e é competente para executar os procedimentos descritos nesse protocolo.

Nome: ARTHUR GOMES VALLE

Prof. Associado DARTES/ICHS/UFRRJ - Siape: 1447437

Assinatura:



Data:

13/08/2018

Nome: _____

Assinatura _____

Data: _____

IV. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

- A. Descrição da atividade, com linguagem acessível, inserida no projeto de pesquisa que envolverá a participação da pessoa.

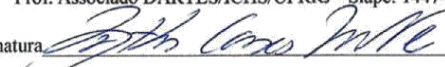
- B. Manifestação clara de concordância com a participação de sua pessoa na pesquisa, ou no caso de menores de idade e pessoas de grupos vulneráveis, a clara autorização da referida participação através das pessoas responsáveis.

- C. No caso de grande número de voluntários a autorização deverá ser realizada pelos responsáveis pelos grupos (diretores de escolas, líderes comunitários, pais e etc.).

Nome: ARTHUR GOMES VALLE

Prof. Associado DARTES/ICHS/UFRRJ - Siape: 1447437

Assinatura:



Data:

13/08/2018

Nome: _____

Assinatura _____

Data: _____

COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / COMEP-UFRRJ

PROTOCOLO PARA SUBMISSÃO DE PROJETO DE PESQUISA À COMISSÃO DE ÉTICA

PROTOCOLO Nº: 23083.02344/2018 -40 RECEBIDO EM:

1. Título do Projeto: OS USOS DA MEMÓRIA NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL NA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO.

1.1. Coordenador do projeto: PROFº ARTHUR GOMES VALLE (orientador)
BRUNO DE MORAIS MARTINS FERREIRA (mestrando)

1.2. Instituto/Departamento: INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS / DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA / Mestrado Profissional em Ensino de História

2. Tipo de Projeto

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Individual | <input type="checkbox"/> Em equipe | |
| <input type="checkbox"/> Pós-doutorado | <input checked="" type="checkbox"/> Mestrado | <input type="checkbox"/> Iniciação científica |
| <input type="checkbox"/> Pesquisador visitante | <input type="checkbox"/> Técnico | <input type="checkbox"/> Trabalho de conclusão de curso |
| <input type="checkbox"/> Doutorado | <input type="checkbox"/> Especialização | <input type="checkbox"/> Outros |
- Especificar:

3. Área Temática: ENSINO DE HISTÓRIA

4. Há outros Projetos relacionados a este?

- Sim Não
- Especificar:

5. Recebido por:

ANEXO V – CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____ abaixo assinado, autorizo a realização da pesquisa com a minha pessoa na Escola Municipal Medalhista Mayra Aguiar da Silva, e declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Profº Bruno de Moraes Martins Ferreira

EMAIL: bruhist@gmail.com

TELEFONE: (21) 96436-9772

Local e data _____, _____ de _____ de 20____.

Nome: _____

E-mail (caso possua): _____

Telefone: _____

**ANEXO VI – TERMO DE ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA
COMO SUJEITO**

**TERMO DE ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO**

Eu, abaixo assinado, autorizo a realização da pesquisa com o menor

_____, na Escola Municipal
Medalhista Mayra Aguiar da Silva, e declaro que fui devidamente informado(a) e
esclarecido(a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim
como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido que posso
retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Profº Bruno de Moraes Martins Ferreira

EMAIL: bruhist@gmail.com

TELEFONE: (21) 96436-9772

Local e data _____, _____ de _____ de 20____.

Nome: _____

E-mail (caso possua): _____

Telefone: _____

Assinatura: _____